PETTER BAIESTORF

COFFIN SOUZA

MANIFESTO CANIBAL

COMO REALIZAR CINEMA EM TEMPOS DE CRISE E CAOS

2ª EDIÇÃO
AMPLIADA E ATUALIZADA

00:55
LEYLA BUK.

COPYRIGHT 2021 POR PETTER BAIESTORF

TODO O CONTEÚDO DESTE LIVRO PODE SER COPIADO E/OU UTILIZADO, DESDE QUE NÃO GERE LUCRO E QUE SE CITE A FONTE.

OS AUTORES NÃO SE RESPONSABILIZAM POR OPINIÕES, IDEIAS OU AÇÕES QUE A LEITURA DESTA OBRA POSSA INSPIRAR EM TERCEIROS (TODA AÇÃO E CONSEQUÊNCIA DEVEM SER ASSUMIDAS POR QUEM AS PRATICA).

AUTORES: **PETTER BAIESTORF E COFFIN SOUZA**

PRODUÇÃO EXECUTIVA: **PETTER BAIESTORF E FABIANO SOARES**

EDIÇÃO E REVISÃO: **FABIANO SOARES**

DIAGRAMAÇÃO: **E. B. TONIOLLI**

TRATAMENTO DE IMAGENS: **GURCIUS GEWDNER**

CAPA: **ANGELO AREDE**

ILUSTRADORES: **LEYLA BUK, RIOT SISTAH, KELL CANDIDO, CLÁUDIA "POMBA" BORBA, AIRTON BRATZ E ROGÉRIO BALDINO.**

FOTOGRAFIAS: **ANDYE IORE, DANIEL YENCKEN E ARQUIVOS DA CANIBAL FILMES.**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

B152m Baiestorf, Petter

Manifesto Canibal: como realizar cinema em tempos de crise e caos / Petter Baiestorf, Coffin Souza ; ilustrado por Leyla Buk ... [et al.]. – 2. ed. ampl. e atual. – Rio de Janeiro : Boneco de Pano, 2021.
160 p. : il. ; 15,5cm x 23cm.

Inclui índice.
ISBN: 978-65-995922-0-1

1. Cinema brasileiro. 2. Teoria Cinematográfica. 3. Cinema Independente. 4. Produtora Independente. 5. Canibal Filmes. 6. Shot On Video. I. Souza, Coffin. II. Buk, Leyla. III. Sistah, Riot. IV. Candido, Kell. V. Borba, Cláudia "Pomba". VI. Bratz, Airton. VII. Baldino, Rogério. VIII. Título.

CDD 791.430981
2021-3319 CDU 791.43(81)

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:
1. Cinema brasileiro 791.430981
2. Cinema brasileiro 791.43(81)

MANIFESTO CANIBAL FOI EDITADO ORIGINALMENTE COMO FANZINE:
1ª EDIÇÃO (EDITOR: PETTER BAIESTORF, JUNHO DE 2002); 2ª EDIÇÃO (EDITOR: RODRIGO ROMANIN, OUTUBRO DE 2002); 3ª EDIÇÃO (EDITOR: E.B. TONIOLLI, SITE DA CANIBAL FILMES, DEZEMBRO DE 2002); 4ª EDIÇÃO (EDITORES: JACK ZOMBIE E ROGER PSYCHO, ANEXO AO ZINE "CRIATURAS PSICOTRÔNICAS DE OUTRO ESPAÇO", JANEIRO DE 2003); 1ª EDIÇÃO COMO LIVRO DE BOLSO (EDITOR: ROBSON ACHIAMÉ, EDITORA: ACHIAMÉ, MAIO DE 2004).

AS DICAS DESTE LIVRO SE ADEQUAM EM QUALQUER OUTRA ARTE INDEPENDENTE, NÃO SE LIMITANDO APENAS AO CAMPO DE CINEMA/VÍDEO.

NÃO TEMOS A PRETENSÃO DE ENSINAR; NOSSA PRETENSÃO É CONFUNDIR!

TODAS AS NOTAS DE RODAPÉ FORAM ESCRITAS POR PETTER BAIESTORF (SALVO QUANDO INDICADO).

O TEXTO ESTÁ DE ACORDO COM A ORTOGRAFIA CRIADA EM NOSSA CABEÇA.

PETTER BAIESTORF COFFIN SOUZA

MANIFESTO CANIBAL

COMO REALIZAR CINEMA EM TEMPOS DE CRISE E CAOS

2ª EDIÇÃO
AMPLIADA & ATUALIZADA

LANE ABC E COFFIN SOUZA EM VADIAS DO SEXO SANGRENTO (2008)

ESTE LIVRO É DEDICADO AO CINEMA DE

GEORGE KUCHAR, JACK SMITH, JESUS FRANCO, JOHN WATERS, DORIS WISHMAN, MAYA DEREN, OZUALDO CANDEIAS, KÔJI WAKAMATSU, DUSAN MAKAVEJEV, CHRISTOPH SCHLINGENSIEF, JOSÉ MOJICA MARINS, VERA CHYTILOVÁ, NILO MACHADO, PAM GRIER, JAIRO FERREIRA, SIMIÃO MARTINIANO, OSCAR MICHEAUX, ROBERTA FINDLAY, RUDY RAY MOORE, PIOTR SZULKIN, SEU MANOELZINHO, GURCIUS GEWDNER, FELIPE M. GUERRA, EDGARD NAVARRO, ALICE AUSTRÍACO, LARISSA ANZOATEGUI, POMBA CLÁUDIA, DAVID DECOTEAU, CHRISTIAN CASELLI, DONALD FARMER, PHIL SMOOT, HARRY COLLINS, MICHAEL STANLEY, EDWARD D. WOOD JR., ROGER CORMAN, CHRISTOPHER LEWIS, CHESTER NOVELL TURNER, JUMA JANDAÍRA, JOE D'AMATO, DAVID A. PRIOR, ANDREW JORDAN, TOM BERNA, FAUZI MANSUR, ROBERTO MAURO, OSVALDO DE OLIVEIRA, RAFAELLE ROSSI, EDDIE NICART, EDDIE ROMERO, GEORGE BARRY, DEODATO LENZI, RICARDO ISLAS, ELISEU DEMARI, ALEXANDRE BRUNORO, CHARLES BAND, KAPEL FURMAN, DANIELA TÁVORA, ARMANDO FONSECA, MÁRTA MÉSZÁROS, GUILHERME WHITAKER, DELLANI LIMA, MUSCHA, CÍNTIA DOMIT BITTAR, SHÛJI TERAYAMA, GUY MADDIN, MATHEUS MARCHETTI, PAUL BARTEL, GÉRARD KIKOÏNE, ÇETIN INANÇ, JONAS DE FREITAS, SHUNNA, SOGO ISHII, DEL TENNEY, WILLIAM GREFÉ, AL ADAMSON, RAY DENNIS STECKLER, DON DOHLER, ULRIKE OTTINGER, JURAJ HERZ, KRISHNA SHAH, LILIANA CAVANI, KENNETH ANGER, AUGUSTUS OMOJOWO THOMAS, BEATRIZ SALDANHA, LAURENT TISSIER, TAKURO FUKUDA, JEAN ROLLIN, MARY ELLEN BUTE, BRIGITTE LAHAIE, ANNIE SPRINKLE, JOSÉ SAWLO, LUCIANO IRRTHUM, JÖRG BUTTGEREIT, FABIANO SOARES, TONY VIEIRA, JEFF GRIENIER, RUBÉN GALINDO JR., PETER FLEISCHMANN, MARZIEH BOROOMAND, MOHAMMAS-ALI TALEBI, MÁRCIO JR., MICHAEL PAUL GIRARD, BRETT PIPER, NOEL MARSHALL, MAURICE CAPOVILLA, CLARA CHROMA, RAJÁ DE ARAGÃO, ORLOK SOMBRA, JUAN BAJON, CLEYTON XAVIER, JACK H. HARRIS, DICK SMITH, RICK BAKER, TOM SAVINI, ROB BOTTIN, JOHN CARL BUECHLER, RON RICE, AFONSO BRAZZA, RENALTO ALVES, SANDRA MIDORI, CLAUDETTE JOUBERT, WING-CHO YIP, E.B. TONIOLLI, FREDRIC HOBBS, MARIA TRIKA, STAN BRAKHAGE, JOHN WINTERGATE, MARCEL MARS, HIDEO GOSHA, LEO PYRATA, FLÁVIO "FLAMINGO", MIKE KUCHAR, AGNÈS VARDA, SHAUN COSTELLO, JANINA GAVANKAR, RICHARD S. FLINK, LUCIANO DE MIRANDA, JIM MURO, HANS RICHTER, LYDIA LUNCH, RICARDO GHIORZI, SHIN'YA TSUKAMOTO, WENDER ZANON, ROSÂNGELA MALDONADO, MELVIN VAN PEEBLES, PÉTERSON PAIM, MASASHI YAMAMOTO, JOHN DOO, FRED OLEN RAY, SUSAN HELEN EMERSON, RUSS MEYER, TED V. MIKELS, JEAN GARRETT, NOBUO NAKAGAWA, CARMEN D'AVINO, ANÃO CHUMBINHO, ZÉ COLMEIA PUNK, WILZA CARLA, JAMES K. SHEA, WILSON GREY, ÉLIDA BRAZ, SATÃ, VIC SAVAGE, TONY CONRAD, LARRY BUCHANAN, NATHAN SCHIFF, JOHN "BUD" CARDOS, GERALD KARGL, BRUCE LA BRUCE, JOSÉ ADALTO CARDOSO, STAN VANDERBEEK, JACK HILL, HERB ROBINS, ANNA BILLER, GREGG ARAKI, LUCIO FULCI, CEM KAYA, VIKING EGGELING, FRANK HENENLOTTER, GARY P. COHEN, IAN HUGO, ODY FRAGA, VÁCLAV VORLÍCEK, JEAN COCTEAU, ANDREAS SCHNAAS, NABWANA I.G.G., MENG-HUA HO, TODD SHEETS, LUIZ CASTELLINI, DON BARTON, CARL J. SUKENICK, TURA SATANA, JULIO WONG, TIM KINCAID, ANA ROSENROT, H.G. LEWIS, MÁRCIA DERETTI, ED EMSHWILLER, ELYSEU VISCONTI CAVALLEIRO, MICHAEL FINDLAY, JAMES BIDGOOD, RICHARD WINER, ESA JUSSILA, IVO COSTA, NELSON LYON, BARRY MAHON, CURT MCDOWELL, LEO MIGUEL, LEN LYE, PETER ROWE, MIKLÓS JANCSÓ, SUN RA, CARLI BORTOLANZA, MAGNUM BORINI, RAPHAEL ARAÚJO, RICK SLOANE, KEN JACOBS, DENNISON RAMALHO, DESH MUKHERJEE, FERNANDO RICK, CLEINER MICCENO, RUBENS MELLO, LLOYD KAUFMAN, BRUNO MATTEI, UDO KIER, DAVID F. FRIEDMAN, NOBUHIKO OBAYASHI, GREGORY MARKOPOULOS, JONAS MEKAS, HARRY H. NOVAK, CARLOS REICHENBACH, CLAUDIO CUNHA, VINI TRASH, BUD SPENCER, ROBERT BREER, MUSSUM, WERNER HERZOG, BRUCE CONNER, ROB CEUS, DEREK JARMAN, ALEJANDRO JODOROWSKY, FERNANDO ARRABAL, ROLAND TOPOR, FRANK RIPPLOH, SAM NEWFIELD, LARRY JORDAN, PAULO BISCAIA FILHO, CHRISTIANE CEGAVSKE, LARRY COHEN, JOHN SAYLES, ANDERSON DINO, KANETO SHINDO, RUDY BURCKHARDT, JOHN DEBELLO, BRUNO GANTILLON, WIM WENDERS, WALERIAN BOROWCZYK, LUÍS BUÑUEL, ANDRZEJ ZULAWSKI, FEDERICO FELLINI, PETER AZEN, JAN SVANKMAJER, NORMAN MCLAREN, DAVID CRONENBERG, MONTY PYTHON, JAROMIL JIRES, EDITH MASSEY, MARIE MENKEN, JOHN CARPENTER, SAM RAIMI, PETER JACKSON, GEORGE A. ROMERO, TOBE HOOPER, JÛZÔ ITAMI, PIER PAOLO PASOLINI, BETH B., EMIR KUSTURICA, JIM WYNORSKI, FRANCISCO CAVALCANTI, HAJI, RAMSAY BROTHERS, J.R. BOOKWALTER, ANDREA TONACCI, RENÉ CARDONA, PHIL TUCKER, DIVINE, JÚLIO BRESSANE, MONTE HELLMAN, ROGÉRIO SGANZERLA, TAKASHI MIIKE, GUSTAVO VINAGRE, RODRIGO ARAGÃO E OUTROS HUMANOS ILUMINADOS DO CINEMA.

A CURTIÇÃO DO AVACALHO (2006)

ÍNDICE

ERA UMA VEZ... NOS TEMPOS DO VHS 11

INTRODUÇÃO 17

MANIFESTO CANIBAL 19

KANIBARU SINEMA
(OU MÉTODOS PARA FAZER FILMES SEM DINHEIRO) 23

CONSIDERAÇÕES SOBRE O KANIBARU SINEMA:
SYSTEMA PARA ATORES 31

ALGUNS PONTOS IMPORTANTES 35

A RALÉ ESTÁ EM TODO LUGAR 41

QUEIMANDO MAIS UM CIGARRO 43

LIVRO DE RECEITAS KANIBARU 45

COMO VIAJAR DE GRAÇA FAZENDO FILMES BARATOS 51

GALERIA DE CINEASTAS 54

ANOTAÇÕES PARA UM POSSÍVEL ROTEIRO DE CURTA-METRAGEM 57

COMO REALIZAR ATOS DE DESOBEDIÊNCIA NO CINEMA BRASILEIRO 61

EXEMPLOS PRÁTICOS DE KANIBARU SINEMA 65

NORDESTERN E O TRIUNFO DO CINEMA NACIONAL 71

LENDAS FOLCLÓRICAS PARA SE INSPIRAR & FILMAR 75

VIDEOPOETAVIDA 81

DEUS VS. CINEASTAS VS. CRÍTICOS VS. VIDEASTAS VS.
PSEUDOINTELECTUAIS VS. PERSONAGENS VS. A TOTAL FALTA DE PÚBLICO 83

COMO É COOL SER CULT 89

SIMPATIAS PARA FAZER UM BOM FILME 91

O CAOS DE UM VIDEASTA 95

ODE AO CINE VÍDEO KANIBARU VISCERAL 99

O NASCIMENTO DA REVOLTA 101

OBRAS CINEMATOGRÁFICAS INSPIRADORAS 103

SUBSTÂNCIAS DO UNDERGROUND 147

AUTORES 153

SE HÁ ALGO QUE VOCÊ NÃO GOSTA, NÃO CUMPRA AS REGRAS – QUEBRE-AS. EU SOU UMA INIMIGA DA ESTUPIDEZ E DO SIMPLISMO EM HOMENS E MULHERES E EU PURIFIQUEI MEU ESPAÇO DE VIDA DISSO!

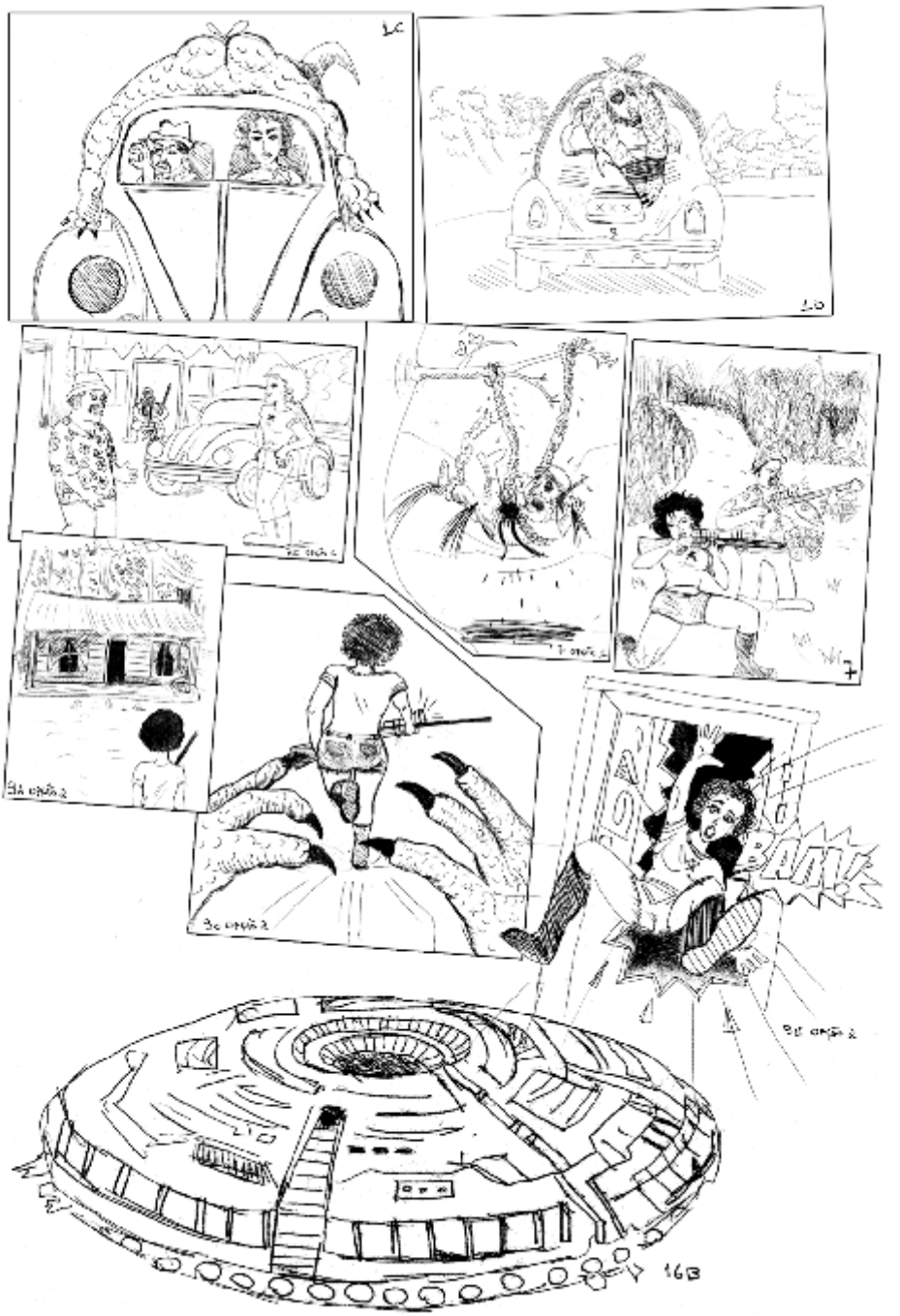
VERA CHYTILOVÁ

CÂMERAS NÃO FAZEM FILMES, OS CINEASTAS É QUE OS FAZEM. APRIMOREM SEUS FILMES NÃO ADICIONANDO EQUIPAMENTOS E PESSOAL, MAS PELO EMPREGO DO QUE VOCÊS DISPÕEM EM TODA SUA CAPACIDADE. A PEÇA MAIS IMPORTANTE DE SEUS EQUIPAMENTOS SÃO VOCÊS MESMOS: O SEU CORPO MÓVEL, SUA MENTE IMAGINATIVA E SUA LIBERDADE PARA VALER-SE DE AMBOS.

MAYA DEREN

ACABEI DE TER UMA IDEIA MALUCA E FIZ UM FILME!

DORIS WISHMAN



STORYBOARD DE POMBA CLÁUDIA PARA O FILME MEU AMIGO BARNABÉ, DE PETTER BAESTORF, AINDA NÃO FILMADO

ERA UMA VEZ... NOS TEMPOS DO VHS

FELIPE M. GUERRA[1]

No final dos anos 1980, quando "digital" e "computador" ainda eram termos de ficção científica, o cinema ainda era produzido em película e, portanto, coisa de rico – especialmente em tempos de hiperinflação, quando algo custava tal preço pela manhã e geralmente mais caro no fim do mesmo dia. A crise econômica inviabilizava até mesmo usar aqueles formatos mais "populares" de película, como Super 8 e 16mm, porque o custo da revelação do material era impeditivo.

E então o cinema brasileiro morreu…

O golpe de misericórdia foi dado pelo então presidente Fernando Collor de Mello, em 1990, ao extinguir a Embrafilme (Empresa Brasileira de Filmes) e, com ela, o apoio estatal à produção e distribuição cinematográficas. Quem tinha um dinheirinho guardado seguiu fazendo seus curtas-metragens, e a Boca do Lixo paulistana rodou pornôs em película até meados de 1994.

Porém, de modo geral, por uns três ou quatro anos ninguém produziu nada.

A segunda metade da década de 1990 marcou um pujante movimento de ressurreição da produção nacional, em período que ficaria conhecido como Cinema da Retomada. Até então, diante da inexistência de cinema "oficial"

[1] Felipe M. Guerra é um dos nomes mais populares do cinema independente brasileiro e realiza curtas e longas de baixíssimo orçamento desde os anos 1990. Seu último longa, o documentário "Deodato Holocaust", ganhou distribuição em blu-ray na Europa e nos Estados Unidos.

no país, quem salvou a filmografia nacional do completo desaparecimento foi a produção independente, praticamente caseira, de obras gravadas em vídeo – não vídeo digital, como hoje, mas VHS, fita magnética mesmo.

Este ciclo de produções gravadas em vídeo nunca foi devidamente estudado ou valorizado; na verdade, até hoje é encarado com preconceito ou simplesmente ignorado pelos pesquisadores que se debruçam sobre o cinema nacional da década. Quiçá este livro, juntamente com o anterior do autor ("Canibal Filmes – Os Bastidores da Gorechanchada"), incentivem o resgate do tema.

Em se tratando de VHS, é bom lembrar que a qualidade de som e imagem das gravações passava muito longe do ideal. Estas câmeras surgiram como uma opção para registros caseiros, permitindo que famílias de melhor poder aquisitivo registrassem viagens, festas de aniversário, churrascos em família, etc. (aquelas coisas que a gente filma e depois nunca mais assiste).

Diante da impossibilidade técnica e financeira de produzir usando película 35mm, o VHS acabou se tornando um formato acessível para que realizadores do país inteiro, de todas as idades e com as mais diversas formações, realizassem o sonho impossível de se tornar "diretores de cinema". Onde quer que houvesse uma velha filmadora VHS à disposição, havia gente gravando seus próprios filmes com amigos e familiares.

O VHS não apenas era acessível, mas também mais prático e barato que usar película. As imagens gravadas em fita magnética ficavam prontas na mesma hora, podiam ser revistas automaticamente em busca de erros e também eram mais fáceis de editar – ao contrário da película, que exigia revelação em laboratório e montagem manual. Um diretor habilidoso poderia editar o filme na própria câmera enquanto filmava, se conseguisse gravar tudo em ordem linear. Enquanto filmar em película exigia domínio da técnica e uma equipe mínima para operar a câmera e captar som, as câmeras VHS tinham microfone captando som direto e permitiam que o diretor acumulasse funções como direção de fotografia e foco (que geralmente era automático); se tivesse um tripé ou um amigo para segurar a câmera, o diretor poderia facilmente virar ator também!

No início dos anos 1990, a produção em vídeo já era bastante popular nos

Estados Unidos e na Europa. Até mesmo vizinhos da América do Sul – como Ricardo Islas, no Uruguai, e Pablo Parés, na Argentina – já filmavam seus longas em vídeo. Mas tal produção era praticamente desconhecida para os brasileiros, mesmo para aqueles que se aventuravam pelo formato.

Engana-se quem pensa que o formato seduzia apenas jovens realizadores. Uma reportagem publicada pelo jornal Folha de São Paulo em 18 de setembro de 1998 destacou a riqueza da filmografia nacional independente rodada em vídeo. Uma das celebridades de então era o "camelô-cineasta" alagoano Simião Martiniano, que aos 60 anos de idade ainda gravava longas em VHS que ele mesmo comercializava. Sua filmografia teve faroeste sertanejo ("O Herói Trancado", 1989), terror ("A Rede Maldita", 1992) e até aventura de artes marciais ("O Vagabundo Faixa Preta", 1993), e foi imortalizada no curta-metragem "Simião Martiniano, o Camelô do Cinema" (1998), de Clara Angélica e Hilton Lacerda – ironicamente, uma produção mais profissional que tudo o que o homenageado fez na vida, com direito a um ator global, Tuca Andrada, interpretando o jovem Simião.

A mesma reportagem citava outro realizador de Alagoas, Benedito Fersan, um dono de videolocadora que, aos 45 anos, lançava seu primeiro longa em vídeo, "Sepulcro Caiado" – um filme de ação repleto de sangue e tiroteios. As fitas do filme eram disponibilizadas na própria videolocadora de Fersan, e na época ele comemorava que sua aventura estava mais popular que "O Noviço Rebelde", o então recém-lançado longa-metragem "profissional" estrelado por Renato Aragão.

Obviamente, a Folha também mencionava o catarinense Petter Baiestorf, outro dono de videolocadora que virou cineasta e, àquela altura, já tinha uma longa filmografia e era referência para realizadores do país inteiro (o jornal já tinha feito uma reportagem exclusiva com Petter em 1995). Enquanto diretores como Martiniano e Fersan gravavam aventuras e longas para consumo popular, o catarinense foi na contramão e investiu no cinema extremo/experimental, produzindo filmes de horror repletos de crítica social e política, sangue, tripas e muita nudez.

E embora a Folha de São Paulo não tenha mencionado, à época também era muito popular (na sua região, vale destacar) o capixaba Manoel Loreno,

popularmente conhecido como Seu Manoelzinho. Desde os anos 1980, ele filmava longas de horror e faroeste em Mantenópolis, no Espírito Santo, que tempos depois tornaram-se extremamente populares pelo seu ar naïf. Ocorre que Seu Manoelzinho, um ajudante de pedreiro semianalfabeto, fazia filmes absurdamente intuitivos, com cenários "de fachada" e trilha sonora tocada "ao vivo" no momento da filmagem (as músicas eram reproduzidas a partir de um gravador por trás da câmera).

Nos anos 2000, o surgimento das primeiras câmeras digitais e a possibilidade de editar vídeo no computador possibilitaram uma melhoria considerável no aspecto técnico desta produção independente, embora os curtas e longas tenham se mantido restritos a um pequeno nicho.

Surgem "produtoras" (somente no nome, sem existirem como empresas formais) reunindo amigos que às vezes se juntam para fazer produções conjuntas. A variedade temática é impressionante e foge do horror, embora este seja o gênero mais popular. O carioca Bruno Garcia, por exemplo, investiu em filmes de ação, que eram desprezados pelo cinema brasileiro "profissional" do período. Sua trilogia gravada em vídeo, "Corrida Contra o Excusado", produzida e lançada no início dos anos 2000, estava repleta de cenas de pancadaria filmadas e editadas de forma bastante eficiente, com o próprio Garcia (não confundir com o homônimo famoso) interpretando o herói bom de briga. Hoje, esses filmes e muitos outros simplesmente desapareceram.

O grande problema da produção brasileira filmada em vídeo era a distribuição. As salas de cinema do período – pelo menos as que ainda não tinham virado cinemas pornô ou igrejas evangélicas – não estavam configuradas para exibir fitas VHS. Mesmo que estivessem, dificilmente uma grande rede de cinemas se interessaria em exibir "O Monstro Legume do Espaço", de Baiestorf, ou "A Maudição da Casa de Vanirim" (assim mesmo, com erro de grafia), de Seu Manoelzinho. Salvo exceções, estes filmes ficavam restritos à região em que foram produzidos (onde ganhavam exibições em bares e salões comunitários numa TV de tubo mesmo) ou a nichos (caso de Baiestorf, que vendia suas fitas por meio de fanzines e em shows de bandas).

Curiosamente, alguns longas produzidos em VHS nos Estados Unidos e na Europa chegaram às videolocadoras brasileiras oficialmente, em fita selada, mas ainda havia um preconceito muito forte pelo produto nacional. Os poucos que conseguiram uma mínima distribuição comercial de seus longas em videolocadoras fizeram o lançamento por conta própria. Foi o caso do paulista Cesar Nero com seu longa de 1996, "Babu – A Vingança Maldita", que criou algum interesse pela presença do veterano José Mojica Marins, o popular Zé do Caixão, à época afastado do cinema.

Recentemente, fui convidado pela Associação Brasileira de Críticos de Cinema (Abraccine) para dar uma palestra sobre o cinema de horror brasileiro pós-Retomada. Um dos aspectos que fiz questão de ressaltar foi exatamete esta produção marginal em VHS, que representou durante um bom tempo a sobrevivência do gênero no país. Somente para dar uma ideia: entre 1995 e 2001, período que marca o auge da Retomada, foram filmados 12 longas de horror no Brasil com algum tipo de distribuição, comercialização ou passagem por festivais (sem contabilizar aquelas produções mais undergrounds que ficaram restritas a círculos de amigos ou exibições de garagem). Entre estes 12 títulos, dois terços dos filmes (8) eram produções independentes filmadas em vídeo – cinco delas no interior de Santa Catarina, por Petter Baiestorf![2]

Infelizmente, boa parte da produção brasileira em VHS ficou literalmente escondida até recentemente, quando seus realizadores (ou amigos, ou pesquisadores) digitalizaram as fitas e disponibilizaram os vídeos em plataformas como o *YouTube*. A popularização do formato digital permitiu, primeiro, aposentar as jurássicas fitas VHS enviadas pelo correio, que foram substituídas pelos mais leves e compactos DVDs; depois, a disponibilizar os filmes por meio da Internet, eliminando em definitivo o formato físico.

E embora isso tenha facilitado para que todas essas produções chegassem a um público muito maior do que aquele que consumia fitas VHS nos anos

[2] Entre 1995 e o ano passado, ele também foi o cineasta brasileiro que mais dirigiu longas de terror no Brasil: foram 9 só dele, mais duas participações com episódios em antologias. Isso sem considerar curtas-metragens, um formato em que o prolífico catarinense também é campeão. Nota de Felipe M. Guerra.

1990, o fato de os filmes não existirem em formato físico também facilita para que desapareçam: basta o vídeo ser retirado do *YouTube*, ou o diretor "sumir" das redes sociais, para seu trabalho voltar a tornar-se obscuro.

Mas nada disso tira o mérito dos realizadores que se aventuraram pelo vídeo. Afinal, quando praticamente ninguém estava filmando no Brasil, esses idealistas sem pretensões de fama ou fortuna estavam juntando amigos e familiares para filmar suas produções pobres em orçamento, mas ricas em imaginação. São verdadeiros heróis da resistência e adeptos involuntários da máxima *Do it yourself* (Faça você mesmo), popularizada pela cultura punk.

Que este livro seja o empurrãozinho que faltava para que você – sim, VOCÊ, que está lendo estas mal traçadas linhas agora – junte os amigos e familiares, uns trocados, e faça seu próprio filme usando o que estiver à disposição: câmeras digitais, telefones celulares, etc.

E ao fazê-lo, sempre que se sentir deprimido, achando tudo muito difícil, lembre desses abnegados pioneiros que gravaram seus filmes com as piores câmeras, no mais vagabundo dos formatos, e mesmo assim não desistiram por puro amor ao cinema.

Em suma, faça como eles: menos choro e mais ação!

ATORES DE O MONSTRO LEGUME DO ESPAÇO (1995)

INTRODUÇÃO

PETTER BAIESTORF

O Brasil precisa fazer filmes com fúria!!!

O *Manifesto Canibal* viabiliza uma alternativa de produção de obras visuais ao alcance de artistas miseráveis nascidos no povão, fodidos & sofridos, que batizamos aqui de Kanibaru Sinema e que dialoga com o irmão gringo *Shot On Video* (SOV).

Soltemos nossos urros de revolta!!! Construamos nossos próprios filmes e que sejam feios, sujos, malvados, alucinados, aleijados, bêbados, contestadores e transgressores dos valores sociais!!!

E façamos filmes colocando nossas cabeças para pensar. Pensar!!!

Pensar para criar obras livres, sem amarras com a tal moralidade cristã ocidental ou a falta de moral da necropolítica fascista dos neoliberais do capitalismo assassino. Pensar para criar o caos na forma de filmes libertários! E qualquer um pode se libertar fazendo filmes pessoais; filmes que fujam completamente do padrão comum. Filmes que sejam a cara de uma nova geração de brasileiros inquietos!!!

Sejamos abusivos (contra o poder), debochados (às instituições) e desbocados (contra as desigualdades)!!!

Com o Kanibaru Sinema daremos continuidade à revolução social do anarquista Bakunin em sua busca por uma humanidade mais justa e igualitária; daremos continuidade aos delírios malditos do escritor Isidore "Lautréamont" Ducasse, para que vertentes artísticas sejam repensadas; partiremos em busca da destruição da arte oficial dando seguimento aos ideais surrealistas; seremos iconoclastas como os dadaístas e gritaremos: "Deus está

morto, assim como a arte!!!"; incomodaremos a sociedade cristã como fizeram os vagabundos intelectualizados conhecidos como cientistas; proporemos mudanças radicais para desmoralizar a arte mais cara do planeta com nossos filminhos caseiros, como fizeram os cineastas marginais do experimentalismo cinematográfico de todo o mundo com suas vomitadas ácidas mal filmadas de todas as épocas!!!

Assim sendo, deixaremos explícito aos capachos do sistema que o Kanibaru Sinema não se pretende um movimento de vanguarda! Aliás, como provam estes seus primeiros 20 anos de produções, o Kanibaru Sinema não é um movimento. O Kanibaru Sinema é o *nada* – que é o seu *tudo* – e cada guerrilheiro Kanibaru cria/recria/repensa o Kanibaru Sinema à sua maneira!!!

Queremos, isso sim, dar sequência aos bons ideais que ficaram perdidos no tempo/espaço; sonhamos com a união de todos aqueles que vivem infelizes nesta sociedade, com propostas de ação direta por meio de arte visual e conscientização não apenas por ela, como, também, por meio de todas as outras formas/formatos de manifestações culturais!!!

No Kanibaru Sinema só não há lugar para os preguiçosos e fracos da cabeça!!!

O Kanibaru Sinema é o CINEMA DOS 3 ACORDES:

— Acorde para a Liberdade!

— Acorde para a Independência!

— Acorde para a Ação Direta!

Façamos uma arte poderosa, uma arma que seja a voz dos excluídos que se negam a fazer parte desta sociedade decadente e cheia de regras castradoras!!!

Levante & Improvise!!!

MANIFESTO CANIBAL

(UMA DECLARAÇÃO DE GUERRA DOS QUE NADA TÊM E TUDO FAZEM CONTRA OS QUE TUDO TÊM E NADA FAZEM)

PETTER BAIESTORF

Libertei mil escravos. Podia ter libertado outros mil se eles soubessem que eram escravos.

Harriet Tubman [3]

O cinema brasileiro, neste santo ano do ébrio senhor da Igreja Evanjegue da Santa Roubalheira Miliciana Consentida, foi implodido pelo desgoverno que se implantou no país com seus laranjais de desvios financeiros dos cofres públicos e perseguição à classe artística.

Ordenamos, então, que a minoria que agora detém a tecnologia cinematográfica estatal de ponta seja combatida e que a discriminação ao vídeo amador produzido com celulares e equipamentos de quinta categoria cesse neste momento.

Optamos pelo Kanibaru Sinema para, enfim, fazermos nossos gritos ecoarem pelos domínios dos cineastas pe(i)dantes individualistas. Um Kanibaru Sinema antropofágico, primitivo, selvagem, ateu e caótico, mas de uma pureza maldita capaz de assustar tanto os colonizados quanto os colonizadores.

Eu, o curtidor do avacalho, PROPONHO:

---

[3] Abolicionista e ativista pela causa do sufrágio feminino.

1) A opção de criar com celulares/webcams/action cams ou qualquer equipamento barato que venha a ser criado, filmes amadores de qualquer estilo e duração;

2) A opção de criar com celulares/webcams/action cams ou qualquer equipamento barato que venha a ser criado, utilizando-se do direito de produzir com som direto e o equipamento técnico que for possível arranjar;

3) A opção de aprender fazendo; aprender produzindo; aprender errando! A gostosa sensação de fazer tudo você mesmo! Se te disserem que não dá pra fazer, FAÇA!!!

4) A opção de realizar obras cinematográficas desprezando o poder capitalista do dinheiro criado por qualquer país do planeta Terra e/ou Universo. Leia-se aqui também: a opção de filmar sem se utilizar do dinheiro público;

5) A opção de usar atores amadores e/ou amigos pessoais que se coloquem, de livre arbítrio, à disposição;

6) A opção de se utilizar do Kanibaru Sinema e sua estética do caos para finalmente poder flertar com a estética da falta de estética. Leia-se aqui também: a opção por destruir todos os valores estéticos;

7) A opção por uma produção/distribuição caseira, de forma independente e artesanal, sem a necessidade da competição com seus iguais, dando a oportunidade para que o povo veja e aprecie todas as obras que lhe interessarem. Leia-se aqui também: não se limitar a exibir apenas na internet, ir além e mostrar os filmes em botecos, cemitérios, muros de comunidades, banheiros de shows e qualquer parede ou corpo estranho que permita a projeção de imagens;

8) A opção de escolher/compor músicas e/ou antimúsicas não cooptadas pelo sistema como hinos à criatividade do Kanibaru Sinema;

9) A opção de realizar obras com cenários, figurinos, iluminação e maquiagens criados/conseguidos no lixo ou com o dia a dia da vida;

10) A opção de realizar obras com roteiros originais em sua concepção

anarco-ateísta. Leia-se aqui também: a opção por renegar clichês e/ou estruturas narrativas já antes testadas;

11) A opção de não fazer nada para agradar os outros; antes de qualquer outra coisa, agrade a si próprio!;

12) Filmes de direita, extrema-direita, racistas, nazistas, homofóbicos, machistas ou contra minorias, não se encaixam no Kanibaru Sinema; todo artista do Kanibaru tem o dever de combatê-los;

13) E, finalmente, a opção por exercer seu direito de ser um criador artístico livre dos vícios castradores da sociedade cristã.

Assim propôs o fazedor de filmes alucinados.

CINEMA SEM DINHEIRO, MAS COM TESÃO!

KANIBARU SINEMA

(OU MÉTODOS PARA FAZER FILMES SEM DINHEIRO)

PETTER BAIESTORF

Você não precisa ser mais um capacho do sistema se agora você já pode ser um messias do caos, com a missão de criar obras que dialoguem com o povo – sejam obras que apenas divirtam, assim como aquelas muito mais especiais, que abrem os olhos da sociedade e levantam ótimas questões políticas, religiosas e socioculturais para serem discutidas.

O fazedor de filmes alucinados lhes dá aqui algumas dicas básicas de como produzir sua obra sem utilizar-se do tal dinheiro – e se tiver que utilizar, tente gastar sempre o mínimo:

ORÇAMENTO: Produza com o que você tiver à disposição – algo inteligente é sempre criar seu roteiro/história ciente da limitação financeira que te acompanha. Poupe seu salário, faça vaquinha entre seus amigos – os financiamentos coletivos via internet, hoje, já provaram que funcionam; estude-os e se aproveite da ferramenta –, venda rifas, venda o rim, seja criativo e se surpreenda. Falta de dinheiro nunca foi empecilho na vida artística dos gênios, muito ao contrário: a falta de dinheiro lhe permite ousar em criações que extrapolem na estranhice e bizarrices.

ROTEIRO: Crie sempre histórias originais com críticas sociais, mesmo que suas histórias sejam um tanto excêntricas. É importante sempre defender as minorias sociais/raciais; mesmo que seu filme seja uma produção *ultragore* festiva cheia de tripas e gosmas, saiba que é possível deixar mensagens subliminares. Lembre-se sempre que os bilionários & milionários; a Igreja & religiosos em geral; o governo & militares; os racistas & machistas &

fascistas ou os classe-mé(r)dias que se acham ricos, estão aí para serem esculhambados. Importante: às vezes a criação de um roteiro coletivo, com ideias de todo elenco/equipe, pode ser inspirador para interpretações mais viscerais, primitivas e raivosas.

EQUIPE TÉCNICA: Faça você mesmo tudo, assim o filme sai do jeito que você quer[4]. Uma opção válida é improvisar seu elenco como equipe técnica e vice-versa. Agora, se você for bem relacionado no meio, saiba que é possível convencer muitos amigos/técnicos talentosos a embarcar no projeto por um custo ridiculamente baixo. A boa qualidade de suas ideias pode ter este poder, então, levante & improvise boas sacadas para que suas criações sejam relevantes neste oceano de obras revigorantes que as artes alternativas se tornaram nesta última década. Diante da crise política/social que assola o país, são os artistas quem têm salvado nossa sanidade com a produção de obras cada vez mais necessárias.

PESSOAL/ELENCO: Utilize seus amigos[5] e *freaks* em geral. Putas, anões, deficientes físicos e mendigos são uma ótima opção, mas guarde uma parte de seu orçamento para pagar a eles um cachê, mesmo que simbólico[6]. Certifique-se, antes, que seus atores improvisados e amigos tenham afinidades ideológicas com você, caso contrário eles acabam atrapalhando mais do que ajudando – mas mesmo assim você ainda pode utilizá-los como figurantes. Importante: após seu roteiro estar finalizado, é prudente conversar

---

[4] O diretor Luciano de Miranda é um exemplo maravilhoso de criador que faz ótimos filmes sem ajuda de ninguém (no máximo, com ajuda de seu filho). Durante o isolamento social da pandemia de Covid-19, Luciano realizou um punhado de ótimos curtas, com destaque para "Na Cabeça de Baiestorf" (2020), "C.H.U.P.A." (2020) e "A Grande Piada" (2021). Procure seus filmes no *YouTube*.

[5] A multiartista Daniela Távora realiza curtas experimentais, geralmente sozinha, sem equipe técnica e atuando neles ao mesmo tempo em que cuida da câmera e iluminação. Foi assim que realizou afetuosas obras como "Quem Vai ser o Rato do Século XXI?" (2016) e "Nada Nobre" (2020). Em alguns de seus filmes, como o videoclipe que realizou para a banda *Suco de Defunto*, "Oh My Guitar" (2021), seu companheiro, o músico Itapa Rodrigues, atua ao seu lado. Os trabalhos de Daniela estão disponíveis no *YouTube*.

[6] Não é correto se aproveitar de pessoas que já sofrem com o preconceito da sociedade e, muitas vezes, também, com a falta de estudos e oportunidades.

com atores profissionais sobre seu projeto, explique como será produzido e quais seus objetivos com sua pequena produção; muitas vezes estes profissionais se apaixonam pelo projeto e ajudam.

EQUIPAMENTOS: Utilize qualquer tipo de câmera. Se você não tiver uma, arranje emprestado, ou, ainda, você pode expropriar uma de um pequeno burguês safado. Para editar seu filme há várias opções de programas de computador ou aplicativos gratuitos de celular. Faça uma rápida pesquisa e baixe o que melhor se adequar ao que você quer fazer/dizer. Aliás, liberte-se da câmera tradicional, já que é possível fazer o filme inteiro somente com celulares (da gravação, passando pela captação de áudio, até a edição e composição de trilhas sonoras).

Sua mensagem é o que importa, qualidade é coisa de gente reprimida!!!

Hoje, também, é possível fazer filmes sem a figura de uma câmera – por exemplo, você pode realizar animações muito legais envolvendo apenas um scanner e programa de edição.

ILUMINAÇÃO: Filme durante o dia, aproveitando a luz solar que é de graça. Se necessitar de cenas internas e/ou noturnas, ilumine com luz normal[7]. Você ainda pode utilizar-se de liquinhos, tochas, velas, luzes de carro, etc. O importante é criar uma fotografia estranha/diferente de tudo o que gira por aí.

FIGURINOS: Olhe seu guarda-roupa e livre-se de seus cacarecos filmando. Peça roupas velhas aos parentes e amigos. Faça seus figurinos exclusivos utilizando-se de lixo: plásticos, latas, restos de tecido, cascas de árvores, papelão e o inventivo *etc*[8]. Negocie uniformes militares nos quartéis – os recrutas costumam negociar apetrechos militares por um precinho bem

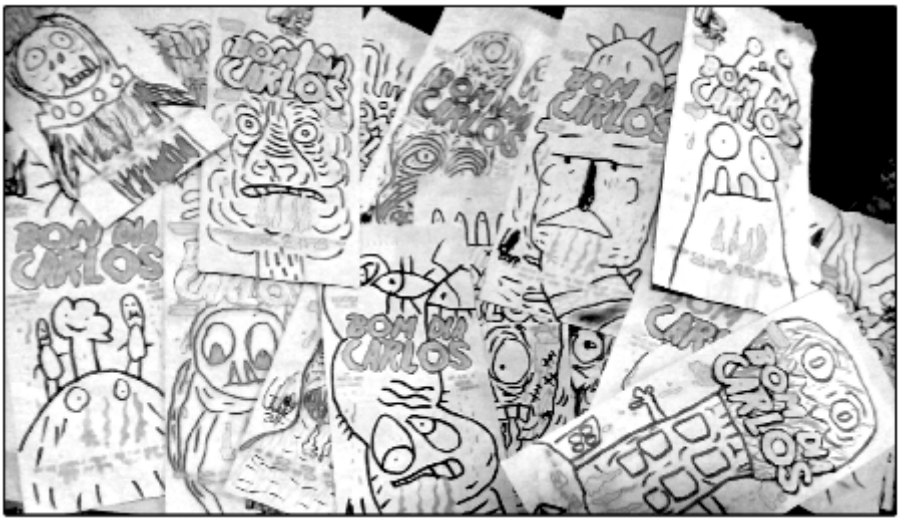
---

[7] O curta "A Cor que Caiu do Espaço" (2015), que produzi com cenas captadas via uma antiga Mini-DV, iluminamos com uma lanterna amarrada sobre a câmera, e o curta "A Noiva do Turvo" (2018), de Loures Jahnke, com as cenas captadas via celular, iluminamos com um farol de caça, alimentado via uma bateria portátil, o que nos permitiu filmar clandestinamente, na madrugada, numa plantação de soja.

[8] Assista "Pazúcus – A Ilha do Desarrego" (2017), de Gurcius Gewdner, e tenha lindos exemplos da maleabilidade do *etc*. numa mente criativa.

camarada[9]. Visite brechós. Cate em cemitérios. Ou, ainda, tenha consciência de classe e, tomando cuidado com as etiquetas antifurto, que tal cooptar seus figurinos em lojas de marcas que apoiam o neoliberalismo fascista? Se for o caso, coloque seus atores interpretando pelados[10].

CENÁRIOS/LOCAÇÕES/OBJETOS DE CENA: Ache coisas velhas no lixo/ferros-velhos e crie artefatos futuristas. Utilize a casa dos amigos. Consiga um porão úmido abandonado e dê vida ao mundo que habita seu cérebro. Filme em locais públicos: ruas, calçadas, matas, praias, praças, reservas florestais, casas destruídas/abandonadas, desertos, prédios públicos, parque de diversão, shoppings, puteiros, desfiles patrióticos, cemitérios, etc. Mas, importante ter isso em mente, se você gostar de alguma propriedade privada, INVADA!!! Quando a polícia chegar, diga que achou que o local era público, ou inicie uma discussão com a polícia dizendo: "Toda propriedade é um roubo!"; ser preso ajuda na divulgação de sua obra!



9 Não sei se essa operação é legal, mas se um recruta do exército (que é um militar em formação) vende, não deve ser ilegal!

10 Em "Vadias do Sexo Sangrento" (2008), direção/produção/roteiro meu, coloco o elenco todo interpretando pelado durante quase todo o filme. Figurino não foi um problema para a produção quebrar a cabeça.

TRILHA SONORA: Dê preferência a bandas e músicos ainda não cooptados pelo sistema capitalista. Discos velhos podem conter músicas maravilhosas completamente esquecidas – inclusive pelos registros musicais, te livrando de pagar direitos autorais. Pegue um instrumento inusual e grave ruídos estranhos e encaixe no seu filme. Melhor ainda: torne-se seu próprio compositor usando aplicativos de celular para criar músicas e gravá-las[11]. É tudo de graça e o resultado é ótimo! Músicas estranhas, regionais, experimentais e não comerciais – como *goregrind*, *industrial harsh*, *noise*, *hip hop*, *rap* ou *funk* independentes – sempre dão um clima ótimo!!!

SOM DIRETO: Utilize o gravador da própria câmera que você estiver usando. Se você tiver como utilizar um gravador portátil, tipo Tascam ou Zoom H4n, use-os! Importante: muitas vezes o gravador de voz de seu celular pode realizar, com qualidade, essa tarefa[12]. Faça testes!

EFEITOS SONOROS: O ideal é você mesmo criá-los usando Tascam ou Zoom H4n – ou o gravador de seu celular – para captá-los. Se você não conseguir criar seus efeitos sonoros, há duas opções: roube os efeitos de vídeos de *YouTube* e retrabalhe-os – geralmente ao descaracterizá-los via edição, você consegue novos sons – ou baixe-os de sites de efeitos sonoros como freesound.org, soundfxnow.com, zapsplat.com, mediacollege.com, soundsnap.com, freesfx.co, bbcrewind.co, entre outros sites similares.

---

[11] Depois de ter inúmeros problemas envolvendo direitos autorais de músicas em plataformas de exibição, como *YouTube* ou *Vimeo*, resolvi criar as trilhas sonoras de meus filmes. Detalhe: nunca fui músico! Então comecei a pesquisar aplicativos que simulam instrumentos não convencionais (teremim, *plasma sound, space theremin, saucillator, QiBrd, synprez FM*, entre muitos outros) e a criar músicas próprias, de ouvido e na total intuição. Resultado é que de 2018 em diante gravei mais de 70 discos de experimentações e trilhei alguns curtas com minhas experiências sonoras, como: "Purgatório Axiomático" (2019), de Fábio Rufino; "Il caso Valdemar" (1936-2019), de Gianni Hoepli e Ubaldo Magnaghi; "Isolamento das Famosas" (2020), de Marcel Mars e Gurcius Gewdner; e, meu próprio curta, "Brasil 2020" (2019). Você pode conferir minhas experiências com músicas compostas em aplicativos de celular no perfil: https://petterbaiestorf.bandcamp.com/

[12] Alguns aplicativos de celular têm a opção de gravar o áudio em wav, com boa qualidade.

MAQUIAGENS/EFEITOS ESPECIAIS/DIGITAIS: Desenvolva bem seu projeto e converse com os muitos técnicos de maquiagens espalhados pelo país[13]. A probabilidade de você conseguir parceiros criativos para seu filme é bem alta. O mesmo vale para técnicos em efeitos digitais[14]. Você ainda pode se oferecer para limpar os sets de filmes profissionais em troca de coletar o lixo da produção. Essa técnica permite adquirir muito material de primeira qualidade que, depois, com um simples retoque, já os torna peças únicas e inéditas em suas produções.

DIREÇÃO DE ARTE: Um bom técnico consegue reorganizar tudo ao seu redor para que fique visualmente excitante! Havendo necessidade de construir algo, tente primeiro conseguir emprestado de algum amigo de amigo de primo. Se ainda assim você tiver de construir, os depósitos de lixo e prédios abandonados/destruídos são ótimos fornecedores de material gratuito.

STORYBOARDS/DECUPAGEM: Se você souber desenhar, crie primeiro seu filme em *storyboards* detalhados, isso o ajudará a explicar a sua equipe o que você pretende![15] Uma técnica ótima, também, é decupar tudo de cabeça, mas sua pequena e dedicada equipe pode não acompanhar os delírios de sua mente[16].

---

13 Após o programa *Cinelab* – dos magos Kapel Furman, Armando Fonseca e Raphael Borghi – ou as oficinas e vídeos de maquiagens *gore* de gênios – como Rodrigo Aragão, Alexandre Brunoro, Alice Austríaco, Hérick João, Fany Coelho ou Mariana Tzaschel –, a oferta de bons técnicos de maquiagens é grande e rica no país, muito diferente da década de 1990, quando se havia a necessidade de criar do zero. Na falta de um técnico, faça você mesmo um destes cursos que citei e se capacite em criar os mais lindos monstros que sua mente conceber.

14 Embora eu não seja um entusiasta de efeitos digitais, técnicos como E. B. Toniolli têm realizado ótimas experiências de custo zero no vídeo independente.

15 No caso, se você não souber desenhar, uma opção radical é desenhar tudo em estilo *palito man* e acrescentar balões explicando ações (por anos fiz meus *storyboards* assim, antes de começar a me utilizar de confiáveis desenhistas que ilustravam minhas ideias com muita fidelidade).

16 Antes dos *storyboards* em desenho estilo *palito man*, eu decupava os filmes todos apenas na minha cabeça e, sendo eu próprio meu diretor de fotografia, em caso de dúvida do restante da equipe, só dizia: "Confia na minha visão e faz o que pedi para fazer!". Funcionava!

ALIMENTAÇÃO: Faça comidas vegetarianas/veganas, que além de mais baratas, alimentam, também, os carnívoros. O Covid-19 – e outras pandemias globais – é fruto dos hábitos alimentares dos carnívoros. Deixe de ser um conservador bunda-mole e reinvente-se!!!

TRANSPORTE/LOGÍSTICA: Utilize os carros de amigos! Transporte coletivo! Bicicletas! Skates! Filme na sua vizinhança. Em caso de filmar em locais distantes/isolados, a melhor forma de transportar toda a equipe e equipamentos é alugando um micro-ônibus, que ainda é o meio de transporte mais barato e seguro – lógico que se sua equipe for realmente muito pequena, coloque todos dentro de um carro de passeio e vá filmar. Opte por filmar em locais onde você possa ter o máximo de controle sobre tudo!

DIVULGAÇÃO: Use a internet como a fantástica ferramenta que é. Você precisa ser um publicitário inteligente[17] quando o quesito é *chamar a atenção para seu filme*. *NÃO TENHA VERGONHA* – seu filme é a obra mais maravilhosa do Universo. Então, não tenha medo de criar peças *exploitation* que façam as pessoas terem vontade de vê-lo. Seu filme sempre é maravilhoso e o público deve ser convencido disso por meio da propaganda. Para isso, crie pôsteres, trailers e todo o material de divulgação que convença as pessoas a irem assistir sua obra (mesmo que para isso você precise mentir – lembre-se, não existe mentira, existe público-alvo equivocado; com um bom chamariz, sua produção sempre encontrará quem irá gostar e divulgar de graça). Se os canais de divulgação se fecham para você, crie seus próprios canais. Dá trabalho, ocupa tempo, mas dá ótimos resultados! Não deixe a internet comandar seu tempo/assuntos, lembre-se sempre: a internet é uma ferramenta e é você quem decide como torná-la boa ou ruim. Importante: divulgação via fanzines, blogs, flyers, revistas, jornais undergrounds/independentes, pôsteres colados em paredes públicas, *podcasts* e trailers no *YouTube*; tudo ainda funciona na divulgação de sua obra.

DISTRIBUIÇÃO: Você pode fazê-la em mídias físicas e digitais. Minha recomendação é fazer em ambas. Por experiência própria posso afirmar que

---

17 Por inteligente quero dizer que você precisa CRIAR e não replicar o que já usaram. Marketing de empresa NÃO FUNCIONA no seu filme independente.

a venda de mídias físicas ainda é muito interessante – no meu caso continua sendo melhor do que o retorno digital/online. Importante: sempre faça contas sérias dos gastos que vai ter em cada lançamento, acho essencial que você recupere o dinheiro e tempo investido no seu projeto – salvo quando o projeto não visa lucro, lógico! Hoje existem distribuidoras e *streamings*[18] especializadas em lançar filmes/livros/discos independentes, não citarei nenhuma boa experiência porque as que tive sempre foram piores do que quando distribuí meu próprio material. *Faça você mesmo tudo* ainda é o melhor caminho!

FESTIVAIS: Cada produtor pode optar por produzir seu próprio festival de filmes, sempre não competitivos – a competição é um vício da sociedade capitalista que deve ser evitado sempre! –, criando assim um intercâmbio de produções amadoras/undergrounds/experimentais. Outra opção é a união de vários produtores na realização de mostras não competitivas em paralelo aos grandes festivais, utilizando locais próximos d'onde acontecem as babações d'ovos entre os poderosos[19]. Não se esqueça de que os festivais de *cinema ruim oficial* feitos por riquinhos e classes-mé(r)dias puxa-sacos estão por aí para serem invadidos. Vá e esculhambe com os posudos!!!

Levante & Improvise!!!

Mas lembre-se de que não ter equipamentos não é desculpa para fazer filmes bobos e ruins; com o mínimo de recursos, você pode fazer bons filmes com uma produção miseravelmente bem cuidada e original.

---

[18] Alguns independentes brasileiros estão tendo ótimas experiências com *streamings:* Larissa Anzoategui distribuiu alguns de seus filmes em plataformas como *Tubi TV* e Cláudia "Pomba" Borba teve seu curta "Pé de Cabra" (2015) incluído no catálogo do *Troma Now*, que é o *streaming* da produtora/distribuidora *Troma*.

[19] Por anos tentei arranjar parceiros para a criação do *Festival Desgramado*, que aconteceria em paralelo ao *Festival de Gramado*, que tem sua sede na cidade de mesmo nome, e que exibiria em algum boteco vagabundo da cidade filmes amadores furiosos ou produções políticas não comerciais; mas a falta de interesse de possíveis parceiros – na missão de zoar com grã-finos – fez com que meu projeto continuasse só no papel. Ainda não desisti de fazer isso!

CONSIDERAÇÕES SOBRE O KANIBARU SINEMA: SYSTEMA PARA ATORES

COFFIN SOUZA

Não possuir condições de contratar atores profissionais, aqueles chatos-egocêntricos-cheirando-a-sabonete-de-rosas, não é desculpa para não conseguir um bom nível de interpretação em suas obras kanibarussinematizadas. Utilize-se do Kanibaru Sinema Systema, que formou amadores-famosos-cheios-de-talento-e-carisma-que-globaléticos-recordetes-não-tem, como Jorge Timm, E. B. Toniolli, Loures Jahnke, Gurcius Gewdner, Ljana Carrion, Lane ABC, C. B. Rot, Viola, Airton Bratz, Elio Copini, Onésia Liotto, Kika Ralho, entre dezenas de outros.

A) *Não existe ator ou atriz ruim.* Existem, sim, pessoas escaladas em papéis errados. Vá testando seus amigos, parentes ou vizinhos nos mais diversos tipos de papéis – mas faça isso já rodando algum vídeo, para não desperdiçar tempo e já ter registrado alguma possível genialidade inconsciente acidental –, e veja quais se destacam nos quesitos:

— conseguir memorizar falas – ou conseguir improvisar;

— conseguir fazer mais de uma expressão facial diferente;

— ter algum talento físico (saber lutar, correr, cair, equilibrar objetos, etc.);

— ter algum atributo físico (peitões moles, bunda disforme, órgão sexual avantajado pulsante e reluzente, rosto não convencional, carecas, gordos, etc.);

— disposição para cenas de aberrações (sem efeitos especiais), como: contracenar com animais perigosos ou escrotos, banhar-se em excrementos, comer ratos, entrar em lamaçais de água podre, meter o pênis em locais suspeitos, lamber coisas, etc.;

Estes serão escalados para os papéis principais; os outros serão figurantes até aprenderem, por si mesmos, como aparecer.

B) *Escale seu elenco já aproveitando os tipos determinados que estejam ao seu redor:* o gordo sexy, o baixinho trapalhão, a menina invocada, o vizinho alucinado, a amiga brincalhona, etc.

C) *Bebida à vontade pode ser um bom método de se conseguir atuações mais espontâneas.* Evite drogas, a não ser que seja estritamente necessário ou esta seja a temática de sua obra.

D) *Procure fazer seus atores sentirem um pouco o que seus personagens devem expressar.* Se necessitar de uma personagem irritada, incomode bastante a sua atriz; água suja com sabão na boca é bom para induzir ao vômito e conseguir uma expressão mais intensa de alguém com uma tendência mais dispersa. Sono, frio e desconforto físico também são ótimos aliados. Programe uma festa no dia das gravações, faça seu elenco beber e se divertir um pouco e depois atravesse a noite trabalhando. Aqueles que sobreviverem até a manhã seguinte estarão dentro do método Kanibaru.

E) *Nunca despreze as sugestões e desejos bizarros de seu elenco freak.* Se um dos atores, apesar de sua aparência máscula, diz que quer um personagem feminino, aproveite-o. Se aquele outro, notadamente sem destreza física, bolar alguma cena tipo "vou pular dentro de um círculo de fogo totalmente nu", arme-se de alguns cuidados para evitar uma tragédia – e um processo – maior e… Filme!!!

F) *Se um dos seus atores amadores mais veteranos começar a se destacar muito, tiver problema com o ego e começar a imitar os nojentinhos globais recordetes, não o poupe: despreze-o!* Coloque-o em papéis menores, sem uma linha de diálogo, ou apenas chame-o para segurar alguma iluminação secundária. No meio anarco-etílico-artístico-ateísta não existe lugar para egos inflamados – fora o seu, diretor/realizador, é claro!

G) *E mesmo se você estiver a milhares de quilômetros de algum ser vivo interessante* – leia-se filmável – *ou, por alguma outra insana razão, não houver atores e/ou atrizes à disposição... ISTO NÃO É DESCULPA para não realizar sua obra-prima vagaba.* Ora! Faça vídeo-poesia, ou *happening*, ou lives performáticas, ou documentários[20]… Faça! Faça! Faça!

---

[20] A realização de filmes sem ajuda de ninguém é uma arte, por exemplo, Guy Debord fazia uso de imagens publicitárias retiradas de revistas, fotografias de amigos, imagens de trailers e fotogramas rejeitados por outros diretores para construir seus filmes na montagem; George Landow fez "Are Era" (1962), em 8mm, mostrando simplesmente closes de fotogramas instantâneos de um comentador de televisão se alvoroçando em alta velocidade; Larry Jordan fez "Minerva Looks Out Into the Zodiac" (1960), uma longa tomada panorâmica em torno de uma série de paisagens surrealistas e "The Forty and One Nights" (1963), com colagens manipuladas no estilo de um mutoscópio; Ed Emshwiller realizou "Dance Chromatic" (1959) com pinturas abstratas animadas superpostas a uma jovem dançando; Carmen D'Avino, incapaz de trabalhar em outras produções, realizou "A Trip" (1960), onde atirou antigos filmes expostos dentro de uma banheira, junto de tintas de cor e conhaque, arranhou, estampou e lixou a película, pintando as cores diretamente na película; Tony Conrad fez "The Flicker", um filme feito de quadros de branco puro e preto puro alternados em frequências diferentes, o que provoca em cada 50 mil pessoas um ataque epilético; Robert Breer, após algumas animações com lagostas, fez "Images By Images I" (1954), em que fotografou 240 fotogramas simples não relacionados, produzindo um filme de 10 segundos que provavelmente foi o primeiro a faltar totalmente a continuidade; Andy Warhol realizou o famoso "Sleep" (1963), que apresentava um homem dormindo durante seis horas. Aqui no Brasil temos algumas experiências de cineastas que trabalham sem atores, como Luiz Rosemberg Filho com seu vídeo-colagem "Desobediência" (1991) ou Ivan Cardoso/Gurcius Gewdner com a obra-prima "O Colírio do Corman me Deixou Doido Demais" (2020), composta de velhas películas massacradas por líquidos químicos diversos; alguns vídeos da produtora experimentalista Brócolis VHS; a coletânea de curtas minimalistas "Experimentalismo", de Anderson Dino; as animações de Christian Caselli; as experiências com cine-montagem de Gurcius Gewdner; ou ainda, vários outros filmes produzidos sem atores pela Canibal Filmes e Caos Filmes, como "Homenagem" (1998), de Carli Bortolanza; ou "Freak Circus", "Worm Universe", "Zombi X", "Inquilino" e "Creation" (todos de 2001), feitos por Coffin Souza quando se isolou numa praia deserta nos arredores de Fortaleza/CE. Quem se interessa em saber mais sobre filmes experimentais realizados sem atores e/ou equipe técnica, minha sugestão é procurar o livro "Underground – Uma Introdução ao Cinema Underground", de Sheldon Renan, lançado no Brasil pela editora Lidador, com relançamento pela editora MMarte em 2021.

JORGE TIMM TRUCIDANDO UM BUROCRATA DO CINEMA EM ELES COMEM SUA CARNE (1996)

ALGUNS PONTOS IMPORTANTES

PETTER BAIESTORF

Existem alguns pontos que é bom ter em mente quando for produzir seu filme, porque eles o ajudarão a manter o foco e ser mais objetivo na hora de expressar suas ideias. Vou levantar alguns destes pontos aqui, mas voltaremos a eles em outros textos porque nosso estilo de cinema requer a assimilação dos ensinamentos, com as eventuais modificações necessárias de acordo com a bagagem cultural de cada realizador, e não a tradicional decoreba incentivada pelas cartilhas pedagógicas de nossa academia.

— *Celular é o novo VHS*[21]. Se antes as filmadoras VHS eram a única opção de câmera barata – e ainda assim não era tão barata –, hoje temos uma gama de câmeras de celular e tablets que possuem qualidade de imagem de vídeo muito superior ao antigo VHS. E com a vantagem de que hoje qualquer suporte digital é aceito – algo que não acontecia com o VHS, seus detratores o odiavam e simplesmente não o incluíam nas programações de mostras –, então não deixe ninguém te fazer acreditar que não poderá filmar porque não tem uma câmera caríssima de última geração. É assim que eles tentam podar sua criatividade e te anular como indivíduo[22].

— *O cinema não deve ter fronteiras.* Não seja bairrista com seu filme. Você pode falar de seu bairro, de seu microcosmo, mas de uma maneira que fun-

---

[21] Com a vantagem de ser pequeno e caber no bolso, portanto, sempre junto de você para filmagens não planejadas (ao contrário da filmadora VHS, que era enorme; muitas pesavam mais de 10 quilos).

[22] "Beyond the Infinite Two Minutes" (2020), de Junta Yamaguchi, o filme sensação no *Festival FantasPoa* 2021, foi gravado em celular.

cione universalmente. E se conseguir coproduções em tudo que é lugar, faça-o. Tenho muito orgulho de ter conseguido realizar filmes em várias localidades espalhadas pelo Brasil. "Zombio 2"[23] (2013), um longa-metragem de 70 mil reais, realizei com o suporte de amigos cineastas de 8 estados brasileiros (RS, SC, PR, SP, RJ, ES, MG e PE) e, depois dessa experiência, tentei fazer filmes em diversos lugares. Meus últimos 8 filmes[24], realizados entre 2017 e 2021, seguiram essa ideia de não gravar no mesmo lugar. "Ándale!" (2017), é um *road movie* feito nas estradas de SC e RS, com algumas coisas na Zona Autônoma de Kanibaru[25]. "Beck 137" (gravado em 2017, lançado em 2021) foi feito na cidade de Goiânia/GO. "Você, Morto" (2018), dirigido por Raphael Araújo, no qual fui ator principal, foi feito em Vila Velha e Vitória, ES. "A Noiva do Turvo" (2018), dirigido por Loures Jahnke, no qual fui produtor executivo e fiz a fotografia, foi filmado em Tenente Portela/RS. "A História Kaingang por Eles Mesmos" (2018) foi feito na nação Kaingang de TI Guarita, Brasil/Argentina. "Brasil 2020" (2019) foi feito em Palmitos/SC. "290 Venenos" (2019) foi feito em Cuiabá/MT. E "Amor Sangue Dor" (2020), dirigido por Magnum Borini, no qual fui produtor executivo, foi filmado em São Paulo/SP e finalizado em Porto Alegre/RS.

— *Liberte-se dos professores.* Sim, eles são importantes e fundamentais para o pontapé inicial de sua vida intelectual, mas não é bom ficar preso a eles. Voe sozinho e exercite seu intelecto o tempo inteiro. A vida é um grande aprendizado e você não deve parar nunca de procurar, descobrir e compreender coisas diferentes que não conhece. Se há algo que você não gosta, pesquise a época em que essa arte foi criada e em qual contexto – lembre-se de que tudo é política – e procure entender para respeitar. Estudando como gêneros/subgêneros artísticos foram criados e ganharam as ruas, geralmente saímos apaixonados por aquela arte que, em nossa ignorância, não nos permitíamos usufruí-la.

---

23 "Zombio 2" foi eleito um dos 100 melhores filmes do cinema fantástico brasileiro em votação da Abraccine – Associação Brasileira dos Críticos de Cinema (que é formada de 127 críticos de cinema de 16 estados brasileiros).

24 Quando não indico o diretor, é porque eu mesmo os dirigi.

25 A Zona Autônoma de Kanibaru é um país dentro do Brasil que fundamos em 2000.

— *Oficinas livres.* Permita-se participar de todo tipo de oficinas gratuitas. Mesmo que você ache que "sabe tudo", sempre haverá um ponto de vista que lhe abrirá outras percepções. Às vezes ministro algumas oficinas de vídeo que tento manter completamente livres. Nunca tenho um plano de aula imexível e todas as oficinas são práticas, com a teoria sendo aplicada em tempo real e com a direção da aula orgânica, ou seja, cada turma vai requerer abordagens diferentes na hora de criar um curta-metragem coletivo. Parece um caos, geralmente é um caos, mas é um modo de colocar os alunos no turbilhão real que uma produção de vídeo independente é. Já ministrei uma aula que durou 44 horas, sem intervalos, por exemplo.

— *Não viva com medo.* Não guarde para si suas ideias. Faça sua produção e encontrará ajuda. Lance sua obra e encontrará público. Medo é uma sensação que o sistema quer que você sinta.

— *Dê ao público tudo aquilo que o cinema comercial não dá.* Na falta de um orçamento decente, é bom que você seja necessário ao público explorando sensações diferentes, em tempos narrativos não usuais.

— *Faça filmes divertidos, eles sobrevivem ao tempo*[26]. Sempre optei por abordar as temáticas com muito humor – tanto que me considero mais comediante do que cineasta sério de horror – e, com este tipo de abordagem, mesmo as produções que realizei em VHS continuam sendo assistidas por uma nova geração. Exemplo: "Gore Gore Gays" (1998), uma produção transgressora desbocada caótica que realizamos em VHS podre, foi lançado em DVD, nos USA, pela distribuidora *Toxic Filth Video*, em 2021. Uma possibilidade de fazer grandes filmes divertidos é desconstruindo gêneros populares como *kung fu*, *western*, guerra, horror, *sci-fi*, etc. Você escolhe um ou mais gêneros e desconstrói a coisa toda[27]. Se você insiste em parecer um cineasta sério, documentário é um estilo cinematográfico ótimo para explorar, podendo

[26] Mesmo quando com temáticas sérias, é possível abordar o assunto com bom humor. Bom humor crítico e mordaz, que apunhala os imbecis.

[27] Por exemplo, as produções de filmes como "Ninguém Deve Morrer" (2009), onde *western,* musical e experimentalismo se implodem; ou "Rodson – Ou Onde o Sol Não Tem Dó" (2020), de Clara Chroma, Orlok Sombra e Cleyton Xavier, onde *sci-fi* e cinema político se fundem num experimentalismo inspirador.

exercitar sua narrativa de inúmeras formas.

— *Seu filme deve ter a duração que ELE pede.* Fique atento, enquanto estiver editando, para saber que tudo que não funciona a favor do que você quer contar em seu filme, deve ser cortado, e não incluído na obra. Geralmente o cineasta se apega de tal maneira ao material que não quer jogar nada fora – essa é uma boa hora para estar cercado de amigos inteligentes e sinceros, que lhe darão uma luz; ouça-os. Acredite, faz muito bem para sua obra se você conseguir desapegar de tudo que não funciona. Agora, se ele pede uma duração de muitas horas, ouça seu filme e faça!

— *Faça closes sempre.* Faça closes de tudo, mesmo que não vá utilizar no filme que estiver fazendo no momento. Guarde estes closes, eles te salvarão algum dia em alguma edição futura. Closes de sangue pingando, escorrendo em fundos neutros. Closes e planos detalhes de tudo, por favor. Tudo pode servir no futuro. Exemplo: Felipe M. Guerra remontou seu filme "Entrei em Pânico ao Saber o que Vocês Fizeram na Sexta-Feira 13 do Verão Passado" (2001) e o relançou em grande estilo no *Festival FantasPoa* de 2021. Ao remontar o filme, Felipe se deparou com o grande problema de não ter closes, nem planos detalhes, para uma edição mais dinâmica. Nessa remontagem, vários closes de sangue espirrando e membros humanos decepados são de filmes meus, produções como "O Monstro Legume do Espaço" (1995), "Eles Comem Sua Carne" (1996) e "Blerghhh!!!" (1996), cujas fotografias desbotadas em VHS combinavam perfeitamente com a fotografia sem qualidade do filme dele, também gravado em VHS. No início de minha carreira, assim como da carreira de Felipe, não era habitual fazermos planos além do que tínhamos decupado, gerando sempre muitas dores de cabeça na hora de montar os filmes.

— *Faça ensaios.* Ensaios são muito importantes para você, realizador, conseguir acertar sem grandes custos o ritmo de seu filme, o *timing* dos atores, etc. Eu sempre trabalhei com amadores selvagens que se recusavam a ensaiar, e muitas vezes a qualidade da obra saiu comprometida por conta dessa recusa aos ensaios. Com o tempo aprendi que deveria ir gravando inúmeros *takes* da mesma cena, funcionava como ensaios gravados e os atores nem se tocavam que eu só estava gravando os ensaios até eles acertarem o *timing* e tudo o mais.

— *Legendagem.* O mundo se tornou pequeno após o advento da internet. Produza seus filmes de modo que eles possam ser entendidos em qualquer parte do mundo. Se você tiver uma produção com muitos diálogos em português, legende o mais rápido possível. Legendas em inglês, espanhol e chinês já cobrem boa parte do globo terrestre.

— Música cativante é 50% do trabalho para manter o público ligado em seu filme.

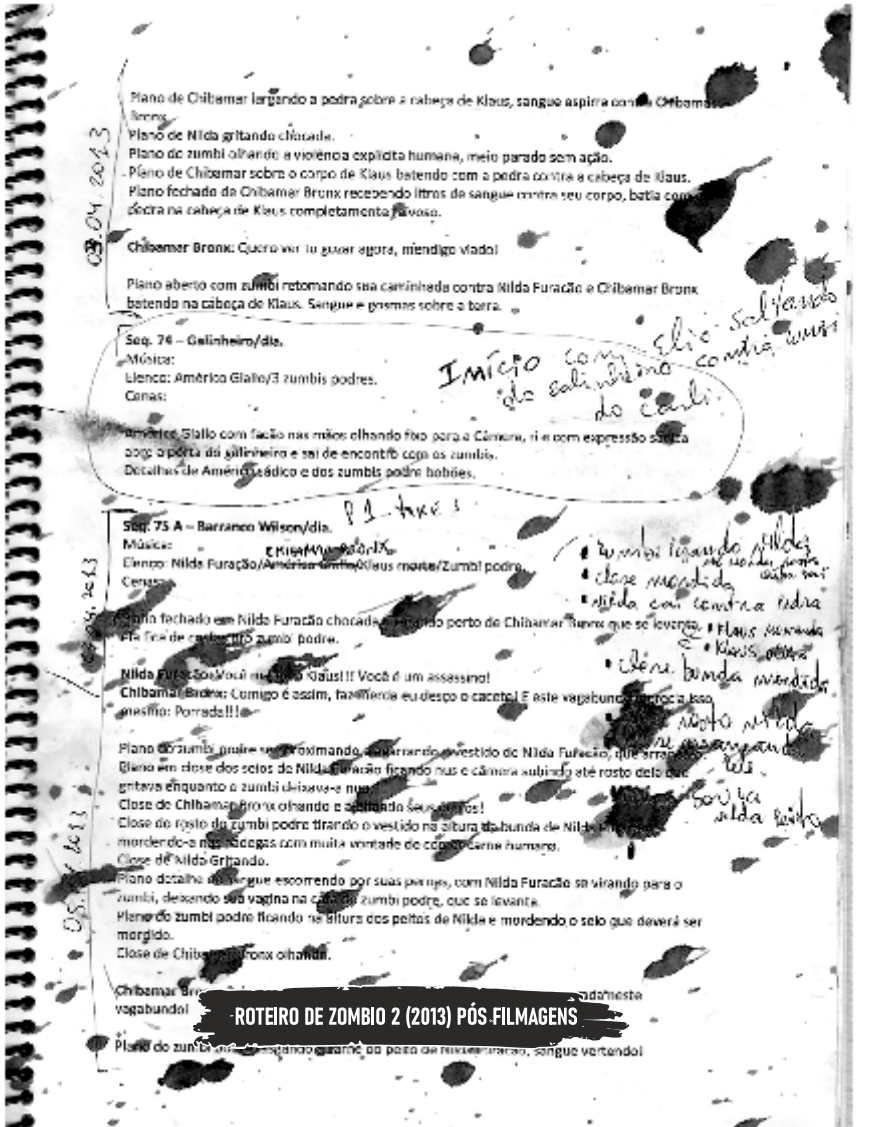
— *Editais & financiamentos coletivos.* Produtores de editais geralmente são pessoas que vivem somente pelos editais. A maioria deles não consegue se encaixar no seu jeito livre de pensar cinema. Mas, mesmo assim, se você achar válido submeter algum projeto nas leis de incentivo cultural, é um meio interessante de se levantar dinheiro em países onde o artista é visto como um trabalhador de segunda classe – como no Brasil. É muito gostoso pagar um valor justo aos nossos amigos e colaboradores sempre que possível; e editais permitem isso. Porém, a elaboração de um projeto para edital demanda tempo para resolver uma série de formalidades e burocracias e, ao final, pode acabar dando em nada ao ser reprovado por juntas julgadoras de editais. Particularmente, prefiro utilizar esse tempo para criar obras atraentes, com concepções fortes e bem definidas, para depender apenas do apoio financeiro de meu público e ver meus esforços sendo recompensados com a certeza de que a obra será realizada. Acho frustrante demais gastar horas do meu tempo livre e depender da aprovação de cabeças que, muitas vezes, não entendem meu estilo de cinema ou já possuem pré-julgamentos sobre meu nome e obra. O financiamento coletivo – em todas as suas formas – me dá uma liberdade fantástica que sinto não ter de outro modo.

— *Descubra o cinema independente.* Isso, pode ser agora mesmo! Pegue seu celular, acesse alguma plataforma de exibição e veja um filme underground. Torne isso um hábito. E, os filmes que você gostar, indique aos seus amigos e conhecidos. O cinema independente necessita de sua ajuda para chegar a mais pessoas.

Tema de casa:

Realize um experimento cinematográfico com amigos e seu celular – independente do modelo que você tiver. Filme uma ideia simples, captando o som com o gravador de voz do aparelho. Se possível, componha a trilha sonora também no celular. Depois edite tudo em algum aplicativo de edição e divulgue seu filme em alguma plataforma de vídeo gratuita. Preste atenção nas reações de seu público; será um ótimo aprendizado.

Se você conseguir fazer este experimento, continue lendo o livro. Caso contrário, o livro se encerra aqui para você.



A RALÉ ESTÁ EM TODO LUGAR[28]

PETTER BAIESTORF

Não queremos festivais milionários, não queremos prêmios, não queremos pessoinhas alienadas com suas caras de saco murcho!!!

Abaixo os "bonzinhos", abaixo os "saudáveis", abaixo historinhas de ninar, abaixo toda sua bosta *light*!!!

Nós queremos que você enfie seu site de cinema *blockbuster* no cu, nós queremos que seu canal de *YouTube* modinha se foda, nós queremos que vocês continuem sendo capachos dos ricos filhos da puta!!!

Estamos aqui para jogar água no chope dos abostados, para mijar no pinico dos eufóricos, para chutar o saco dos homens de ternos bem cortadinhos!!!

O que somos?

Somos o *Shot On Video* do escracho,

Os senhores da zoeira antissistema,

A ralé do Kanibaru Sinema!!!

---

28 Este texto é uma adaptação revisada do originalmente publicado no livreto "Defecando Urros" (1997), lançado durante o *25º Festival de Cinema de Gramado* e considerado um dos embriões do *Zeitgeist* da criação do *Manifesto Canibal*. Coffin Souza, Jorge Timm e eu fomos como convidados nessa edição do festival e aproveitamos pra ficar incomodando. Nossa estadia no festival foi o início das ideias do *Manifesto Canibal* original.

Somos a ralé!!!

A ralé!!!

A ralé!!!

QUEIMANDO MAIS UM CIGARRO[29]

COFFIN SOUZA

Pensei cá com meus culhões: estando dinossauramente deslocado no tempo (e agora no espaço) neste planetinha covidético, globalizadamente internetado (internado?), (sobre)vivendo neste quintal carnavalesco que brinca de ser moderno… *muderno?*… mais de 500 anos de fome de cultura, de comida e diversão, entramos nestes anos 20 vivendo de farelos de nossa própria liberdade – ainda somos os mesmos e vivemos pior do que nossos pais! – *y tem genti qui axa qui tá + ou – y qui um dia vai melhorá*…

Só em festivaizinhos bostas é que pensamos. E queremos ganhar um Oscar e também agradar a Deus, ao Diabo, à Globo, ao censor, ao cachorro da vizinha gostosa e imitar a última moda de *Rolyúde* para virar *cult-de--encomenda*. Discordar e transgredir não tá com nada. Pensar igual é *cool*!! Vamos, "Globalize-se e Internete-se!!! Você terá um mundo de infobobagens que não conseguirá assimilar e poderá dormir tranquilo ZZZ… de cabeça vazia!". Na manhã seguinte você usará a mesma maquininha e copiará um roteiro-padrão para fazer um filminho-padrão e agradar o patrão. E ele te dará uma puta grana, afinal, é teu papai, não é não???… Pagode--sertanojo-pop-bosta-novela-das-8-domingão é diversão??? Arte que peida, fala, faz rir, age, vomita, dá tesão, faz pensar… dói???… é coisa esquisita??? VIVA A ESQUISITICE!!!

Tente, invente, bata uma punheta diferente!

---

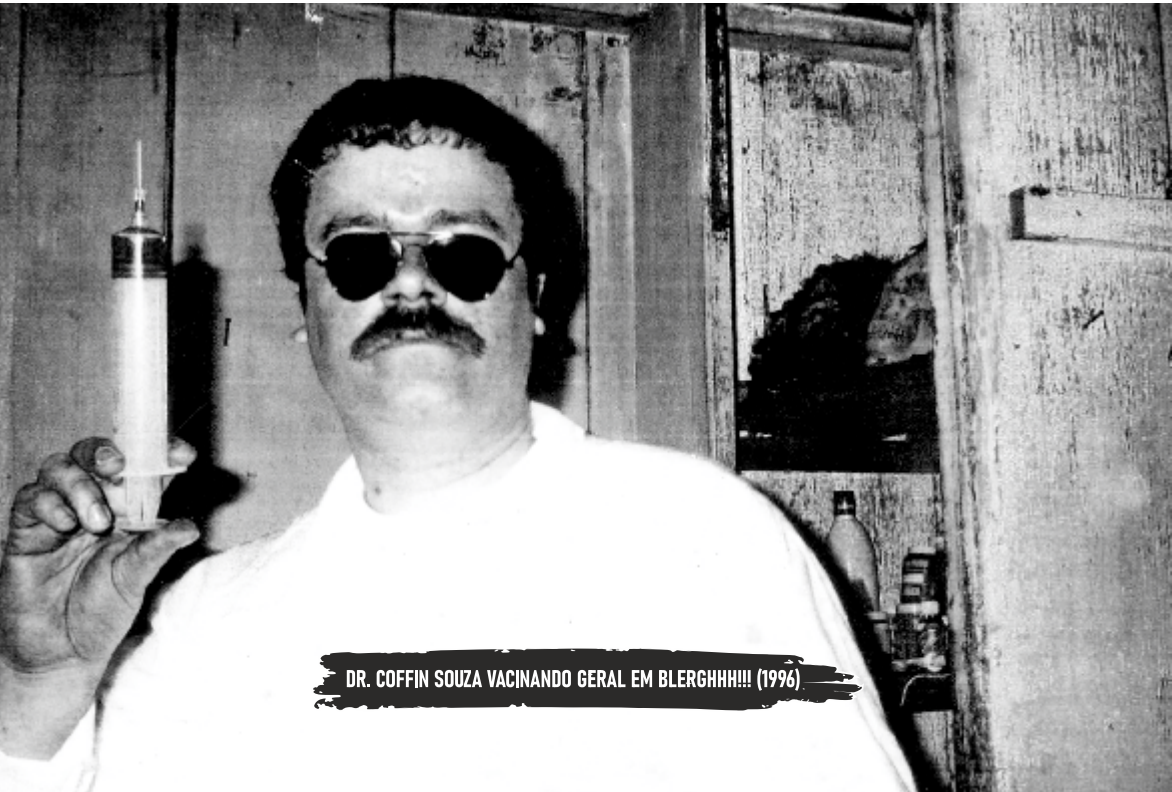
[29] Atualização de texto publicado originalmente no zine "Brazilian Trash Cinema" #1 (2000, editores: Petter Baiestorf & Coffin Souza).

Não precisa virtuosismos técnicos, nem milhões. Também não é preciso ser sujo, mal feito, "errado" só pra agradar. Basta aloprar, debochar, instigar, provocar, putalizar, ar, ar… PRECISO DE AR!!! Sem youtubers-geekpiças--new-evanjegues-cantantes-inquisidores e "sarados". Cadê a apregoada "criatividade e rebeldia inerente aos nossos jovens artistas"??? Continuaremos nesta vidinha besta desta terra brasilis que não funciona mesmo??? Então vamos esculhambar de vez e fazer arte meio-hiphop-meio-punk--meio-doida-suja-amoral & vagabunda, pelo menos tem a nossa cara.

Tá certo, isto tá parecendo um discurso, é que tô ficando velho e ranzinza. Logo tu vai me chamar de Coffin *Ana Maria Brega* Souza. Troglodita, *cult* & detonado de tanta cachaça, cigarro, blues, rock, arte vagabunda, literatura marginal (?), cinema marginal (??!)… Pera'í!! Marginal, não! Marginal é o cacete! E *cult*… é a PUTA QUE PARIU!!!

Esquece toda esta merda falatória que eu escrevi e toma mais um trago, acende mais um baseado e dá play num *kung fu*.

Ahhh! Tu não bebe, não fuma e só gosta de filme *culti*… Desculpe, tô meio esquecido… coisa de velho, né?



DR. COFFIN SOUZA VACINANDO GERAL EM BLERGHHH!!! (1996)

LIVRO DE RECEITAS KANIBARU

COFFIN SOUZA

1. Receita da Vovó Gore: Barriga Humana para Eviscerar

Opção 1

Ingredientes:

— 1 colchão de espuma;

— base para maquiagem da cor da pele da vítima;

— sangue falso produzido conforme receita abaixo;

— tripas produzidas conforme receita abaixo;

— faca afiada;

— ator/atriz extremamente paciente[30].

Modo de fazer:

Recorte a espuma no formato de um peitoril que encaixe no torso de seu ator/atriz. Pinte com base até ficar no tom de pele correto. Acople as tripas debaixo do peitoril falso. Acrescente muito sangue. Passe a faca e corte. Coloque mais sangue para um verdadeiro massacre!

---

30 Fica a dica: se você é um ator ou atriz que se oferece para encarar efeitos práticos *gore*, tenha em mente que não reclamar é uma ajuda inestimável. Encare tudo sabendo que será cansativo, demorado e, muito provável, desconfortável. O resultado final é o que conta, mas até se chegar neste resultado, a coisa realmente é porrada e chata! Se for pra ficar reclamando, NÃO ACEITE!

Opção 2

Ingredientes:

— um pedaço de espuma de colchão;

— sangue falso;

— massa para maquiagem artística*;*

— tripas falsas;

— tinta acrílica ou esmalte de unhas vermelho e um tiquinho de preto.

Modo de fazer:

Corte a espuma com um estilete para que fique com no máximo dois dedos de espessura e no formato da barriga que você quer estripar.

Faça o corte na barriga. Abra com cuidado e pinte as laterais internas do corte com a tinta vermelha, com alguns toques de preto.

Cubra o corte com uma camada fina de massa para maquiagem. Pinte o resto da barriga com uma mistura simples de cola branca e base, para que fique com uma cor homogênea. Grave agora com a faca/cutelo "cortando" novamente. Retire de lá as tripas falsas com muito sangue denso.

2. Receitas do Dr. Kanibaru: Sangue Falso[31]

Notas: Sangue falso não é catchup, não! Nem tinta guache, nem corante Xadrez – por favor!!! Xarope de Groselha é muito falso também! Sangue digital? Isso também não é sangue, no máximo é um borrão digital!!!

Vamos tentar de outros modos.

A) Melado de cana com corante alimentício vermelho e umas gotinhas de preto.

[31] O Portal Cinema publicou em 2009 um ótimo guia de receitas de vários tipos de sangue falso muito fáceis de fazer, acesse neste endereço: https://www.portal-cinema.com/2009/05/receitas-de-sangue-falso.html

Modo de fazer:

Misture os ingredientes até ter a textura e cor avermelhada que deseja. Vá testando cor e consistência pingando em sua própria pele.

B) Calda de chocolate com corante alimentício vermelho.

Modo de fazer:

Misture os ingredientes até ter a textura e cor avermelhado escura que deseja. É ótimo para usar como sangue coagulado.

C) Sangue falso comestível feito com xarope de milho.

Ingredientes:

— ½ xícara (120 ml) de batida ou ponche de alguma fruta vermelha;

— 1 xícara (300 g) de xarope de milho;

— 2 colheres de sopa de corante alimentício vermelho;

— 1 colher de sopa de calda de chocolate;

— 2 colheres de sopa de maisena;

— 1 colher de sopa de cacau em pó.

Modo de fazer:

Junte os ingredientes em um liquidificador.

Bata o sangue falso por cerca de um minuto. Pare quando ele estiver com uma consistência suave.

Teste em um pano branco a cor e consistência. Se tiver de fazer algum ajuste, acrescente mais corante alimentício, calda de chocolate ou cacau em pó. Se o sangue estiver muito pálido ou rosado, acrescente algumas gotas de corante à mistura e bata-a de novo. Se estiver *muito* vermelho, coloque mais calda de chocolate ou cacau e volte para o liquidificador.

Se não quiser usar xarope de milho, use xarope dourado.

D) Sangue falso comestível feito com farinha.

Ingredientes:

— 1 colher de sopa de farinha de trigo;

— 1 xícara (240 ml) de água;

— 2 colheres de sopa de corante alimentício vermelho.

Modo de fazer:

Leve a água e a farinha a uma panela. Misture bem para desfazer as partículas sólidas. Tente dissolver toda a farinha. Se não tiver um batedor, use um garfo para misturar a água e a farinha.

Ferva a mistura. Acenda uma chama em fogo alto até que os ingredientes comecem a ferver. Quando notar a formação de bolhas, leve o fogo à chama média e espere 30 minutos. Por fim, deixe a mistura esfriar. Esse processo vai deixar o sangue falso mais espesso.

Acrescente o corante vermelho após a solução esfriar. Misture tudo até que tenha uma cor consistente.

Você pode usar mais corante vermelho para deixar o sangue ainda mais claro.

3. Receita do Canibal Tropical: Peles & Tripas

Pele/carne não precisa ser de verdade! Experimenta aí misturar a mesma quantidade de farinha de trigo e cola branca (tipo escolar, não-tóxica) com base para maquiagem da cor de pele desejada e um tiquinho de água morna. Mexer bem, muito bem… Trabalhar com as mãos como uma massa para pão… Tchan tchan! Massa para maquiagem artística… Pele/carne instantânea!

Tripas Reais? Cê tá louco, mermão? Troço fede, estraga fácil e é nojento pra cacete! Tripinhas de boa???

Corte um retângulo de filme plástico – aquele para alimentos, que você cobre tuas tatuagens. Em um dos lados maiores coloque uma tira de massa para maquiagem, algumas gotas espalhadas de corante vermelho e preto,

um pouco de nosso sangue… ops… nosso sangue falso! Enrole o filme como um rocambole… bem, como uma tripa, com um pouquinho de sangue de quando em vez… mais sangue em cima de tudo e prontinho, uma tripinha!

4. Receita do Mendigo Produtor: Vidro falso

Ingredientes:

— 1 xícara de chá de açúcar;

— ½ xícara de chá de água;

— 4 colheres de sopa de xarope de milho ou glucose;

— óleo de cozinha (para untar o tabuleiro).

Modo de fazer:

Coloque a água na panela e, quando começar a ferver, adicione o açúcar. Misture bem, até derreter. Em seguida, acrescente o xarope de milho e mexa sem parar. Com a panela tampada, deixe ferver novamente. Enquanto isso, passe o óleo de cozinha em um tabuleiro de bordas baixas: isso fará com que o vidro descole mais facilmente. Apague o fogo, coloque o líquido no tabuleiro e leve para o congelador, por cerca de 30 minutos. Depois, é só desenformar.

Yeahhh!!! Prontinho pra quebrar na cabeça de suas personagens pastores, ricaços escrotos ou outros tipos de figuras opressoras!!!

5. Outras Receitas/Dicas do Dr. Kanibaru

A) Pele Falsa 2: Gelatina em pó sem sabor, glicerina líquida e um pouquinho de água morna em partes iguais. Um tiquinho de base para maquiagem. Coloque em uma panela em fogo baixo e mexa (sem deixar ferver), até desmanchar e integrar tudo. Deixe esfriar. Aplique.

B) Pele Falsa 3: Pele velha enrugada. Papel higiênico, cola branca e base. Como em uma lasanha, faça uma camada de cola, uma de papel higiênico,

deixando o papel enrugar, e depois mais uma e mais uma. Pinte com base para maquiagem.

C) Pele/Carne Falsa 3.1: Algodão, cola branca e base.

D) Meleca Translúcida para Podridões: Sabão ou sabonete de glicerina desmanchado em um pouco de água morna, até o ponto de melecão!

E) Meleca Translúcida para Podridões 2: Amido de milho (vulgo maisena) e água. Misture aos poucos até a consistência que você quer. Colorir com corantes alimentícios.

F) Meleca Translúcida 3 (para grandes quantidades de corpos/coisas podres): Polvilho (ou fécula de mandioca, nome mais massa!), água e corante alimentício (as cores da podridão você decide!). Panelão no Fogão e bora mexer até o ponto de uma boa meleca podre. DEIXE ESFRIAR antes de cobrir alguém com ela!

Nota: Use sua criatividade. Procure tutoriais no *YouTube*. Teste primeiro em você, e depois divirta-se sujando/melecando/"matando"/"torturando" seus amigos/atores!

Boa Diversão!

MAQUIAGENS ARTESANAIS DE ELES COMEM SUA CARNE (1996)

COMO VIAJAR DE GRAÇA FAZENDO FILMES BARATOS

PETTER BAIESTORF

Comecei a fazer filmes no ano de 1992, primeiro como uma forma de me divertir com amigos, e, logo em seguida, descobri que fazer filmes independentes, mesmo sem grana nenhuma, era uma ótima maneira de convencer as pessoas a te pagarem por viagens. Foi assim que conheci, praticamente de graça, o Brasil inteiro (para minha frustração, ainda não conheço a região Norte de nosso país – alô, alô, produtores culturais do Norte!).

Você gostaria de viajar de graça, mas não possui uma câmera profissional para realizar seu pequeno filme?

Bem, não vejo isso como um empecilho, minha sugestão é você utilizar uma câmera fotográfica digital – pode ser celular ou aquelas máquinas fotográficas bem baratinhas – ou um scanner. Tanto com a máquina fotográfica quanto com o scanner, você poderá capturar as imagens e transformá-las em filme usando qualquer programa de edição em computadores e/ou celular[32]. Mas, se por ventura, você não tiver nada dessas coisas das quais falo aqui, é bom exercitar sua lábia de produtor e convencer as pessoas sobre a nobre necessidade de elas te ajudarem a produzir seu filme.

---

32 A possibilidade de fazer animações experimentais se utilizando de fotografias ou imagens digitalizadas via scanner é infinita. Você terá à sua disposição muitas ferramentas de edição para perverter suas imagens e dar ritmo e sentido para o universo criado, como se fosse um alucinante *stop motion* caseiro de fotos. Lembre-se sempre, todo frame sozinho é uma foto; já todo frame combinando com outros milhares de frames são um filme! Faça sua orgia cinematográfica!

Hoje em dia, se você olhar ao seu redor, vai encontrar com muita facilidade câmeras dos mais variados estilos e qualidades à sua disposição: câmeras de celular, webcams, máquinas fotográficas que gravam vídeos, câmeras de segurança, etc. Por exemplo, para ilustrar minha linha de raciocínio, você pode construir seu filme combinando todos esses aparelhos citados; são instrumentos esperando por você, o artista que irá reordenar/ressignificar tudo conforme sua criatividade permitir. Você pode ter à disposição o computador de seu melhor amigo – que vai ter um scanner acoplado; se não tiver, descubra onde conseguir, porra[33]! –, com um programa de edição pirata que você baixou de algum blog suspeito. Você pode combinar animação de imagens – capturadas via máquina fotográfica ou scanner – com cenas filmadas com câmeras de celular, com *takes* retirados das câmeras de segurança da padaria de seu bairro – o padeiro, além de emprestar as câmeras de segurança para as filmagens necessárias, se bem conversadinho, ainda poderá patrocinar a alimentação de sua equipe, o que nos faz voltar ao quesito *"fazer filmes sem grana pede que você exercite sua lábia"* – e alguma sequência envolvendo imagens de webcam ou pequenos *takes* com câmeras fotográficas no modo "vídeo". Seu papel como realizador é ser criativo o suficiente para transformar essa bagunça proposta aqui em estética – como parte da lábia de produtor, depois que seu filme estiver finalizado, você precisa ainda criar alguma teoria que justifique a importância de sua obra. E crie uma expectativa nos produtores de mostras e festivais de que sua presença palestrando vai engrandecer o evento, isso garante a sua viagem de graça, com passagens aéreas, estadia em hotel bonitão, alimentação e pessoas te pagando bebidas… É uma delícia!

Agora, sou contra fazer um filme que não diga nada. A falta de dinheiro, equipamentos, de condições para realizar seu filme, não impede que você tenha ideias; seu cérebro, sua criatividade, sua capacidade de criação, são seus instrumentos mais importantes. Na hora de criar você tudo pode, não há limites. E você pode discutir qualquer assunto, qualquer temática, pois qualquer assunto por você abordado terá seus defensores e seus detratores

[33] Não tenho scanner em casa, utilizo um aplicativo de celular chamado *iScanner* e funciona, tanto que já usei imagens digitalizadas com ele em trabalhos profissionais.

também. A delícia do mundo está nas diferenças. Você precisa se assegurar que seu projeto pareça único e que sua presença na cidade que você escolheu conhecer de graça seja estritamente necessária.

Em 2005, por exemplo, fiz um filme chamado "Palhaço Triste", que chamei de autobiografia para dar uma polpa no troço todo e fazer com que um filme vazio ficasse parecendo algo importante. Filmei ele com três amigos me ajudando nas filmagens – dei alguma bebida em troca da ajuda –, usei uma filmadora Super VHS velha que tinha em casa e editei as imagens com outro amigo me ajudando[34]. O resultado foi um *art house* sobre as frustrações de um cineasta impossibilitado de realizar seus projetos, tudo isso embalado com um efeito digital – que nem sei o nome – que deixou as imagens com um clima de pesadelo surrealista lisérgico. Não me custou nenhum centavo – editamos o "Palhaço Triste" em Florianópolis, a 650 km da minha casa, com as passagens bancadas pelo governo de Santa Catarina que, naquela semana, havia me contratado para participar de um debate sobre a produção de filmes independentes – e tão logo ficou pronto, me proporcionou alguns dias de descanso em Belo Horizonte/MG, onde ele foi exibido em clima de festa num festival de cinema. Ganhei bebidas, fiquei num hotel maravilhoso, revi amigos mineiros de longa data e ainda participei como ator no longa-metragem "O Sonho Segue sua Boca", do genial cineasta underground Dellani Lima.

Produza seu filme, as possibilidades de tudo dar certo e ser uma experiência positiva são grandes. Estou torcendo por seu filme e espero também te encontrar viajando de graça na minha próxima viagem gratuita.

Longa vida aos filmes sem grana & uma ótima viagem!!!

---

[34] Os três amigos atores foram Coffin Souza, Elio Copini e Eder Meneghini. Quem editou foi o Gurcius Gewdner, em um de seus primeiros trabalhos como editor – 16 anos passados e Gurcius, hoje, é um premiado e respeitado editor, provando que o "crime" compensa!

PETTER BAIESTORF
SOUZA
TIMN
IVAN CARDOSO
VERARDI
DENNISON RAMALHO
ANDRÉ CARVALHO
MOJICA E CANIBAL FILMES
NA HORRORCON 2 (1996)
CAROL DAMASCENO
ANTONIO MAYANS
CARRASCU
MÁRCIO JR.
CARLÃO
REICHENBACH
BÁRBARA DERETTI
FABIANO SOARES
CÉLIA HARUMI
ROGER CORMAN
LLOYD KAUFMAN
ROGER CORMAN
SEU MANOELZINHO
MANOEL GODOY
JOEL CAETANO
ANDRÉ BOZZETTO JR.
RAÍSSA VITRAL
LEO PYRATA
FLAMINGO

NILSON PRIMITIVO
BERENTE
JOÃO P SANTANA
FABIANO SOARES
MARCEL MARS
ISE EMMERICH
PRIMATI
BIANCA ZASSO
FATTY FANG
MOJICA
MARCEL MARS
DOUTOR ARISTIDES
KZL
RUBENS MELLO
BRUCE LABRUCE
GABRIEL MARTINS
KZL
ARAGÃO
BETH B
FELIPE M GUERRA
MAGNUM
MOJICA
GUSTAVO VINAGRE
MAURICE CAPOVILLA
NILSON PRIMITIVO

MÁRCIO
BÁRBARA
CARLÃO
FLAMINGO
GABRIEL ZUMBI
ANDRÉ LUIZ
VERARDI
SOUZA
MARCELO SEVERO
EDUARDO CÁRDENAS
OSO TAPIA
VERARDI
ANTONIO VIOLA
MARCÍRIO ALBUQUERQUE
LIGIA MARINA
GASPAR NOÉ
JOEL CAETANO
E. B. TONIOLLI
ALEJANDRO GUTIERREZ
INSERTO
DENNISON RAMALHO
FABIANO SOARES
FELIPE M GUERRA
DONA OLGINA
PAT SWINNEY
KZL
LLOYD KAUFMAN
VILLA
LOURES JAHNKE
ANGELO AREDE
DANIEL YENCKEN
JONAS FREITAS
LEYLA BUK
SOUZA
VILLA
ÁGATA DE BARROS

ANOTAÇÕES PARA UM POSSÍVEL ROTEIRO DE CURTA-METRAGEM

COFFIN SOUZA

O importante é ser contra... a posição de subversão cessa evidentemente se acontecer de generalizar-se, para tornar-se, no final, a norma. Revolução é virar a ampulheta. Subversão é outra coisa; é quebrá-la, eliminá-la.

Jean Dubuffet[35]

Coquetel de abertura de um festival de cinema nacional (ou afim).

Salão de um hotel cinco estrelas (pode ser filmado em um sem estrelas mesmo).

Atores, fãs, oportunistas, garçons, jornalistas, aproveitadores, publicitários, bajuladores em geral. Alguns cineastas no meio. O personagem principal está deslocado. Um jovem realizador independente, que com muito esforço conseguiu finalizar seu primeiro pequeno trabalho, exibiu em algumas mostras e até foi citado na mídia oficial. Qual sua motivação ali? Dúvidas artísticas? Uma loira com peitões, o uísque e os vinhos importados (pagos com a verba pública destinada à cultura popular)??? Um financiamento para um novo projeto? Ou está em busca de seus iguais, para falar da paixão em realizar com suor e sangue seu trabalho artístico? Dúvida, dúvidas no ar.

Corte seco (talvez chicote).

---

35 Pintor e teórico da Arte Bruta.

Meio do salão atulhado de humildes garçons e egos inflados. Um grupo se destaca, falando alto, gracejando e gargalhando. Nosso jovem herói se aproxima (mas não muito, só o suficiente para ficar observando). No centro da roda, um famoso cineasta nacional padrão "patrão": terno importado, uísque importado, cigarro importado, viagra importado, talento importado, loira siliconada (nacional, mas com padrão exportação) a tiracolo. Cara de nojo, olhar entediado, gestos largos e fala imponente. Cospe/caga sua sabedoria cinema-novo-globista em altos brados para todo o salão tomar consciência de sua majestade. À sua volta, alguns jornalistas (sem descrição, qualquer um pode fazer este papel), fãs (idem, desde que saibam fazer caras de bobos alegres) e (aqui, trilha sonora ribombante)… dois jovens cineastas emergentes! Zoom na dupla. Câmera fixa e analítica por um tempo.

— 1º: Gordo, altura média, cara redonda bem barbeada. Cabelo encharcado de suor/gordura. Camisa floreada, calças mais largas que sua gordura – portanto, larguíssimas. Alpargatas de couro nos pés e olhar *blasé* na cara, imitando o cineastão. Não bebe álcool. Segura uma garrafa de água mineral (de grife) e fuma muito. Da fumaça de sua cigarrilha, fundir um efeito de vórtice para o *flashback* de seu *background*:

Imagens de um garoto-gorducho-e-mimado. Depois, de um adolescente--gordo-mimado-e-reprimido. E, finalmente, um adulto-gordo-mimado--reprimido-e-frustrado.

Novamente o garotinho gordo que chora em altos brados. Num contraplano, surge a figura de um homem de terno e gravata bem alinhado que olha para baixo e diz: "Filhinho, não chores mais. Tome isto aqui para você se divertir!" e solta uma chuva de cédulas de dólar (pode-se usar dinheiro nacional fora de circulação). O adulto gordo ri e chora copiosamente dizendo: "Brigado papai, vou brincar de fazer filminhos!". Vórtice de fumaça, corte para primeiro plano do olho do gordo que deixa escapar uma lágrima de recordação, mas volta a sorrir debilmente ante uma piada cabeça sem graça do cineastão.

Nosso herói, agora já impaciente, rapta mais um copo de uísque e passa a observar a outra figura, à procura de identificação.

— 2º: Baixo, cabeça raspada, óculos escuros redondos com armação em cor berrante, cavanhaque na ponta do queixo e brincos e *piercings* no nariz e acima da sobrancelha. Camisa sem mangas de alguma banda de rock inglês da moda com integrante fascista. Bebe bastante e segura um baseado na outra mão, oferecendo-o a toda hora para o seu objeto de adoração, claro, o cineastão. Câmera subjetiva imita o olhar embriagado/chapado dele, com movimentos balançantes e desfocados. Desfocar mais para um novo *flashback*:

Jovem, agora com visual um pouco diferente (óculos fundo de garrafa, cabelos longos, camiseta branca de alguma banda nacional tipo *Legião Urbana* e bermudas floreadas) caminha pelo campus de uma universidade particular. Está cheio de planos para se tornar um publicitário rico como seu pai e ganhar dinheiro, e trabalhar na Globo, e conseguir ter sua primeira experiência sexual (sonha com uma garota de uma propaganda de cerveja), e ter toda a maconha que conseguir consumir. Para pra ler um mural com propagandas de shows e descobre um ciclo de filmes dedicado ao cineasta americano multimilionário, especialista em filmes pipoca/arrasa-quarteirão, *Stivi Spurblergh*. Corte para ele na sala escura de projeção. Fuma um baseado e ri alucinadamente (ouve-se o som muito alto de tiros, explosões e palavras-chavões em inglês). Corte para o centro do campus cheio de belas estudantes. O jovem surge correndo, sobe em um banco, atira seus livros para cima e grita: "Eu vou ser um cineasta milionário!" (repete três vezes) e virando-se de costas para o grupo de estudantes que o cerca, diz: "Aqui pra vocês, óohh!!!" e baixa as bermudas, mostrando as nádegas brancas. Gritos histéricos das meninas e aplausos. Corte para:

— Grupo de mulheres que gritam e aplaudem o velho cineastão, que numa atitude de rebeldia e loucura tirara as calças, mostrando a bunda no meio do salão. Os dois jovens, o gordo e o baixo, aplaudem emocionados. Ao fundo, em segundo plano, mas bem focado, nosso herói se afasta sorrateiramente. Corte para ele em plano médio se desviando da multidão que ri e aplaude, até que esbarra numa garota bonitinha. Ele pede desculpas e ela olha para ele intrigada e pergunta: "Você já está indo embora? Você não é o…? …ator daquela novela, como é mesmo?…" Ele se afasta e com expressão de quem está passando mal, diz nervosamente: "Não, não sou eu. Eu só quero achar

o banheiro. Estou passando mal, quero vomitar!”. Ela faz cara de nojo e um gesto de desprezo.

Vista do lado de fora do hotel. Noite. Carros estacionados. Barulhos da festa ao fundo. Nosso herói sai apressado, enxugando a testa, sem olhar para trás.

Mais tranquilo, entra em uma rua vazia e mal iluminada e vai embora, quer chegar logo em casa. Tem um livro para terminar de ler…

TOR JOHNSON BAIXA EM JORGE TIMM E ATACA O FESTIVAL DE GRAMADO (1997)

COMO REALIZAR ATOS DE DESOBEDIÊNCIA NO CINEMA BRASILEIRO

PETTER BAIESTORF

1) *Apoio mútuo livre de competições.* A competição pode ser revertida em colaboração.

2) *Divulgue os independentes.* Não cobre financeiramente por essa divulgação.

3) *Compre dos independentes.* Não peça descontos[36].

4) *Produza arte independente de qualidade.* É importante para criar um público que quer se divertir – e, principalmente, ser surpreendido – com arte que fuja dos padrões impostos pelo mercado.

5) *Produza shows de bandas independentes com exibição de filmes e outras atividades undergrounds*, como exposições de fotos, pinturas, poesia, trocas de livros/fanzines. Misture gêneros e estilos para que o público – e o próprio artista – saia de sua bolha.

6) *Incentive fanzines, canais de YouTube, publicações alternativas*[37] e faça-os entender a importância de se criar e fortalecer a cena de produtores independentes.

---

36 Quer desconto? Vá xaropear na Disney ou na Coca-Cola por descontos.

37 Como revistas, jornais, blogs, *podcasts, lives*, etc., que estejam abrindo espaço para os produtores independentes.

7) *Crie uma rede colaborativa de produtores undergrounds* que aglomere – e não exclua – outros produtores independentes.

8) *Faça coproduções.* Compartilhe equipamentos, técnicos e conhecimentos.

9) *Incentive a produção, divulgação e distribuição das mídias físicas*. Arte virtual é bacana, mas se dilui muito rapidamente.

10) *Assista, leia, ouça e discuta as produções independentes.* Não caia nas armadilhas do insano ritmo capitalista das redes sociais. Seu cérebro precisa de um tempo todo próprio para entender/sentir a arte à qual é exposto, e isso não acontece com você apenas sabendo que tal arte existe. É preciso absorvê-la.

11) *Não divulgue/compartilhe a produção artística que você não gosta,* mesmo que queira apenas denunciá-la[38]. Exposição na internet, mesmo negativa, se torna positiva. Então é melhor se concentrar em divulgar os artistas que você admira.

12) *Não perca tempo em redes sociais compartilhando suas ideias ainda não finalizadas*. Isso esgota sua energia e outras pessoas irão copiá-lo. Primeiro produza e finalize sua ideia e, depois, utilize as redes sociais para divulgar sua obra já pronta.

13) *Choque o mundo capitalista fazendo as coisas de graça* – se sua estabilidade financeira permitir. Use a troca como moeda sempre que possível.

14) *Mas, também, não se sinta mal se tiver que cobrar cachês.* Faculdades, Universidades, televisões, grandes sites, grandes festivais, órgãos de cultura, municípios, estados e o país têm verbas para o pagamento de cachês.

---

[38] Muitas vezes já fiquei conhecendo arte de fascistas e outros pulhas de pensamentos preconceituosos só porque amigos ficavam compartilhando para denunciá-los. Mas sempre compartilhavam todas as informações do artista e sua obra, como endereço de sites onde comprar, fazendo uma verdadeira promoção daquela arte. Eu não comprava, lógico, mas certeza que seu protesto chegará a muitas cabeças preconceituosas que se identificarão com aquilo e apoiarão.

15) *Encontre um produtor para chamar de seu.* Tem gente que é o artista. Já outros são o produtor, o cara dos números e contatos, o cara que vai entender teu projeto e saber como organizá-lo com um orçamento realista. O produtor é o artista da lógica, o cara que irá concretizar a coisa toda.

16) *Você não terá resultados diferentes fazendo tudo igual.*

17) *Seja marginal, seja herói*[39].

[39] Frase de Hélio Oiticica, 1968.

CANIBAL FILMES APRESENTA

UMA HISTÓRIA ONDE O CANIBALISMO É O INGREDIENTE MAIS NORMAL!

ELES COMEM SUA CARNE

(They Eat Your Flesh)

SOV

Uma produção Canibal Filmes & Mabuse Produções

E. B. Toniolli - Su Terê - Marcos Braun - Jorge Timm
Onésia Liotto - Coffin Souza - Marcelo Severo - Airton Bratz

Maquiagens de Leomar Wazlawick - Edição de Vandemir Zingler
Produção de Coffin Souza & Petter Baiestorf
Direção de Fotografia, Roteiro & Direção de
PETTER BAIESTORF

EXEMPLOS PRÁTICOS DE KANIBARU SINEMA

PETTER BAIESTORF

Abaixo, alguns exemplos de como contornar problemas de produção, orçamento, logística, pessoal disponível e outros infortúnios que tivemos em 3 décadas de produção[40].

— *O porco eviscerado*[41] de "Eles Comem Sua Carne" (1996): Queríamos realizar o filme mais sangrento já produzido no Brasil, então, na impossibilidade de termos efeitos com látex e animatrônicos, resolvemos seguir alguns ensinamentos do cinema italiano selvagem e das produções da Boca do Lixo. Fomos a um açougue e compramos um porco inteiro – pedimos que não tirassem as vísceras. Então, pintamos a pele do porco no tom da pele da atriz que seria eviscerada, vestimos o figurino no porco e, com câmera em close na barriga do porco dublê, abrimo-lo sem cortes de edição de vídeo, conseguindo um resultado ultrarrealista para um filme de orçamento mínimo. Este mesmo porco serviu de alimentação à equipe após as filmagens. E as cenas captadas viraram um segundo filme, um curta *gore* experimental chamado "2000 Anos Para Isso?" (1996).

---

40 É aconselhável que você faça a leitura de meu livro anterior, "Canibal Filmes – Os Bastidores da Gorechanchada" (2020), onde conto os 30 anos de produções independentes da produtora Canibal Filmes. Você pode adquirir pelo e-mail baiestorf@yahoo.com.br

41 Conto como improvisamos essa maquiagem *gore* porque na década de 1990 e início da primeira década do século XXI, ainda utilizávamos carne e vísceras de animais em nossas produções. Era uma prática barata, mas bastante nojenta e incômoda para a equipe. Desde 2008 paramos de utilizar a técnica porque, com o látex sendo bem mais acessível hoje – bem como a quantidade de ótimos maquiadores brasileiros –, não existe mais a necessidade de fazer como antigamente.

— *Explosões de gasolina* em "Arachnoterror" (1996): Resolvemos encenar uma invasão alienígena numa produção sem nada de dinheiro. Quando começamos a filmar – filmagens noturnas –, percebemos que o clima de tensão não estava como queríamos. Sem dinheiro, nem tempo, resolvemos criar algumas explosões de fundo para a composição de um quadro mais apocalíptico. Tiramos gasolina do tanque do carro da produção e criamos bolsinhas-bomba que, quando atiradas no escuro nos locais que já queimavam, explodiam criando labaredas altas. Conseguimos um ótimo clima de fim de mundo com uns poucos reais de gasolina.

— *A experiência de realizar um filme sem roteiro*: Queríamos ter a real experiência de fazer um filme sem roteiro, motivados somente por bebidas, drogas e loucuras surreais, então começamos a gravar o média-metragem "Chapado" (1997), onde combinamos que só gravaríamos tendo ideias bêbados/chapados e filmando-o com as pessoas que estivessem acidentalmente ao nosso redor nos momentos de arroubos criativos. Foi nessa produção que servimos uma salada a visitantes do set dentro de uma bacia, onde um dos codiretores do filme havia passado a noite vomitando.

— *Invasões a locações onde você não tem autorização para filmar*: Uma boa parte de nosso longa "Gore Gore Gays" (1998) foi gravada em Porto Alegre/RS, em cenários públicos que careciam de autorizações para filmagens. Rodamos no metrô da cidade – onde os seguranças nos perseguiram e tentaram tirar nosso material de produção, mas que conseguimos resolver tudo num animado bate-papo –, no Mercado Público e na Catedral Metropolitana da Igreja Católica, onde esperamos pelo final da missa para filmar uma cena de beijo homoerótica com os fiéis saindo da igreja ao fundo, sob gritos de protestos.

— *Zumbis feitos de farinha e água*: Ao elaborarmos "Zombio" (1999), queríamos fazer um filme de zumbi grotesco, na linha dos filmes italianos da década de 1980. Estudando algumas produções, percebemos que os melhores resultados visuais eram em filmes onde as maquiagens eram simples, mas nojentas – tipo zumbis maquiados com barro e outras sujeiras. Então, nossa equipe de maquiagens testou massa de farinha com água na cara de alguns amigos disponíveis, acrescentando, após a secagem da massa, farelo de pão velho e calda de sorvete – sabores variados para

riqueza de cores que remetiam às tonalidades da podridão –, conseguindo uma maquiagem extremamente barata e altamente funcional.

— *Coffin Souza desanimations*: Talvez o melhor exemplo de Kanibaru Sinema até hoje. Souza morou durante 2 anos (2000-2002) numa praia isolada de Fortaleza/CE, onde, impossibilitado de ter ajuda de outras pessoas e enfrentando uma forte depressão, se salvou fazendo uma série de curtas experimentais de animação, trabalhando completamente sozinho. Essas animações foram gravadas com vídeo analógico, em VHS, com uma ilha de efeitos digitais bastante arcaica – e não projetada para essa função. Essa série de curtas é composta de "Freak Circus", "Worm Universe", "Zombi X", "Inquilino" e "Creation", todos de 2001.

— *A Curtição do Avacalho* (2006): Outro puro Kanibaru Sinema. Com um roteiro orgânico, que ia na direção que o filme pedia, gravamos durante seis meses de festas e confraternizações com amigos – várias diárias terminavam com toda equipe indo tomar banho de rio pelados. Com o lixo da produtora, criamos uma múmia, um monstro de Frankenstein, um Jesus Cristo zumbi, um Robot Monster e vários zumbis verdes. Transformamos uma oficina mecânica em estúdio – a oficina funcionava durante o dia e nós trabalhávamos nas noites e madrugadas – e recrutamos um monte de figurantes amadores que queriam ver/sentir como se fazia um filme. Foi uma das melhores experiências coletivas que tive na vida.

— *Manifesto Canibal – O Filme* (2007): Baseado na primeira edição deste livro que você tem em mãos, rodamos um curta-manifesto que pretendia ser completamente livre e que doesse a quem doesse! As gravações da narração do curta foram feitas numa floresta – queríamos evitar um estúdio para termos a possibilidade de uma sonoridade mais livre e única – conosco levemente bêbados para que as ondulações sonoras de nossas vozes ficassem perfeitas. Na montagem, reunimos inúmeras cenas de *making of* e as misturamos aleatoriamente em mais de 3 camadas de imagens sujas, conseguindo um resultado interessante – talvez seja o único filme da história do cinema com uma montagem dadaísta, onde não planejamos nada e deixamos o próprio filme ditar o ritmo de sua liberdade.

— *Uma superprodução Kanibaru Sinema*: Ao produzir "Ninguém Deve

Morrer" (2009), reuni todos meus amigos pessoais mais queridos e gravamos em 7 dias uma grande celebração pela vida, não preocupados com muita coisa além disso. Claro que queríamos ter um filme pronto no final daquela confraternização, mas se ficasse imperfeito, que mal teria? Nessa produção também conseguimos testar dublagens que homenageavam vários de nossos filmes preferidos da Boca do Lixo, além de poder reproduzir a piada dos cavalos de "Monty Python em Busca do Cálice Sagrado"[42], que tanto gostávamos. Nossa festa-filmagem foi interrompida por um furacão que destruiu parte da região Oeste de Santa Catarina, e incorporamos este infortúnio à história, conseguindo um final em aberto bastante original.

— *Carro andando parado*: Em "Zombio 2" (2013), pude colocar em prática algo que havia aprendido ao assistir "Black Sabbath"[43] de Mario Bava. Iríamos filmar dentro de um carro antigo, que por algum motivo não pôde estar no set no dia marcado, então peguei um carro novo e filmei todos os planos internos com ele parado, colocando minha equipe com galhos de árvores ao fundo e, com isso, criando a ilusão de que o carro andava em alta velocidade. Os planos da cena também foram decupados de forma que evitavam revelar que o carro usado não era antigo.

— *Meteoro feito de Bombril*: Ao gravarmos "A Cor que Caiu do Espaço" (2015), precisávamos resolver como filmar um meteoro caindo no planeta Terra de forma barata e sem ser digital. Leyla Buk, artista plástica, pintora e desenhista, teve a brilhante ideia de estendermos um arame, encaixar um Bombril nele e, após tacarmos fogo, deixar deslizar pelo arame, como se fosse um meteoro caindo. Na edição reduzimos a velocidade do Bombril incandescente voando no céu escuro – isso fazia o arame preto sumir e destacava o fogo do meteoro – e acrescentamos raios e trovões que eu tinha gravado com meu celular numa noite de tempestade, criando um clima bastante verossímil à cena, e o melhor, sem gastar nenhum tostão para criar este efeito complexo.

— *Filmando sem saber o que fazer com as cenas*: O roteiro do premiado

---

42 "Monty Python and the Holy Grail" (1974), de Terry Jones e Terry Gilliam.

43 "I Tre Volti della Paura" (As Três Máscaras do Terror, 1963), com Boris Karloff.

curta "Ándale!" (2017)[44] foi criado após termos filmado-o. As filmagens aconteceram durante uma viagem de carro que fiz com 3 amigos pessoais, onde fomos gravando a esmo o Elio Copini caminhando sem fazer muita coisa. Depois de pronto, deixamos parado por um tempo, que foi quando reorganizei tudo de outra maneira. Com edição do E. B. Toniolli, ressignifiquei todas as cenas e o transformei numa obra política a favor de protestos de rua. A edição é sua arma mais poderosa, é o momento no qual você pode recriar qualquer imagem que filmou.

— *Filmando com celular*: "A Noiva do Turvo"[45] e "Beck 137"[46] foram experiências audiovisuais nas quais utilizamos o celular nas gravações. "A Noiva do Turvo" acabou sendo uma experiência mais radical no estilo Kanibaru Sinema, porque boa parte da equipe de filmagens foi formada de crianças e até sua trilha sonora[47] foi toda criada e gravada com celular. As filmagens foram noturnas e usamos uma iluminação de caça para criar nossa fotografia tétrica. As locações foram em uma plantação de soja que entramos sem autorizações.

— *Pandemia do Covid-19 e o colapso da sociedade brasileira*: Na impossibilidade de filmar, peguei o longa "Raiva" (2001) e o relancei com o novo título de "A Louca Origem do Covid-19" (2020), com novos pôsteres e capinha de DVD. Ao lançar na internet, inventei um texto onde dizia que o filme era uma produção gravada em 2020 e que havia se utilizado somente de técnicas da década de 1990 para ser produzido, o que incluía edição de vídeo para vídeo. Muitos jovens assistiram a produção e elogiaram muito como tínhamos conseguido ser tão fiéis ao estilo *Shot On Video* de se filmar do século passado.

---

44 Prêmios de melhor curta experimental no Festival CineAmazônia 2017, Roraima/RO; melhor curta experimental no Festival aos Berros de Cinema e Música Independentes 2017, Juiz de Fora/MG; e melhor curta experimental no Festival de Cinema de Jaraguá do Sul 2018, Jaraguá do Sul/SC.

45 "A Noiva do Turvo" (2018), dirigido por Loures Jahnke.

46 "Beck 137" (2017-2021), dirigido por mim, foi gravado em 2017 numa das oficinas de vídeo que ministrei e finalizado pela MMArte apenas em 2021, quando ganhou um lançamento em festivais de cinema.

47 Composta e executada por Vinicius, filho do diretor do curta.

O KANIBARU SINEMA É RESISTÊNCIA,

É A LIBERDADE DO FAÇA VOCÊ MESMO,

É O VOO DOS INQUIETOS QUE NÃO SE CURVAM AO SENHOR CAPITAL!

NORDESTERN E O TRIUNFO DO CINEMA NACIONAL[48]

COFFIN SOUZA

Brasil: final dos anos 1920 – Sertão nordestino. Miséria, abandono, desmandos do governo, vingança, assaltos, raptos, xotes, tiros, fugas, estupros, forrós, lutas, mulheres valentes, cabras-machos, traição, mortes, muitas mortes… Terra selvagem onde a lei era a bala e a peixeira. Oxente!!! Virgulino Ferreira "Lampião" da Silva ama Maria "Bonita" Gomes de Oliveira; Corisco "Diabo Loiro" ama Maria "Dadá"; a gente arretada da caatinga ama/odeia o bando. O tenente Rufino faz da caça aos bandidos sua vida; Benjamin "Libanês" Abrahão[49], faz seu ganha-pão e sua arte ao fotografá-los e filmá-los. Perpetua o mito em celuloide. Genuíno épico brasileiro de aventura. Sertão de sangue. Vida-e-Sangue, Amor-e-Morte. Não no deserto americano. Não *western*. Brasil. Cangaço. Nosso NORDESTERN. Juazeiro, Padre Cícero, Angicos, Sergipe, emboscadas, chacinas, cabeças decepadas.

Brasil: anos 1960 – Ciclo de filmes sobre o cangaço. Sucesso de público com nossos heróis bandidos. Nas telas, Vanja Orico, Milton Ribeiro, Alberto Ruschel, Maurício do Valle, Zé Trindade, Wilza Carla e até Renato Aragão e Dedé Santana, cangaceiros do Diabo, Sem Deus, Sanguinários, Eróti-

---

[48] Este texto é uma junção dos textos "O Triunfo do Cinema Nacional" e "Nordestern – O Cangaço no Cinema", originalmente publicados no fanzine "Brazilian Trash Cinema" #1 e #3, maio de 2000 e junho de 2001, respectivamente. Também foram atualizadas as mortes de algumas pessoas citadas no texto original.

[49] Sobre Benjamin Abrahão, sugiro que assistam ao ótimo filme "Baile Perfumado" (1996), de Paulo Caldas e Lírio Ferreira.

cos, Trapalhões… Deus e o Dragão da Maldade Contra o Diabo e o Santo Guerreiro na Terra do Sol. E do pouco dinheiro. E da fome, cabra-macho, sim sinhô!!! Pra que Robin Hood, Billy the Kid, Jane Calamidade, Bonnie & Clyde, se temos Lampião e Maria Bonita? Sucesso internacional de "O Cangaceiro". Belas cenas de coragem, paixão e violência. Os historiadores contestam: a história não era bem assim… Nunca é. O mito é melhor. A fantasia é que fica. Torcemos para os cangaceiros fugirem dos "macacos" (volantes). Lima Barreto – diretor de "O Cangaceiro", premiado no Festival Internacional de Cannes – morreu pobre, doente, em um asilo de velhos. Desmandos do governo, miséria, abandono. O Brasil continua o mesmo. O cinema é que está mais pobre de imaginação e emoção. A fantasia é melhor, Bang-Bang!!! Olê mulé rendêra, olê mulé rendá, tu me ensina a fazê renda, que eu te ensino a namorá… O difícil é ensiná a fazê Cinemá…

Brasil: anos 1960/70 – Quadrilátero do Bairro da Luz, formado pelas ruas do Triunfo e Vitória, centro pobre de São Paulo. Em meio a prostitutas, travestis e botecos, emergiu a Hollywood Brasileira: a Boca do Lixo! Boca pobre, independente, autenticamente nacional, que chupa, suga o melhor do imaginário visual e cinematográfico universal, para vomitá-lo, devidamente digerido em enzimas nativas, em fotogramas únicos, lúdicos, cheios de deboche, tesão, fusão popular. Boca popular… ou ex-Boca… ex-popular??? Agora tem Huck, Gentili, Ratinho, Edir Macedo, Big Brothers e bundões siliconados rebolando na TV… Cinema pra quê? Pra fazer novela, programa religioso e programa de humor na tela grande???[50] Cadê nossos filmes de cangaceiros, nossos filmes policiais, de terror, cadê as sátiras aos filmões de *Roliúde*??? Cadê Chumbinho?[51]

---

[50] Sobre este assunto, filmes para cinema que parecem especiais luxuosos da TV brasileira, sugiro a leitura do artigo "Publicidade e TV Versus Cinema", escrito pelo cineasta Luiz Rosemberg Filho, publicado no jornal cultural "O Boêmio" #199, no dia 19/12/2003, distribuído na região de Matão/SP.

[51] Carlos Nascimento, apelido Chumbinho, foi ator em inúmeras pornochanchadas, como "Edifício Treme-Treme" (1984), de Nilton Nascimento; "Senta no Meu, Que Eu Entro na Tua" (1985), de Ody Fraga; "Um Pistoleiro Chamado Papaco" (1986), de Mário Vaz Filho; "Fuk Fuk À Brasileira" (1986), de Jean Garret; "As Taras de um Mini-Vampiro" (1987), de José Adalto Cardoso; entre vários outros.

E cadê o nosso Satã[52], hein? E a Wilza Carla, já morreu? Ela foi nossa Divine. A rua do Triunfo foi nossa calçada da fama, ou da má-fama… David Cardoso, ex-garanhão, galã e sucesso de bilheteria, virou um velho crente, maluco e ranzinza que fica chorando em programas sensacionalistas… Cadê o tio Maneco, o melhor e mais inteligente personagem infantil do cinema brazucóide??? Ody Fraga já foi pro beleléu, Costinha também, Rogério "Luz Vermelha" Sganzerla, idem; o Jairo Ferreira, que a todos entendia, apagou sua luz também… e Zé do Caixão foi assombrar Além, Muito Além do Além!… A coisa anda mal… Vocês querem "Bacalhau – O Filme"???[53] Com sorte tu achas num torrente *YouTube* da vida. Mas juro que é muito mais divertido do que os tubarões da vida, ôôôô! Senhorita, não tem filme brasileiro divertido aqui, não??? Ahhhh, só drama milionário, chororô de sertanejo e Trapalhões & Xuxa se Quebra Toda? Ah, valeu… Cadê o espírito inventivo, popular e bagaceiro do nosso povo??? O gato comeu! Cadê o gato? O povo morto de fome comeu como churrasquinho na saída do futebol… É, nem antropofágicos somos mais… Viva a Boca (agora desdentada) do Lixo!!!

52 Melquíades França Neto, apelido Satã, foi guarda-costas e diretor de produção de José Mojica Marins, o Zé do Caixão. Estrelou alguns filmes, como "O Abismo" (1977), de Rogério Sganzerla; "Estupro" (1979), de José Mojica Marins; "Histórias que Nossas Babás Não Contavam" (1979), de Oswaldo de Oliveira; "Tortura Cruel" (1980), de Tony Vieira; "O Incrível Monstro Trapalhão" (1980), de Adriano Stuart; "Excitação Diabólica" (1982), de John Doo; "Horas Fatais" (1987), de Francisco Cavalcanti e Clery Cunha; "Homem Sem Terra – A Volta de João Amorim" (1996), de Francisco Cavalcanti, entre vários outros.

53 "Bacalhau" (1975), de Adriano Stuart, estrelado por Dionízio Azevedo, Helena Ramos, Marlene França, Hélio Souto e Maurício do Valle.

CORPO SECO É O ZUMBI BRASILEIRO

LENDAS FOLCLÓRICAS PARA SE INSPIRAR & FILMAR

PETTER BAIESTORF

Nosso país é riquíssimo em seres fantásticos que ainda não ganharam filmes ou livros interessantes, disponibilizando uma fonte inesgotável de inspiração para que você possa explorar reformulando as histórias conforme seus roteiros e imaginação peçam. Deixando de lado lendas folclóricas mais conhecidas, como lobisomens, saci, loira do banheiro, bruxas[54], etc., você pode se debruçar sobre lendas locais de sua região – minha sugestão é um mergulho completo nos causos populares de interior e bairros do Brasil.

Abaixo segue lista de criaturas folclóricas ou lendas urbanas já adaptadas por nós da Canibal Filmes ou por amigos cineastas. Misturei algumas criaturas e lendas ainda não filmadas, mas que não descarto abordar de maneira livre sem muitas cerimônias para mudar elementos e motivações.

Opala preto: Originou-se em 1974, após o bandido *Carlão da Baixada* fugir da polícia carioca usando um opala preto, com o qual colidiu num fusquinha – que não era fuscão – dentro do túnel Rebouças. A partir daí

---

[54] Em 2014 foi lançado o longa em episódios chamado "As Fábulas Negras", no qual José Mojica Marins dirigiu uma versão livre de Saci; Joel Caetano abordou a Loira do banheiro; Rodrigo Aragão, uma bruxa e um monstro do esgoto; e eu reinterpretei a lenda brasileira do Lobisomem no episódio chamado "Pampa Feroz", cujo visual da criatura – maquiagem de Rodrigo Aragão – viralizou nas fofocas de *WhatsApp* e outros aplicativos, sendo confundido com um lobisomem real e virando caso de polícia em localidades como o bairro de Cajazeiras, em Salvador/BA. Os boatos de que meu lobisomem era real foram tantos que chegou até nos programas matinais da rede Globo, o canal de TV mais popular do Brasil.

surgiu a lenda do Opala Preto que ataca desavisados no túnel Rebouças nas madrugadas quentes do Rio de Janeiro. Sugiro uma versão SOV com o título autoargumentativo de "Caipora de Opala Preto Vs. Fuscão Preto do Fofão da Faca Nervosa".

O marciano enterrado do Derby d'ouro: Em Palmitos/SC há uma lenda local que conta sobre o alienígena marciano que foi enterrado em uma das matas da região e quem desenterrá-lo vai devolver-lhe a vida e, em agradecimento, ele te presenteará com um cigarro Derby de ouro. O problema é que o marciano teria poderes telecinéticos e o poder de ressuscitar outros mortos. Fiz uma variação dessa lenda em "Criaturas Hediondas" (1993), meu primeiro longa-metragem.

Quibongo: É um personagem de origem africana, usado para disciplinar criança malcriada, descrito como um monstro muito forte, com 2 bocas e muitas presas afiadas.

A faca do boneco Fofão: Isso mesmo, conta uma lenda urbana brasileira que logo após chegar às lojas, o boneco do Fofão – aquele cachorro bizarro de um programa infantil – sacava uma faca que estava escondida dentro de suas costuras e trucidava a criançada com requintes de sadismo enquanto cantarolava a música "Noite Feliz".

Punks do mato: Geralmente são vistos em dupla. Aparecem em tardes de mormaço no interior de vilas, geralmente atrás de cervejas – podem ser enganados com pinga – e acabam virando encosto de quem lhes dá bebidas, o que geralmente acaba sendo um problema para que o anfitrião se livre deles. Quando não acham cerveja, desenterram cadáveres de cemitérios isolados para festinhas necrófilas. Fiz uma variação dessa lenda em "O Monstro Legume do Espaço" (1995), transformando-os numa seita de necrófilos. Depois fiz uma versão mais fiel em "Cerveja Atômica" (2003).

A gangue do palhaço: Se originou de um boato após o jornal *Notícias Populares* ter publicado a história verídica de um palhaço que matou inúmeras crianças nos USA. Aqui no Brasil aumentaram para uma gangue de palhaços festivos que pegavam e abusavam de crianças más.

O mendigo zombeteiro da ponte Hercílio Luz: Lenda urbana surgida no centro de Florianópolis/SC, onde contam sobre o mendigo que vomita sem

parar em quem trabalha demais e puxa o saco do patrão. Foi retratado no curta "Bom Dia, Carlos" (2015), de Gurcius Gewdner.

Cobra grande: Uma índia engravida de *Boiúna* e dá à luz 2 cobras, Honorato e Maria. Para não chocar sua tribo, a mãe se livra de ambos os filhos atirando-os ao rio, onde Honorato cresce bonzinho e Maria, toda má.

O causo do Satanikus: Na periferia de Porto Alegre/RS uma lenda urbana diz que é possível invocar um demônio de baixo escalão envolvendo um pacto entre amigos. Para chamar o Satanikus é preciso quebrar um espelho comprado por todo o grupo de amigos juntos, cortar o dedo mindinho esquerdo de todos com os pedaços deste espelho, e com a mistura do sangue devem assinar um documento que torna o demônio um servo de suas vontades coletivas. Geralmente dá merda quando alguma vontade individual do grupo se faz mais forte do que as vontades coletivas. Coffin Souza fez duas variações desta lenda, em "Satanikus" (1982) e "Satanikus" (1997).

Curupira (ou Caipora): Um indiozinho de cabelos vermelhos e pés virados, protetor das matas e florestas, saía matando quem se aventurasse a caçar e destruir a natureza. Um meio de fazer uma média com o Curupira era dando oferendas que incluíam pinga e fumo. Cheguei a escrever um rascunho de roteiro sobre essa lenda[55] – inicialmente seria essa lenda que eu iria abordar no lugar do Lobisomem em "As Fábulas Negras".

A lenda do monstro da pinga: Na região de Chapecó, terra de caboclo xucro, existe a lenda urbana do monstro da pinga, que sempre se materializa aos bebuns de bairros isolados quando passam dos limites aceitáveis do consumo alcoólico. O monstro da pinga surge para dar uma lição moral, mas pode fazer maldade. E.B. Toniolli gravou "Buscando La Fiesta" (2000) com base nessa lenda, mas o curta só foi lançado em 2004 com o título de "Buscando La Película Perdida".

Mula-Sem-Cabeça: Fruto do relacionamento de uma mulher e um padre, é uma criatura que fica galopando pelos pastos nas noites de quinta-feira. Existe uma variação sobre a criatura ser filho de um pastor evangélico que

[55] Na verdade eu só iria manter os pés virados e o nome Curupira, mudando todo o resto para se adequar ao meu universo autoral.

se relacionou com um coronel do exército, que engravidou no pulsante *vai e vem* pecaminoso, na qual a Mula-sem-Cabeça se torna o presidente de um país de terceiro mundo da América Latina.

O urubu da sorte: É uma lenda das barrancas do Rio Uruguai sobre um ribeirinho alucinado de cocaína que encontra num urubu abençoado seu companheiro de jornada. Enquanto o urubu estiver junto do ribeirinho, ele irá desfrutar de muita sorte, podendo sair sem pagar dos puteiros decadentes da região e puxar brigas, que nada lhe acontecerá. Ivan Pohl filmou uma variação desta lenda em "Carniça" (2001).

Vitória Régia: Uma indiazinha sonhadora quer alcançar as estrelas. O ponto de partida já é um prato cheio para uma *sci-fi* experimental. Tente!

Boi Vaquim: Um touro mítico com chifres de ouro e asas de pássaros, que solta faíscas pelos chifres. Pra mim isso já é o suficiente para tornar essa lenda um filme *cyberpunk*, misturando à lenda da Vitória Régia e criando todo um universo próprio.

Mito da lama: "E você chegará à borda da terceira dimensão perdida!", é assim que se anuncia o perigo de ficar preso ao passado na região Oeste de SC, onde quem não aceita o futuro pode se defrontar com o Mito da Lama, um ser brutal que surra até a morte os infelizes antiprogresso. Escrevi uma variação deste tema em "Primitivismo Kanibaru na Lama da Tecnologia Catódica" (2003).

Negrinho do Pastoreio: É sobre a escravidão no Brasil, sobre como um fazendeiro tortura um menino que deveria ter cuidado de seus cavalos. Se tirar a bobajada cristã que tem na lenda, está prontinha para um roteiro com história de libertação antirricos, anticonformista e antirracista.

A lenda do nobre deputado Sanguessuga: Conta sobre o deputado que suga a vontade dos adversários, tornando-os uns inúteis servis. A julgar por nosso Congresso Nacional, parece haver um fundo de verdade. Fiz uma versão dessa lenda em 2007, em preto e branco, e ritmo sambista de surrealismo infantil; se chama "O Nobre Deputado Sanguessuga".

Sanguanel: É um mito gaúcho que conta sobre um pequeno ser, de cor vermelha, que não faz mal a ninguém, mas se diverte assustando crianças

pequenas e enganando-as. “A Maldição do Sanguanel” (2014), de Eliseu Demari, Felipe M. Guerra, Ricardo Ghiorzi e Rafael Giovanella, conta 4 histórias envolvendo a criatura.

Capelobo: Uma variação da lenda do lobisomem. Aqui a criatura é uma mistura de humano e vários animais. A única forma de matá-lo é atirando uma flecha em seu umbigo, o que dá ideia para um longa chamado “Cada Um que Cuide de seu Umbigo”.

A noiva do Turvo: Uma noiva é abandonada nas portas do altar no dia de seu casamento e se suicida, se afogando nas correntezas do Rio Turvo, que corta o município de Tenente Portela/RS. Nos anos seguintes, em noites de lua cheia, a noiva fantasma é vista vagando chorando pelas plantações de soja que ficam às margens do Rio Turvo. Loures Jahnke fez uma versão bem fiel da lenda em seu curta “A Noiva do Turvo” (2018).

Iara ou mãe d'água: Lenda folclórica de origem indígena do Norte do Brasil; Iara é uma sereia que atrai homens com seus cantos, hipnotizando-os. Escrevi uma variação dessa lenda, onde introduzo uma explicação de como Iara se mantém sempre jovem. Este conto se chama “Iara – A Sereia do Pantanal” e foi publicado no livro “Narrativas do Medo Vol. 2”, organizado por Vitor Abdala, em 2018[56].

Corpo Seco: É o zumbi nacional, um cadáver rejeitado pela terra por conta das maldades que cometeu enquanto vivo. Era tão ruim que nem os mortos o queriam e por isso vaga pela terra aprontando maldades. Em Santa Catarina existe uma variação desta lenda chamada *Bradador*, que é uma alma penada que também foi rejeitada pelo mundo dos mortos e apronta altas confusões com uma turma do barulho.

---

[56] Os livros da série “Narrativas do Medo” foram relançados em 2021 e este conto foi republicado no Vol. 3 da reedição.

CANIBAL FILMES
APRESENTA

JORGE TIMM EM

BOI BOM

UM CURTA DE PETTER BAIESTORF

Videopoetavida

Roteiro: Coffin Souza

Ilustração: Riot Sistah

CAFE da MANHÃ
CAFEZINHO
MEDIA
PÃO NA CHAPA
Campbell's
CONDENSED
STOUT HEARTED SOUP
NET WT. 11 OZ.
HOT DOG BEAN
TENDER BEANS AND LITTLE FRANKFURTER SLICES
SOUP

DEUS VS. CINEASTAS VS. CRÍTICOS VS. VIDEASTAS VS. PSEUDOINTELECTUAIS VS. PERSONAGENS VS. A TOTAL FALTA DE PÚBLICO[57]

PETTER BAIESTORF

Deus: Haja Luz!!!

Lumière: Luz!!!

Marshall McGang: Os extratelúricos me deixaram de cuca obnubilada.

Antonin Artaud: Não existe nada que tenha sido alguma vez escrito, ou pintado, esculpido, modelado, construído, inventado a não ser para sair do inferno.

Jairo Ferreira: Pois é, tanto faz filmar como não filmar, importante é pensar, pensar hoje para explodir amanhã.

Mikhail Bakunin: A vontade de destruir é ao mesmo tempo uma vontade criadora.

José Lino Grünewald: Radiotelecinejornal. O Bandido da Luz Vermelha. Godard e Oswald de Andrade, cultura e *mass media*, Chacrinha e Marshall;

---

57 Diálogo imaginário que organizei para o zine "Brazilian Trash Cinema" #1 (2000). Ao ler, imagine-os falando quase todos ao mesmo tempo, verborragicamente, sem ninguém escutar ninguém.

McLuhan, invenção e antropofagia. A tribo em transe…

Jairo Ferreira: … E nem era preciso que Pedro Álvares tivesse invadido o Brasil. Bastava que Pelé tivesse inventado a bola.

Piotr Kropotkin: Seria mais fácil ao homem habituar-se a andar a quatro pés do que privar-se do sentido moral.

José Carlos Avellar: Existe um cinema marginal no Brasil?

Glauber Rocha: Vocês podem ter uma fórmula para definir cinema novo ou experimental, estas cinefilias não me preocupam, o cinema é um ex--mondo cane para mim.

Jairo Ferreira: O cinema da Boca do Lixo não é um movimento gregório, razão pela qual não tolera demagogias e/ou teorizações de porta de botequim. Não começa coisa nenhuma onde terminou o Cinema Novo. É anti--ideológico, renega éticas e estéticas até então conhecidas!

Chumbinho: Vocês sabem como é cinema brasileiro: se não for merda, dá merda! E se for merda, a cagada tá feita!

Antônio Calmon: Não existe mais a menor possibilidade de se fazer qualquer tipo de cinema experimental no Brasil!

Cesar Souza: 1997, o estômago de um canibal debochado dilui Glauber e Sganzerla. Experimentalismo radical baiestorfiano onde Super Chacrinha e seu amigo Ultra-Shit em crise lutam contra Deus e o Diabo na terra do genial genioso gênio novo!!!

Antonio Blanco: Reivindicamos o uso do vídeo para fazer filmes raivosos, como fez o punk com o *rock'n'roll*!!!

Glauber Rocha: A técnica é *haute couture*, é frescura para a burguesia se divertir.

Petter Baiestorf: No importa si no hay dinero, lo importante es hacer films que juegan com los sentimientos de las personas!

Voz em off: Sou inumano! Digo isso com um riso louco e alucinado…

Mojica: Meus eleitores, a besta está chegando para tomar a terra e o leite das crianças! Temos que dar leite pras crianças!!!

Piotr Kropotkin: É tão cômodo punir uma criança quando pratica uma travessura: isso acaba com toda a discussão!

Glauber Rocha: O cinema brasileiro é realizado por amadores ou profissionais improvisados.

Ivan Cardoso: Profissionalismo vs. Amadorismo é um obstáculo criado pelo sindicalismo stalinista petista, para censurar esteticamente a criatividade das novas gerações!

Severino Dadá: O cinema latino-americano, o cinema do terceiro mundo, o verdadeiro cinema brasileiro, sempre foi feito com três C's: Culhão, Cabeça e Coração.

Friedrich Nietzsche: Tudo isso é magnífico e nobre, mas realmente desejo uma mulher, seja ela qual for!!!

Jairo Ferreira: O objetivo aqui é justamente separar as intenções das interpretações pessoais.

Uzi Uschi: E não se esqueçam da própria felicidade!!!

Francis Picabia: A felicidade, para mim, é não comandar ninguém e não ser comandado.

Laura Mulvey: Destrua a satisfação, o prazer e o privilégio!

Guy Debord: Destruí o cinema porque era mais fácil do que dar tiros nos passantes!

Andy Warhol: A fama existe quando você comercializa sua aura.

Carli Bortolanza: Um copo…

Ultra Violet (rindo)**:** Sem pinga não existe espetáculo, nem eletricidade, nem mágica. A câmera podia até estar sem filme.

Mikhail Bakunin: Sabe-se o que é diplomacia: é a arte e a ciência da canalhice, legitimada pelo serviço do Estado.

Charles Bukowski: Quando os homens controlarem os governos, os homens não terão mais necessidade de governos; até lá nós estamos fodidos.

Friedrich Nietzsche: Apenas os medíocres têm a possibilidade de continuar, de procriar. Eles é que são os homens do futuro, os únicos sobreviventes.

William Burroughs: Essa gente deveria ser proibida não só de aprender a ler, mas também de aprender a falar. Só não é preciso proibi-los de pensar porque a natureza já se encarregou disso!

Vera Chytilová: Eu quero liberdade absoluta – mesmo se isso for um erro!

Jairo Ferreira: Ator não olha no visor. Fede na frente da objetiva. E enche o saco nos bastidores!

Ivan Cardoso: Estou acendendo as velas para ver o desfile de fracassos. Eis umas verdades: nenhum destes filmes dará dinheiro; nenhum destes filmes deu dinheiro; nenhum destes filmes presta!!!

Cacá Diegues: Que tombo! Que rombo!

Petter Baiestorf: Cineastas são os mendigos da arte: sempre reclamando, pedindo alguma coisa e fazendo o que lhes dá na telha!!!

Jörg Buttgereit: Cada sociedade tem os filmes que merece!

Ken Jacobs: Cada obra cria a sua própria estética.

Willard Van Dyke: Se você tem algo a dizer, e preocupa-se com satisfazer apenas a si próprio, as limitações que encontrará serão sua técnica, a persistência de sua visão e a disponibilidade de um pouco de dinheiro. Você poderá até mesmo destruir a sua obra logo após terminá-la, ela é sua; mas se você compartilhá-la com outros, tanto pior!

Lewis Allen: Não queremos filmes falsos, refinados, lustrosos. Nós os preferimos grosseiros, sem refinamentos, mas vivos; não queremos filmes róseos, nós os queremos da cor de sangue!

Sheldon Renan: O que é um filme?… Esta indagação no meio cinematográfico não termina nunca. E a cada novo tipo de filme, a cada nova técnica, o Kanibaru Sinema amplia a definição de filme.

João Batista de Andrade: Ninguém te segura, cinema barato, ninguém te segura!

Telmo Martinho: Os filmes de outros países falam de 2001 e 2020. Mas o cinema brasileiro é o único que já está produzindo e estreando filmes para as próximas plateias do prometido Planeta dos Macacos.

Potter Stewart: Pornografia, a horrível pornografia: eu não sei o que ela é, mas reconheço quando vejo uma!

J. G. Ballard: De certa maneira, a pornografia é a forma de ficção mais política, lidando com a maneira pela qual usamos e exploramos uns aos outros, do modo mais premente e implacável.

Sigmund Freud: É o desejo do homem de união com os objetos do mundo!

Glauber Rocha: Eu não tenho estética nenhuma, porque estética, aqui no Brasil, é fome!!!

Paulo Emílio Salles Gomes: A única esperança é a loteria esportiva!!!

Bandido da Luz Vermelha: Quando a gente não pode fazer nada, a gente avacalha e se esculhamba!!!

Carlos Reichenbach: Olhem! O tarado me violentou…

Márcio Souza: Louvado seja o santo profeta Luis Buñuel!!!

Fã: Tu é uma lenda!!!

Cineasta Underground famosinho: Praticamente uma lêndia do udigrudi!!!

Hippies (em coro)**:** Todo mundo nu, oba! Peladinho, peladão, oba!

Mojica: O pobrêma: você viu tudo, mas não viu nada!

Jairo Ferreira: E, o que mais dizer, vamos assistir ao filme?

Voz em off: *Sórta o prei DJ!!!*

Coffin Souza's
FREAK
CIRCUS
NOT TO BE CONFUSED WITH KING KONG

COMO É COOL SER CULT

COFFIN SOUZA

Música, teatro, quadrinhos, literatura, cinema, vídeo. *Mainstream* ou *cult*? Sociedade ou marginalidade? Cerveja ou sede? Trepada ou punheta? Quem escolher, verá! Quem tem boca vai a Roma, quem tem cérebro entra em coma!!!

Tô cansado de ser *cult*!!!

— Pô, cara, o trabalho de vocês é du caralho!

— Então compra uma fita pra ajudar, cara! Custa só 25 pila!!!

— Pô, cara, trabalho *cult* não se vende…

Nossa, eu queria ser uma plantinha, dessas que vivem só de fotossíntese. Sol e água do solo. Mas sou tão antiquado. Comer, beber, foder, viver.

Glaubers, barretos e ispilbergues de plantão, vocês têm dinheiro do papai? Mesada gorda? Fazer cinema é passatempo para tardes de ócio? Dois anos para cagar um curta de cinco minutos clichezudo??? Isso é prisão de ventre mental. Criação é para hemorrágicos de ideias. Câmera é absorvente íntimo! Estanca o sangue fervilhando de glóbulos-cenas, coágulos-sequências. Vídeos-vícios. Parir ideias. Natividade-novidade. Não é xerocar ideias. Repetir o que já foi feito. Foi feito. Foi feito… feito, feito, feito!!!

Why fucking nuns or nuts??? O negócio é experimentar! É preciso experimentar! Neste bairro Brasil de bandalheiras infernais, bancarrotas retumbantes, bandidagens, bandalhagens, bandagens berrantes beirando o *Abismu*, nada se perde, tudo se globaliza!… Somos todos de Mu!!! … Mú, múúúú!!!

E filme de natal? E copiar Tarantino? E lamber Nolan? E chupar Snyder? Já foi feito. Foi feito. Feito, feito, feito… De boas intenções o inferno tá cheio, e de cinevideastas, o hospício também!

— Pô, cara, este vídeo novo é muito radical, por que não fazem como o primeiro trabalho de vocês, que era tão legal?

— Já foi feito. Já foi feito. Foi feito! Feito! Feito! Feito!

— Não dá para exibir este trabalho, não. Não condiz com a estética vigente do *status quo* da modernidade intelectual (e tem muita gente pelada, né?). Vocês sabem, o patrocinador do evento é exigente. E broxa!!!

— O meio alternativo não suporta mais o trabalho de vocês. Está muito sexista, político-ecológico-socialmente incorreto. Tem coisas que não se deve falar!

— Mas e minha liberdade criativa?

— Liberdade, não libertinagem artística!!!

E na bunda, não vai nada? Tô cansado de ver sempre a mesma coisa.

— E o novo trabalho de vocês?

— Não tem, a gente tá falido!

— Falido, como? Aqui na cidade todo mundo tem os vídeos de vocês…

— Legal, compraram onde?

— Ah, o Zé pegou emprestado e copiou pra todo mundo!!!

Ser *cult* é *cool*?

E é *cool* só tomar no *cult*???

Abaixo os cagalhões, abaixo os dramalhões e viva os independentões!!!

SIMPATIAS PARA FAZER UM BOM FILME

PETTER BAIESTORF

Banho do Sucesso Videorgásmico

12 folhas de louro;

1 litro d´água;

2 colheres de mel;

3 rolos de fita magnética de VHS.

Modo de preparo:

Deixe a fita magnética mofar durante 18 anos. Então ferva as folhas de louro na água, criando um chá. Espere mais 18 anos para colher o mofo do chá. Após estes 36 anos, dilua o mel em fogo brando de tesão, acrescentando o mofo do chá de louro. Após esfriar, espalhe a solução por seu corpo. Ao final dessa etapa da unção, retire as fitas magnéticas mofadas do VHS e se enrole com elas, deixando que se grudem ao seu esbelto corpo com ajuda do composto mágico da sorte.

Repita a simpatia por mais 18 anos.

Pronto, você finalmente será um cineasta de sucesso mesmo não tendo feito nenhum filme.

Luar do Amor Cinéfilo

1 lua;

1 rolo de filme em película 16mm;

5 ml de suor de um crítico de cinema não egocêntrico.

Modo de preparo:

Deixe o filme de 16mm sendo banhado pelos raios lunares no solstício de inverno durante as luas cheias. Assim que a película estiver energizada, decore sua casa com arranjos florais místicos criados a partir da película sagrada.

Dica importante:

Para efeito mais duradouro, escreva com a ponta de um alfinete em película de Super 8 a palavra "amor" em 24 quadros alternados por outros 24 quadros com a palavra "Misticismotopshowdebola" até completar um rolo. Este Super 8 também deverá estar energizado pelos raios lunares – não podendo ser energizado pelos mesmos raios lunares da energização da película 16mm.

Para ser um Cineasta Sedutor

Faça a oração abaixo durante o tempo que desejar sucesso – exemplo: 1 dia de oração = sucesso de um dia; 30 anos de oração = sucesso por 30 anos. É muito mais eficaz do que o pacto de 7 anos com o Tinhoso.

"Amada película! No silêncio da minha alma, dirijo-me a vós e peço-vos com todo clamor que perdoe a minha falta de talento e porventura aceite estas mágicas palavras como um modo de contornar e afastar o infortúnio que a preguiça me causa! Sendo cineasta ou não, traz-me um jovem místico versado nos balakobakos do chá do Santo Daime Coisas para que eu me sinta superior e inteligente. Se não conseguir trazer um jovem místico do Santo Daime Coisas, saiba com sinceridade que um jovem místico versado nas bruxarias das químicas do Santo Hofmann[58] já está de bom tamanho!

Santa película, rogai por meu sucesso mesmo que eu só consiga replicar clichês com discursos disfarçados modernamente com uma roupagem de cinema publicitário ou vídeo institucional de *YouTube*!

Santa película amada, repita fazendo coro com minha mãe: Você é muito bom! Você é meu filhão criativo! Vamos, tesouro, não se junte com a gentalha do Kanibaru Sinema!

Se não funcionar, viro budista! Amém!!!"

Resumindo:

Se você não trabalhar feito louco mantendo seu foco e criando obras relevantes, simpatia alguma fará isso por tua preguiça!

---

[58] Albert Hofmann, mais popularmente conhecido como o pai do LSD.

Canibal Filmes
A Curtição do Avacalho
ZOMBIO 2
SOV
UM FILME DE PET
BONDAGE
CANIBAL FILMES APRESENTA
UM FILME DE PETTER BAIESTORF
ENCARNAÇÃO DEL TINHOSO
FRADE FRAUDE VS. O OLHO DA RAZÃO
CRIATURAS HEDIONDAS 2
VAI TOMAR NO ORIFÍCIO POMPOSO
COFFIN SOUZA
ELIO COPINI
um curta de
PETTER BAIESTORF
CANIBAL FILMES
LIXO CEREBRAL VINDO DE OUTRO ESPAÇO
CAQUINHA SUPERSTAR
CANIBAL FILMES apresenta
o doce avanço da faca
PETTER BAIESTORF
QUADRANTES
um filme de
COFFIN SOUZA
Canibal Filmes
apresenta
FRAGMENTOS DE UMA VIDA
um curta de
PETTER BAIESTORF
O HOMEM-CU
ATÉ QUE É DEU MERDA!
ELES COMEM SUA CARNE
XXX

O CAOS DE UM VIDEASTA[59]

PETTER BAIESTORF

A pergunta me persegue até agora: o vitorioso? Quem foi o vitorioso – não que saber isso mude alguma coisa –? Super Chacrinha ou Glauber Rocha? Ou os dois venceram a dura caminhada que dava direito à longa subida rumo a qualquer lugar nenhum? Personagens únicos dos acontecimentos que até agora me perseguem em devaneios perpétuos. Algo sussurra em meu cérebro que este tal de "Super Chacrinha e seu Amigo Ultra-Shit em Crise Vs. Deus e o Diabo na Terra de Glauber Rocha" eu nunca deveria ter finalizado – talvez não finalizei mesmo e este seja o motivo pelo qual estou, quase 30 anos depois, ainda martelando nestes pensamentos. Minha infelicidade, minha neurose, tomam força com a peça acabada. Meu estômago diluiu Glauber & Sganzerla agindo como um primata canibal.

Canso.

Acho que brincarei mais um pouco. "Do Abismo da Alma Humana ao Caos"[60] será minha nova caixa de areia, depois vou caminhar pelo deserto sem rumo certo.

Amanhecer correndo nu pelas dunas,

Com poeiras acariciando meu ventre,

---

[59] Delírio escrito imediatamente após a finalização da edição do longa "Super Chacrinha e seu Amigo Ultra-Shit em Crise Vs. Deus e o Diabo na Terra de Glauber Rocha" (1997). Estou mantendo o texto, com pequenas atualizações, para provar que as personagens podem, sim, perseguir um autor, sem que ele tenha respostas, pela vida inteira.

[60] Título da produção que iríamos gravar após "Super Chacrinha", mas que acabou sendo cancelada quando iniciamos a produção de "Gore Gore Gays" (1998) e "Zombio" (1999).

Sujando-me de pó e pós-verdades,

Cobrindo-me da mais tenra sujeira natural,

Deixando meus fios de cabelo em formação animal,

Para então ser o mais doce dos animais,

Rodeado pelas saltitantes bolinhas da paz,

Que neste caótico futuro somente as alucinações

Bem feitinhas podem oferecer.

Saara vai se render à minha sombra. Se render à minha lente desgraçada, suja, tremida, desfocada e extremamente amadora da miséria. E isso será legal. Eu e minha lente num deserto transbordando em miséria & desgraça. Saara me obrigará a criar "Do Abismo da Alma Humana ao Caos" com gritos histéricos matinais, gritos que servirão de consolação à minha equipe técnica ébria que acordará sorrindo e dando graças ao acaso por estar inteira por mais um dia.

Minha loucura corrói apenas algumas mentes ainda; o restante não tá nem aí para meus discursos metidos a besta. Humanos que temem ser diferentes. Rebanho: criaturas criadas em série, desprovidas de sonhos. Sonhos natimortos. Precisam ser/agir/não-pensar igualzinho a todos os outros homens-vegetais largados por aí no mundão. Os ignorantes serão os primeiros a saciar minha fome, num manjar onde apenas os famintos banquetear-se-ão gargalhando. Ou não, né? Este papo tá quase um discurso de radical abobado!

Super Viola é que estava coberto de razão: deveríamos ter ficado bebendo naquela bodega sem nome, apagada, tão sem memória quanto o país. Perdemos a oportunidade, perdemos inté o Super Viola e seu companheiro, Marcírio Pagodeiro, que arrancava risadas dos mais miseráveis desprovidos de sonhos e anseios.

Mas não tem importância. Não mais!!!

Todos os perdedores irão pegar o mesmo bonde no dia em que a Terra parar. E aí, bem aí mesmo, no centro da paralisação, vou tossir bafo de pinga com

meu “Do Abismo da Alma Humana ao Caos” debaixo do braço, brindando aos olhares de desespero que cruzarão meus olhos.

Sozinho, nunca mais criarei nada para os civilizados.

Sozinho, minha próxima parada será o Amazonas, onde deixarei a solidão de lado para me unir aos povos originários, onde beberei folhas & raízes & dançarei temas selvagens sobre minha vida medíocre.

JORGE TIMM E MARCÍRIO ALBUQUERQUE EM SUPER CHACRINHA (1997)

FLYERS DE MOSTRAS E MATÉRIAS DE JORNAIS

ODE AO CINE VÍDEO KANIBARU VISCERAL

COFFIN SOUZA

Clamai pelo bom e divertido espetáculo cultural! Clamai por obras-primas sem estética, sem moral, mas com muito o que dizer!!! Edificai a estética antropofágica Kanibaru sobre os escombros do mastodôntico cinemão bobalhão! Afastai e desprezai os falsos primitivos e suas cópias de modelos pré-defecados!!!

Ó, criadores de obras advindas do lixo, deixai vossos sentimentos se exporem e expressarem. Manejai todos os sarcasmos terríveis com mãos firmes e frias!!! Achareis (poucas) cabeças capazes de entender/aproveitar/ discutir/se opor às vossas vontades intelecto-bizarro-agressivas. Golpeais as carcaças de caixas cranianas com força suficiente para fazerem ressurgir delas parcelas restantes de inteligências que os covardes reprimiram em suas tripas por influências malignas de globóticas/recordetes/SBTéicas/ hollywoodiânicas vontades financeiras!!! Ouçam, ó seres abjetos, frutos de vários sistemas falidos/fodidos internacionalizados: vossos esforços de parecerem originais, radicais, de nada valem se vossas obras não contiverem muito de vossos suores e parte de vossas entranhas!!!

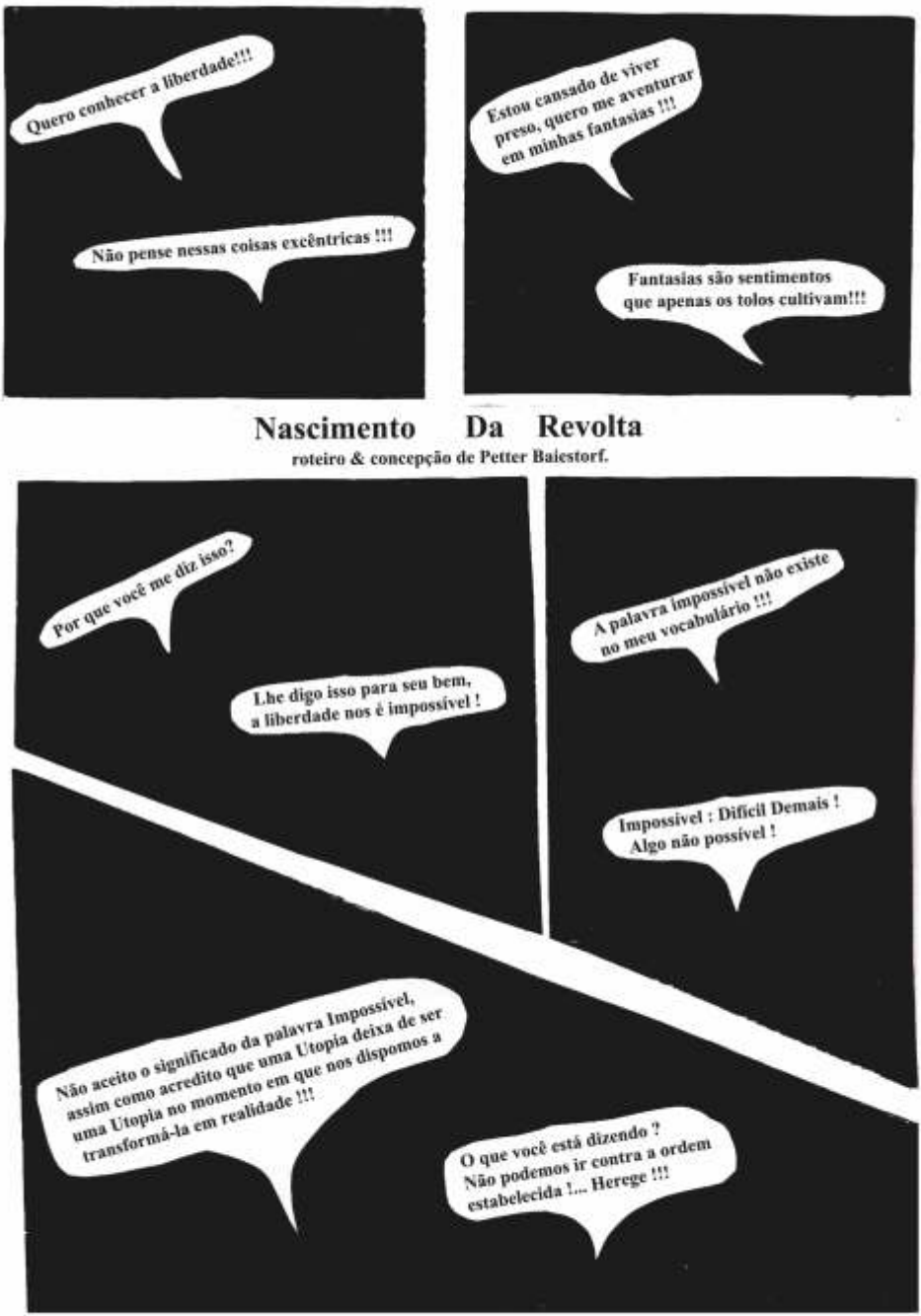
Não vos confundais, ó críticos lacaios do bom gosto asséptico: a pobreza financeira não significa pobreza criativa, muito pelo contrário!

Levantai, pois, de vossas tumbas, ó criadores/destruidores de preconcepções. Filhos do lixo cultural, mastigadores de cérebros cristãos, aberrantes maníacos do VHS Celular. Estilhaçai estas barreiras com os petardos que faziam morada no fundo de vossas imaginações!!! Libertai vossas polêmicas e espantosas oratórias fílmicas. Estas se alimentam com sonhos surreais

e pesadelos insensatos que atormentam vossas insônias!!!

Sejamos todos anarcofilmadores kanibáricos[61], respondamos com nossas obras/óperas de pobreza/pureza primitiva a imunda e burocrática sociedade que nos pariu!!!

[61] Sempre levando em consideração as palavras de Piotr Arshinov, que afirmou: "O anarquismo não significa misticismo, nem vãs palavras sobre o belo, nem um grito de desespero. A sua grandeza é feita, antes de tudo, pela sua dedicação à causa da humanidade oprimida. Traz em si a aspiração das massas para a verdade, o seu heroísmo e a sua vontade concentrada; representa neste momento a única doutrina social sobre a qual as massas podem se apoiar com confiança para conduzir a sua luta."


Quero conhecer a liberdade!!!
Não pense nessas coisas excêntricas !!!
Estou cansado de viver preso, quero me aventurar em minhas fantasias !!!
Fantasias são sentimentos que apenas os tolos cultivam!!!
Nascimento Da Revolta
roteiro & concepção de Petter Baiestorf.
Por que você me diz isso?
Lhe digo isso para seu bem, a liberdade nos é impossível !
A palavra impossível não existe no meu vocabulário !!!
Impossível : Difícil Demais ! Algo não possível !
Não aceito o significado da palavra Impossível, assim como acredito que uma Utopia deixa de ser uma Utopia no momento em que nos dispomos a transformá-la em realidade !!!
O que você está dizendo ? Não podemos ir contra a ordem estabelecida !... Herege !!!

Herege ? O que você está dizendo ???
Estou dizendo que suas ideias são perigosas, que você deveria ser atirado numa fogueira !!!
Uma fogueira ?!?... Lógico, assim acabaria a discussão no ato... Tô entendendo... Tô entendendo...
Isso mesmo ! Não podemos perder tempo com revolucionários !!!
Já entendi covarde !!!
Provocadorzinho...
Eí, não me interessa o que você acha, vou sair daqui e vou conhecer a Liberdade !!!
Saia, só quero ver tua cara quando perceber que não estará mais protegido !!!
Adeus, covarde...
Por favor, não vá !!!... Pense bem no que você está fazendo... Não me deixe aqui sozinho !!! Não vá... Nãooo váá á!!!
A REVOLTA SE LIBERTA PARA CONHECER A LIBERDADE.
CRASH

OBRAS CINEMATOGRÁFICAS INSPIRADORAS

PETTER BAIESTORF

O espírito de liberdade que o Kanibaru Sinema busca está presente em todos os tipos de filmes, gêneros (ou falta de gêneros), formatos e orçamentos (ou falta de orçamentos).

Disponibilizo aqui, para que vocês tenham um guia inicial de quais filmes procurar, uma pequena lista que reúne obras essenciais para se entender as motivações dessa vontade de liberdade que falamos no decorrer do *Manifesto Canibal*. São filmes que podem servir de inspiração na criação de efeitos especiais, maquiagens, figurinos, cenários, direção de arte, iluminação, fotografia, atuações únicas, desconstrução do uso de câmera, narrativas fora do convencional e, todos eles, ricos em criatividade.

Incluo também alguns filmes caseiros – ou filmes da época em que eram estudantes de cinema – de grandes cineastas de Hollywood que servem de inspiração na hora de contornar problemas financeiros.

Todos estes filmes são fáceis de achar em *streamings*, plataformas de vídeo ou para download.

555 (USA, 1988), de Wally Koz. Foi produzido com ajuda de amigos e familiares de Wally depois que ele assistiu a incontáveis filmes amadores de baixa qualidade e sentiu que poderia fazer algo melhor do que todos estavam fazendo, tendo a pretensão de ser *o melhor SOV de todos os tempos*.

A Margem (Brasil, 1967), de Ozualdo Candeias. Filme que redefiniu o cinema underground brasileiro, principalmente o Cinema de Invenção praticado na Boca do Lixo. Foi uma

positiva influência para Sganzerla, Bressane, Reichenbach e outros. De Ozualdo, assista também seus imperdíveis curtas "Zézero" (1974), delícia anticapitalismo realizado em plena ditadura militar, com um inspirador final, e "O Candinho" (1976), no qual um homem do campo, com transtornos mentais, vai para a cidade grande em busca de um tal cabeludo barbudo místico, e quando o encontra: decepção! E, por último, não deixe de conhecer "A Herança" (1970), versão de "Hamlet", de Shakespeare, transposta para o interior paulista. Ozualdo foi o mais interessante diretor brasileiro, dono de uma filmografia genial e completamente única na história do cinema brasileiro.

A Psicose de Laurindo (Brasil, 1969), de Nilo Machado. "Com duas garrafas de whisky na mesa eu escrevo qualquer história", já dizia Nilo Machado (1924 – 1996), um obscuro diretor brasileiro até hoje não reconhecido. O cinema de Nilo era feito de muitas colagens com cenas de filmes de outros realizadores, que ele roubava de rolos de filmes que distribuía por sua empresa no Beco da Fome, no Rio de Janeiro. "A Psicose de Laurindo" é um bom exemplo da cinemontagem que ele costumava fazer: rodou meia dúzia de cenas com seus atores e preencheu o restante da fita com cenas roubadas de inúmeros filmes franceses. De Nilo veja também "Playboy Maldito" (1974) e "Tarzann, O Bonitão Sexy" (1977).

Abrigo Nuclear (Brasil, 2020), de Christian Caselli. Cinecolagem bem-humorada e com um ótimo ritmo. Assista e aprenda como filmar de modo econômico, mas com muita inventividade e criatividade. De Caselli, veja também o genial curta "Testículos" (2003). Caselli é um dos mais interessantes diretores do cinema brasileiro surgidos no século XXI.

Adrénaline (França, 1990), de Anita Assal e outros diretores. Ótimo exemplo de como elaborar uma antologia de curtas estranhos que funcionam como um longa episódico. É um dos raros casos em que todas as histórias são muito boas e surpreendentes.

Alien Beasts (USA, 1991), de Carl J. Sukenick. Com: Carl J. Sukenick, Neal Dealosi, Joe LaPenna, Mark Torreso e Sara Victor. Possivelmente um dos piores e mais inúteis filmes já produzido na história do cinema e por isso mesmo o listei aqui: é um perfeito exemplo de como não realizar um filme, e por isso assisti-lo se torna obrigatório. A história clichê, que conta uma investigação da CIA que envolve aliens, é um plot típico do SOV da década de 1990, cheio de problemas técnicos, narrativos e de

atuação e, mesmo assim, impossível de ser deixado de lado. Sua história clichê, combinada à total falta de técnica, faz com que nós, meros espectadores, não pensemos em desistir de assisti-lo. Imperdível mesmo – estou avisando! Carl J. Sukenick seguiu sua carreira de *videomaker* no submundo do SOV americano e continua produzindo muito, alguns de seus vídeos nos últimos anos são: "Space Zombies" (2015), "Zombie City" (2017), "Ninja Dream" (2019) e "Tales of Screaming Madness" (2020). Exemplo de *como fazer* estudando *o modo de não fazer!*[62]

Alien Outlaw (USA, 1985), de Phil Smoot. Uma espécie de "Predador"[63] feito 2 anos antes do oficial. Filmado em 16mm com orçamento digno de produções de fundo de quintal, trazia para as telas inúmeros elementos depois vistos em "Predador": um trio de aliens – com visual parecido, mas não tão rico quanto os aliens de seu primo milionário – cai com sua espaçonave nos arredores de uma cidadezinha e resolvem estuprar e matar todos os humanos que conseguirem. Kari Anderson – a atriz principal – trabalha no cinema como maquiadora facial, mas se sai bem atuando. O filme ainda resgata os atores Lash La Rue e Sunset Carson que, na década de 1940, estiveram presentes em inúmeros *westerns*. La Rue se destacava por sua habilidade com o chicote, tanto que na década de 1980 foi o responsável por ensinar vários truques ao ator Harrison Ford quando este estava criando sua personagem Indiana Jones. Do mesmo diretor, veja também "The Dark Power/Toltecs" (1985).

Anticlimax (México, 1970), de Gelsen Gas. Com: Mauricio Davidson, Tina French, Graciela Goldsmith e Alejandro Jodorowsky. Série de vinhetas contraculturais que discutem os valores conflitantes das gerações na sociedade mexicana. Filmado no melhor estilo "câmera numa mão e falta de autorizações na outra" pelo artista multimídia Gelsen Gas – diretor de teatro, ator, pintor, poeta, escultor e inventor. Seu filme, de produção independente, está em sintonia com o selvagem cinema latino – principalmente o Cinema de Invenção brasileiro – que se praticava na época. Jodorowsky tem uma cena como ator.

---

[62] Um exemplo similar nacional são meus vídeos de início de carreira: "Criaturas Hediondas" (1993), "Criaturas Hediondas 2" (1994) e "Açougueiros" (1994), todos produções capengas onde as ideias já eram testadas com a câmera rodando.

[63] "Predator" (1987), de John McTiernan.

Attack of the Beast Creatures (USA, 1985), de Michael Stanley. Um grupo de técnicos inexperientes se une a um grupo de atores que nunca atuaram e o que ganhamos com isso? Um dos maiores clássicos do cinema vagabundo mundial! Tudo neste filme é divertido; com um roteiro mirabolante, interpretações *over* e efeitos especiais que nunca funcionam, o filme passa num piscar de olhos e você o revê, mostra para seus amigos e se dá conta de que ele é um autêntico *cult movie*. As criaturas do título são as fantoches mais cômicas que você irá ver numa produção independente, exemplo a ser seguido!

Attack of the Crab Monsters (USA, 1957), de Roger Corman. Perfeito exemplo de como fazer um filme de 65 minutos sem gastar em locações, figurinos e iluminação: filme tudo diurno numa ilha isolada. Apesar de toda a carreira de Roger Corman ser feita de filmes de baixo orçamento exemplares – é o principal produtor *exploitation* que já apareceu na história do cinema –, quero sugerir outros 3 filmes imperdíveis com direção dele: "Creature from the Haunted Sea" (1961), "The Trip" (1967) e o fenomenalmente bagunçado "Gas! – Or – It Became Necessary to Destroy the World in Order to Save It" (1970). Na década de 1980, Corman foi o produtor de inúmeras produções *exploitation* realizadas na esteira do sucesso de "Star Wars" (1977) e "Alien" (1979), nas quais suas espaçonaves tinham corredores e salas de controle elaborados a partir de caixas de ovos e outros lixos industriais reciclados. E leia os livros de Corman, leia sobre sua carreira e veja qualquer documentário sobre sua maneira de fazer/entender cinema.

Attack of the Helping Hand! (USA, 1979), de Scott Spiegel. Na década de 1970, uma ótima turma de futuros cineastas se reuniu ao redor do trio Sam Raimi, Robert Tapert e Bruce Campbell – eram amigos de festas, colegas do colegial e faculdade, vizinhos e estranhos em geral da região onde viviam. Essa turma incluía gente como Scott Spiegel, Ted e Ivan Raimi, Josh Becker, John Cameron e, pouco mais tarde, já em Los Angeles, os irmãos Joel e Ethan Coen. Em tempo: este curta me parece ser o embrião da mão decepada de "Evil Dead II" (1987).

Bad Taste (Nova Zelândia, 1987), de Peter Jackson. Talvez o exemplo mais famoso de como realizar um filme *ultragore* com pouco dinheiro e criando todos os efeitos após exaustivos testes caseiros. Foi filmado com uma velha câmera de 16mm que já era utilizada fazia mais de 25 anos; todas as armas foram construídas

com madeira/alumínio e os efeitos *gore* foram influenciados pelo trabalho de Tom Savini. A produção de "Bad Taste" consumiu 4 anos da vida dos envolvidos e Peter montou o filme na cozinha da casa de seus pais. O resto é história.

Badi (Turquia, 1983), de Zafer Par. Também conhecido pelo título alternativo de "Turkish ET", é a versão vagabunda de "ET" (1982), de Steven Spielberg, aqui muito mais cara de pau e divertido do que o original – o ET parece um cocô com braços e pernas que caminha e resmunga. O cinema turco talvez seja o que melhor parodiou os grandes sucessos americanos, com uma vasta produção que durou as décadas de 1970/1980 e que hoje é conhecida pelo irônico rótulo de *Turksploitation*.

Basket Case (USA, 1982), de Frank Henenlotter. Exemplo perfeito de como realizar um pequeno filme de horror eficiente. Filmado em 16mm nas noites da selvagem Rua 42 de Manhattan – lugar de tráfico de drogas, puteiros, cinemas de baixa qualidade e outras diversões típicas da Nova Iorque dos anos 1980 – por sua "atmosfera decadente e maravilhosa", nas palavras do diretor. Se tornou um *cult movie* na época, sendo exibido em sessões da meia-noite por anos consecutivos. Assista-o e estude-o, é um dos melhores exemplos de como se fazer um filme independente.

Birdemic: Shock and Terror (USA, 2010), de James Nguyen. Se você não tem mesmo como fazer um filme de maneira séria, avacalhe e esculhambe o máximo que você conseguir; as probabilidades de ele acabar se destacando são bem altas. Caso dessa produção SOV, tão ruim e sem graça que, mesmo sendo insuportável, se tornou objeto de culto. O diretor, na época em que finalizou o filme, pegou seu carro e foi para o *Festival de Cinema de Sundance* com uma cópia debaixo do braço, alugou um bar pra exibir o filme e passou vários dias distribuindo panfletos para público e artistas que estavam participando do festival. A exibição acabou sendo um sucesso.

Black Devil Doll from Hell (USA, 1984), de Chester Novell Turner. *Shot On Video blaxploitation* realizado com orçamento de 10 mil dólares. Chester, seu diretor, praticamente não sabia nada sobre técnicas de cinema, então fez um rápido curso por correspondência pouco antes de começar a filmar seu roteiro escrito em 3 dias. É um filme pobre que possui inúmeros detratores, mas sou fã confesso dele. Do mesmo diretor, veja também "Tales from the Quadead Zone" (1987).

Blackenstein (USA, 1973), de William A. Levey. Versão *blaxploita-*

tion da história de "Frankenstein", de Mary Shelley. A produção é quase amadora, mas tão inventiva quanto qualquer uma das produções dos cineastas experimentais da Boca do Lixo das décadas de 1960/1970. Liz Renay, do clássico "Desperate Living", faz parte do elenco, e o diretor picareta Levey foi ainda o responsável pelo inacreditavelmente ruim "Wam Bam Thank You Spaceman" (1975).

Blood Feast 2: All U Can Eat (USA, 2002), de H.G. Lewis. Com: J.P. Delahoussaye e Toni Wynne. Com participação especial de David F. Friedman, John Waters – que interpreta um padre pedófilo – e Donald Farmer. Sequência oficial do clássico de *drive-in* "Blood Feast" (1963), realizado em 35mm, mas cara de produção *Shot On Video* e aumentando no *gore*, sarcasmo e iluminação descuidada. Após um hiato de 30 anos – a última produção de Lewis havia sido "The Gore Gore Girls"[64] de 1972 – Lewis retornou ao cinema *gore* sem censuras e sem orçamento. Sem tentar ser artístico – ele dizia que o cinema deveria ser estritamente comercial –, presenteia seu público com aquilo que ele mais espera ver num filme: diversão!!!

Boy and Bicycle (Inglaterra, 1965), de Ridley Scott. Todo filmado com câmera na mão e usando os recursos que se mostravam disponíveis sem gastos financeiros. Estrelado por Tony Scott, é um filme pobre, mas visualmente bonito – já revelando um cineasta mais preocupado com o impacto das imagens do que em contar uma boa história.

Buio Omega (Itália, 1979), de Joe D'Amato. Verdadeira obra de arte do baixo orçamento com alto rendimento. Necrofilia romântica carregada de climão. D'Amato é um dos mais famosos diretores *exploitation* da Europa, tendo transitado em todos os gêneros cinematográficos – incluindo pornografia –, muitas vezes realizando mais de 3 filmes ao mesmo tempo. Michele Soavi, que foi assistente dele e de Dario Argento, diz que "aprendeu a fazer cinema com D'Amato", já que Argento era apenas técnica. Assista também "La notti erotiche dei morti viventi" (1980), onde D'Amato realiza uma ótima mistura entre *gore* e pornô.

Canibais e Solidão (Brasil, 2006), de Felipe M. Guerra. Uma das produções mais divertidas do SOV brasileiro, cheia de acertos técnicos e um daqueles filmes caseiros que vai te deixar com vontade de sair da proje-

64 Título que inspirou o do meu filme "Gore Gore Gays" (1998).

ção já filmando seu próprio filme. Felipe M. Guerra iniciou sua produção com amigos na pequena cidade de Carlos Barbosa/RS, na segunda metade da década de 1990, e hoje é um aclamado diretor internacional com produções de documentários como "FantastiCozzi" (2016) e "Deodato Holocaust" (2019).

Captain Voyeur (USA, 1969), de John Carpenter. Curta da época em que Carpenter estava cursando a faculdade de cinema. Contém ótimas soluções caseiras para as cenas, e as interpretações beiram o arremedo. De John Carpenter, veja todos seus filmes de início de carreira, que são todos ótimos, principalmente a obra-prima "Dark Star" (1974).

Colony Mutation (USA, 1995), de Tom Berna. Produção independente *gore* como deve ser feita: sangrenta e divertida, com criaturas que estão sempre com fome e à procura de mais humanos para desmembrar e mastigar. Se você tem pouco dinheiro, invente mortes mirabolantes, com muito sangue e tripas, e filme-as de modo engraçado. O diretor também foi ator em um punhado de filmes caseiros de amigos.

D'Wild Wild Weng (Filipinas, 1982), de Eddie Nicart. Ernesto de la Cruz, internacionalmente conhecido pelo nome Weng Weng, foi o primeiro astro internacional das Filipinas. É um perfeito exemplo de como pessoas com nanismo, vivendo num país de terceiro mundo, podem estrelar filmes de ação, com muita pancadaria e destrezas físicas, e se tornarem artistas aclamados no mundo inteiro. Sua parceria com o diretor de cinema Eddie Nicart trouxe para as telas o *Agent 00* em uma série de filmes muito divertidos e extrapolando qualquer limite de bom senso, como neste "D'Wild Wild Weng", onde o astro aparece matando milhares de vilões com uma metralhadora acoplada num jipe, várias década antes de "Rambo 4". Veja todos os filmes da dupla.

Daddy (Inglaterra/França, 1973), de Niki De Saint Phalle e Peter Whitehead. Fantasia surrealista sobre uma mulher que tenta superar as investidas sexuais que seu pai fazia quando ela era criança. Niki era cineasta, pintora e escultora – seus trabalhos aparecem nos cenários deste filme – e este roteiro é autobiográfico. O codiretor, Whitehead, é conhecido por ter sido um dos cineastas que documentou a cena contracultural londrina na época em que tudo acontecia. Um de seus trabalhos mais famosos é o videoclipe de "Interstellar Overdrive", para o *Pink Floyd*.

Deadly Weapons (USA, 1974), de Doris Wishman. Na década de 1960, Doris foi a principal diretora de cine-

ma *sexploitation*, autora de inúmeros clássicos do gênero. Este filme é estrelado pela dançarina burlesca Chesty Morgan e pelo ator pornô Harry Reems, e teve uma continuação chamada "Double Agent 73" (1974), também da dupla Doris/Chesty. Após estes filmes, a diretora ingressou para o cinema adulto fazendo uma parceria com a atriz pornô feminista Annie Sprinkle, com obras como "Satan Is a Lady" (1975) e "Come With Me, My Love" (1976). Em 1977 ela realizou o documentário "Let Me Die a Woman", sobre a vida de transgêneros, com cenas reais de uma operação de mudança de sexo. A ativista Deborah Hartin também é entrevistada. Dela, veja também "Nude on the Moon" (1961), codirigido por Raymond Phelan, onde ela aplicou um truque simples e genial de marketing ao ambientar seu filme normal de nudismo na Lua, o que o destacou da mesmice geral do subgênero. E, "A Night to Dismember" (1989), uma adorável bagunça de montagem que lhe dá um charme único[65].

Deafula (USA, 1975), de Peter Wolf. Versão do livro "Drácula", de Bram Stoker, com os diálogos em linguagem de sinais, mostrando como você pode chamar atenção para seu pequeno filme com detalhes inclusivos. A produção é bem econômica, mas faz um uso absurdamente diferente do som em sua narrativa. Peter Wolf é o pseudônimo de Peter Wechsberg.

Death Bed: The Bed That Eats (USA, 1977), de George Barry. Produzido com apenas 30 mil dólares, essa produção é um perfeito exemplo de como fazer um filme diferente – e bom – com os mínimos recursos. E "Death Bed" não se rende a soluções clichês ou metidas a engraçadinhas. A história da cama que come gente é filmada num estilo surrealista muito mais próximo da inventividade do cinema experimental do que das ridículas regras do cinema/mercado de horror. É como um bom filme independente deve ser.

Decoder (Alemanha, 1984), de Muscha. Filmes criados por músicos e gays são os melhores, principal-

65 "A Night to Dismember" é estrelado pela atriz pornô Samantha Fox, e muito da sua bagunçada edição se deve aos inúmeros problemas que a produção teve até ser concluída. O mais grave foi quando um funcionário do laboratório onde o filme estava sendo revelado foi despedido e se vingou estragando inúmeros rolos de filme da produção de Doris, que depois teve de contornar o problema com o uso de *stock footage*. Em 2018 o diretor de fotografia do filme, C. Davis Smith, revelou que possuía o master do filme que teria sido destruído e essa cópia está disponível no *YouTube*.

mente porque geralmente – isso não é regra, lógico! – fogem dos clichês básicos do cinema e vão por caminhos desconhecidos e sem amarras com formas e narrativas. "Decoder" é um filme experimental *cyberpunk* que surgiu da amizade de Muscha, oriundo da cena punk de Düsseldorf, com o grupo industrial *Einstürzende Neubauten*, o que garantiu certa notoriedade ao projeto e atraiu figuras *cults* como Christiane Felscherinow[66], Genesis P-Orridge[67] e William Burroughs[68] para o elenco, assim como as bandas *Soft Cell*, *Psychic TV* e *The The*. Assista também "Humanes Töten" (1980), que Muscha realizou em parceria com Trini Trimpop.

Den-en ni shisu (Japão, 1974), de Shûji Terayama. Produção surreal com toques autobiográficos, cheio de soluções ótimas para cenários, climas oníricos e figurinos, e exemplo de como escrever um roteiro instigante. Terayama foi um artista experimental japonês que, na infância, sobreviveu à Segunda Guerra Mundial que devastou seu país. Adolescente, ficou impressionado com o livro "Os Cantos de Maldoror", de Lautréamont, e começou a escrever poesias e a fazer cinema experimental. Dele, veja também "Tomato Kecchappu Kôtei" (1970).

Die Reise ins Glück (Alemanha, 2004), de Wenzel Storch. Também conhecido pelo título em inglês, "Journey into Bliss", é um filmaço experimental onde o diretor Storch investiu praticamente todo o dinheiro que tinha. No início da década de 1990, ele lançou o longa em Super 8 "Sommer del Liebe" (1992), que se tornou a maior bilheteria do cinema underground alemão. Isso lhe deu fôlego para que passasse os próximos 10 anos de sua vida produzindo o novo filme, uma espécie de conto de fadas em versão LSD. Ótimo exemplo de uso de cenários e atuações. Jörg Buttgereit está no elenco.

Domina Nocturna (Brasil, 2021), de Larissa Anzoategui. Produção de baixo orçamento gravada em vídeo, com resultado visual e narrativo superior à quase totalidade de produções de horror feitas no país[69]. Com narrativa sem diálogos e uma trilha climática com toques de *hard rock* e *heavy metal* oitentistas, é quase uma viagem

---

66 Escritora e musicista experimental alemã, mais conhecida pelo nome Christiane F.

67 Músico e poeta ocultista vocalista na banda industrial *Throbbing Gristle*.

68 Escritor, autor de livros como "Junk" e "Naked Lunch".

69 Tão legal que teve exibições pre-screening no Festival de Cannes de 2021.

no tempo para quarentões/cinquentões saudosistas. Larissa tem uma filmografia de ótimas produções; veja também "Astaroth" (2017), estrelado por Mônica Mattos. Ramiro Giroldo, seu roteirista, também é escritor de ótimos livros, como "Red Hookers".

Dorothea's Rache (Alemanhã/ França, 1974), de Peter Fleischmann. Garota usa uma câmera de Super 8 para, junto de amigas, produzir uma sátira pornô disfarçada de filme educativo. Experimentalismo de Fleishmann, também diretor do imperdível "Es ist nicht leicht, ein Gott zu sein"[70] (1989), baseado no romance dos irmãos Strugátski – que também escreveram "Um Piquenique na Estrada", livro que inspirou "Stalker" (1979), de Andrei Tarkóvski.

Dracula: Pages from a Virgin's Diary (Canadá, 2002), de Guy Maddin. Adaptação do romance "Drácula", de Bram Stoker, no formato de filme mudo e encenado por bailarinos. Maddin é um dos mais interessantes diretores do cinema experimental, responsável por inúmeros curtas ótimos, como "Sissy-Boy Slap-Party" (2004), uma pequena *farra do tapa* homoerótica realizada numa ilha paradisíaca – originalmente Maddin fez este curta em 1994, mas a versão foi perdida, obrigando-o a gravá-lo novamente –, e, "Nude Caboose" (2006), trabalho simples e genial, que nos faz querer ser parte do elenco da produção devido à sua alegria contagiante.

Dünyayi Kurtaran Adam (Turquia, 1982), de Çetin Inanç. Também conhecido pelo títulos alternativos de "The Man Who Saved the World" e "Turkish Star Wars", é versão turca do clássico "Star Wars" (1977). Em entrevista[71] que fiz com o diretor Cem Kaya, realizador de um ótimo documentário sobre o cinema turco[72], ele conta que "a produção foi gravada no rescaldo do golpe militar de 12 de Setembro de 1980, quando a Turquia ainda era governada sob lei marcial. Çetin Inanç e sua equipe, no entanto, estavam filmando em Capadócia, que tem uma geografia muito peculiar para se parecer com outro planeta. Nas cenas dentro das cavernas, necessitava-se iluminação, mas eles não conseguiam usar o equipamento

---

70 Em tradução livre: "Não é fácil ser um Deus".

71 Leia a entrevista completa no blog Canibuk, onde ele fala sobre a indústria cinematográfica turca do passado e presente – postagem do dia 03 de outubro de 2016.

72 O documentário se chama "Remake, Remix, Rip-Off: About Copy Culture and Turkish Pop Cinema" (2014).

porque o gerador não funcionava devido à umidade. Então eles decidiram construir um sistema de espelhos que trazia a luz para dentro das cavernas. Çetin Inanç havia construído um cenário para as cenas de efeitos especiais no espaço, mas elas foram destruídas por um vendaval. Após a destruição de seu cenário que ele decidiu roubar e usar cenas de "Star Wars" em sua produção. O cérebro por trás das cenas de *stock footage* era Kunt Tulgar, dono de um estúdio de dublagem e diretor de "Supermen Dönüyor" – "Superman Returns" (1979). Seu pai, Sabahattin Tulgar, era importador de filmes estrangeiros e foi diretor de "Tarzan Intanbulda" – "Tarzan in Istanbul" (1952). Em seu porão ele tinha os rolos de todos os filmes que importou, um grande tesouro na era não-digital. Desta forma, além de "Star Wars", eles puderam pegar trechos de "Black Hole", da Disney, "The Magic Sword" (1962), de Bert I. Gordon, de alguns italianos de *sci-fi* menos conhecidos e até filmagens da NASA que encontraram em documentários. Conheci o designer do cartaz do filme em Istambul, que me contou que a promoção para o filme era maior do que o habitual. Havia dois cartazes diferentes, um em inglês, o que significa que desde o início eles já planejavam vender para o exterior, e outro em turco. O filme também teve uma quantidade maior de *lobby cards*." Do mesmo diretor, veja também "Ölüme son adim" (1983)[73] e "Korkusuz" (1986)[74].

Electric Dragon 80.000 V (Japão, 2001), de Sogo Ishii. Experimentalismo *cyberpunk* filmado com inúmeros tipos de câmera, para criar uma espécie de *filme elétrico por excelência*. A música industrial da trilha sonora foi gerada com um equipamento chamado MACH-1.67, do próprio diretor. Imperdível!

Equinox (USA, 1970), de Jack Woods. Originalmente concebido para ser um curta-metragem, "Equinox" acabou virando um longa quando a distribuidora Tonylyn Productions comprou as filmagens e chamou Woods para expandir o material gravando cenas novas. Os trabalhos de *stop motion* são da dupla Dave Allen & Jim Danforth, e chegaram a ser elogiados pelo mestre Ray Harryhausen. Como há muitas semelhanças entre "Equinox" e "The Evil Dead", o escritor Brock DeShane entrevistou o maquiador Tom Sullivan para saber se Sam Raimi teria sido influenciado

73 Versão turca para "Mad Max" (1979), de George Miller.

74 Versão turca para "First Blood" (1982), de Ted Kotcheff.

pelo filme de Jack Woods. Sullivan respondeu: “Eu tinha visto “Equinox” pelo menos duas vezes em *drive-ins* antes de fazer “Evil Dead”. Não me lembro de ter discutido isso com Sam Raimi, mas as semelhanças são notáveis. Eu acho que elas vêm da natureza de baixo orçamento de ambos os filmes. Ou seja, alguns personagens, um local isolado e barato, e efeitos especiais ambiciosos”. [75]

Flaming Creatures (USA, 1963), de Jack Smith. Com: Mario Montez, Judith Malina, Francis Francine e Sheila Bick. Filmado em 16mm, este é o filme que redefiniu todo o cinema underground americano – arrisco dizer que sem ele, artistas como Andy Warhol, John Waters e a geração de cineastas transgressores posterior, como Nick Zedd, teriam demorado mais em achar o rumo de suas carreiras como diretores. “Flaming Creatures” perverte e transgride tudo, como na orgia que representa um encontro entre os valores da velha e da nova América – é significativo como a orgia de travestis, marinheiros e outras “criaturas”, definição do próprio Smith, termina em um terremoto, representado pela câmera do cineasta balançando loucamente. O filme foi confiscado pela polícia e proibido de ser exibido em todo o estado de Nova Iorque e, num festival de cinema belga, foi retirado da programação com a seguinte nota: “O júri reconheceu as qualidades estéticas e experimentais do filme 'Flaming Creatures', mas tem de levar em conta unânime que sua apresentação se tornou impossível face às leis belgas” [76]. Mario Montez virou uma *superstar* de Andy Warhol. De Jack Smith, veja também “Normal Love” (1963).

Frankenstein Meets the Spacemonster (USA, 1965), de Robert Gaffney. *Cult movie* de baixo orçamento filmado na Flórida e Porto Rico. Com maquiagens e efeitos de fundo de quintal, é uma obra-prima da diversão escapista que você precisa conhecer. Com cenários e maquiagens capengas, é um daqueles filmes esforçados que possuem vida própria tão forte que são alçados à condição de autênticos *cult movies*.

Freak Orlando (Alemanha, 1981), de Ulrike Ottinger. Comédia demente altamente experimental. Ulrike fazia

---

[75] DeShane, Brock. Backyard Monsters: Equinox and the Triumph of Love. Criterion DVD. 2006.

[76] Renan, Sheldon. Underground – Uma introdução ao cinema underground. Lidador. 1970.

comédias de vanguarda femininas em oposição aos temas sérios e dramáticos dos diretores masculinos mal-humorados do Novo Cinema Alemão da década de 1980, de cineastas como Herzog, Wenders e Fassbinder. Tente assistir todos os filmes dessa interessante diretora surrealista.

Freiheit (USA, 1966), de George Lucas. Curta profissional do início de carreira de Lucas. Conta com o futuro diretor Randal Kleiser[77] no elenco. Assista, também, "Look at Life" (1965) e "The Emperor" (1967), outras produções de Lucas em início de carreira.

Futz (USA, 1969), de Tom O'Horgan. Uma peça teatral de Rochelle Owens transposta para o cinema experimental. O filme de Tom é tão agressivo quanto a peça original foi, contando novamente a história de um fazendeiro apaixonado por seu porco. Um dos primeiros filmes de Sally Kirkland e Frederic Forrest, que depois viraram astros em Hollywood. Tom dirigiu, alguns anos depois, "Rhinoceros" (1974), com Gene Wilder, Zero Mostel e Karen Black.

Gayracula (USA, 1983), de Roger Earl. A versão pornô gay de "Drácula" é um ótimo exemplo de como fazer uma ótima adaptação de material em domínio público sem ser igual às incontáveis e tediosas adaptações de sempre. O astro de "Gayracula" é Tim Kramer, que dirigia um serviço de acompanhantes gays em Hollywood e usava o dinheiro que ganhava para manter um grupo de conscientização de sexo seguro e uma loja de produtos saudáveis.

Geek Maggot Bingo or The Freak from Suckweasel Mountain (USA, 1983), de Nick Zedd. Um dos poucos longas do principal nome do underground nova-iorquino da década de 1980 é cinema de invenção repensando os clichês do cinema de horror. Zacherle e Richard Hell estão no elenco. De Zedd veja também "They Eat Scum" (1979), a selvagem e suja história de uma cantora do underground nova-iorquino, e o curta "Thrust in Me" (1985), que ele codirigiu com Richard Kern, no qual Zedd faz dois papéis: a garota suicida e seu namorado. Tudo no cinema de Nick Zedd é decadente e maravilhosamente aconchegante para os fãs do *punk cinema*.

Geometria (México, 1987), de Guillermo Del Toro. Curta de faculdade onde Del Toro estava treinando para a realização de "Cronos" (1993). Del Toro tem inúmeros curtas anteriores a

[77] Responsável por filmes de sucesso como "Grease" (1978) e "The Blue Lagoon" (1980).

este, mas que continuam inéditos, privando-nos de podermos estudá-los.

Hard Rock Zombies (USA, 1985), de Krishna Shah. Este foi um dos filmes que mais me influenciou a virar cineasta; quando o assisti pela primeira vez, no final da década de 1980, sabia que iria conseguir fazer meu filme, nem que fosse tão bagunçado e vagabundo quanto este[78]. Produção de baixíssimo orçamento que mistura anões canibais com músicos de *heavy metal*, Hitler, lobisomem, zumbis panacas e alguma nudez, temperado com humor bizarro e tudo que há de mais legal no cinema. Uma curiosidade: "Hard Rock Zombies" foi filmado simultaneamente com "American Drive-In"[79], e aparece como o filme dentro do filme na produção irmã. Veja-o reunido com amigos!

Hausu (Japão, 1977), de Nobuhiko Ôbayashi. Um dos melhores filmes de horror já escritos e produzidos na história do cinema mundial. Inicialmente a produtora do filme contratou Ôbayashi para realizar uma versão japonesa de "Tubarão"[80], mas a coisa foi crescendo e se tornando única. As partes que envolvem a segunda guerra mundial vêm das próprias lembranças do diretor, que perdeu todos seus amigos de infância no bombardeio nuclear americano na cidade de Hiroshima. Uma aula imperdível de como fazer um filme!

Hold Me While I'm Naked (USA, 1966), de George Kuchar. Meu curta preferido do George. É uma produção bem caseira, feita com ajuda da família de George e amigos, e é melhor do que tudo que Hollywood produziu nos últimos 30 anos. George Kuchar realizou mais de 200 filmes, todos independentes, e foi professor no San Francisco Art Institute. E é a inspiração máxima do nosso "Manifesto Canibal" original. De George, veja também: "I Was a Teenage Rumpot**"** (1960), um curta com narração anárquica codirigido por seu irmão, Mike, cuja energia visual mostra o porquê deste estilo de cinema ser tão apaixonante e ter tantos fãs; "Corruption of the Damned**"** (1966), no qual realiza uma peça de cinema punk antes do

78 "Hard Rock Zombies" também me ensinou a importante lição de que, se você está fazendo um filme de baixo orçamento, pode contornar muito dos problemas com bom humor e alta dose de autoparódia.

79 "American Drive-In" (1985), de Krishna Shah.

80 "Jaws" (1975), de Steven Spielberg.

cinema punk existir, ao filmar em cenários sujos e com um senso de humor demente; "Mongreloid" (1978), maravilhosamente bem editado, estrelado por Bocko – o cachorro de George –, Curt McDowell e o próprio George; e "Cattle Mutilation" (1983), uma desconstrução da *sci-fi* em uma vibrante saga caseira metalinguística.

Hyperspace (USA, 1984), de Todd Durham. Comédia de *sci-fi* sobre aliens no planeta Terra aprontando confusões numa produção sem dinheiro, mas rico em zoação com o milionário "Star Wars". Lord Buckethead, o vilão do filme, acabou se tornando um personagem político satírico na Inglaterra, onde concorreu a quatro eleições. O diretor, Durham, conseguiu um pouco de fama ao escrever a história de "Hotel Transylvania" (2012). "Hyperspace" também é conhecido pelo título de "Gremlords".

I cannibali (Itália, 1970), de Liliana Cavani. Durante um regime totalitário, as ruas de uma cidade são inundadas de cadáveres de rebeldes, que ficam se decompondo em ruas e calçadas como uma espécie de macabro aviso à população. Morando no Brasil pós Covid-19 e as milícias pentecostais, é impossível não sentir certo desconforto e agonia com este filme.

Inauguration of the Pleasure Dome (USA, 1954), de Kenneth Anger. Originalmente elaborado para ser exibido em 3 telas simultâneas, este média-metragem sobreviveu via exibições em museus e galerias de arte. Influenciado por Maya Deren, Anger foi um dos cineastas undergrounds americanos mais interessantes de todos os tempos; foi ainda autor do livro "Hollywood Babylon", maravilhoso compêndio de fofocas da velha Hollywood. Dele, veja também: "Rabbit's Moon" (1950), um exemplo de como reutilizar cenários[81], que foi filmado em 1950 e lançado apenas em 1971; e, "Scorpio Rising" (1963), lançado num cinema de Los Angeles, quando o partido nazista americano denunciou sua exibição na polícia alegando que a produção insultava sua bandeira. Praticamente produzido ao mesmo tempo que "Flaming Creatures", é outro filme que inaugura o uso de genitálias masculinas nas telas.

Incidents In an Expanding Universe (Inglaterra, 1985), de Richard

[81] Anger reutilizou cenários construídos para um filme do cineasta francês Jean-Pierre Melville.

Stanley. Primeira versão do clássico "Hardware" (1990). Aqui o diretor estava aprendendo e testando técnicas. Acho muito importante que estes filmes iniciais de grandes diretores sejam vistos e estudados porque dão um exemplo explícito e prático do antes e depois de um artista.

Jack the Ripper[82] (Suíça/Alemanha/Espanha, 1976), de Jesús Franco. Com: Klaus Kinski, Lina Romay, Josephine Chaplin e Herbert Fux. Em novembro de 1975, a produtora italiana *S.E.F.I. Cinematografica*, ao perceber o sucesso que o filme americano "Mandingo"[83] estava fazendo, contratou Jesús Franco para filmar o *sexploitation* "Mandinga" e tentar lucrar no assunto. Após alguns dias de filmagens, Jesús sumiu no meio da noite com o orçamento do filme e Lina Romay, que então ainda era esposa de Ramon Ardid – diretor de fotografia do filme –, largando a equipe/atores no hotel e interrompendo as filmagens. O produtor Erwin C. Dietrich foi atrás, e depois de uns 15 dias de buscas por Jesús e Lina, descobriu que o diretor havia usado o dinheiro para quitar dívidas antigas que tinha com vários outros hotéis – Jesús hospedava suas equipes em hotéis, filmava e nunca mais voltava para pagar as contas, até que os hotéis colocaram agiotas atrás dele. A coisa tomou proporções ridículas quando o hotel que hospedava a equipe de "Mandinga" ficou sabendo dos casos de calote e sequestrou uma mala de Jesús cheia de argumentos, manuscritos e *storyboards* – de filmes que ele acabou produzindo depois – para tentar evitar o golpe. Dietrich acabou pagando todo mundo, só que neste meio tempo, a produtora italiana cancelou a produção do filme e Dietrich, para reaver o dinheiro que perdeu, obrigou Jesús a fazer uma série de filmes em estúdio – provavelmente para evitar novo sumiço do diretor picareta –, até a dívida estar sanada. Os filmes que Jesús realizou refém de Dietrich foram: "Midnight Party" (1976), "Frauengefängnis" (Barbed Wire Dolls, 1976), "Weibe Haut und schwarze Schenkel" (1976), "Mädchen im Nachtverkehr" (Girls in the Night Traffic, 1976) e, após a dívida estar completamente paga, ganhou um bom orçamento – e a liberdade de filmar em sets externos – para a realização de "Jack The Ripper", estrelado por sua musa de toda a vida, Lina Romay, e Klaus Kinski. Já "Mandinga" acabou sendo

---

82 Thrower, Stephen. Flowers of Perversion, Volume 2: The Delirious Cinema of Jesús Franco. Strange Attractor Press. 2019.

83 Mandingo (USA, 1975), de Richard Fleischer.

produzido com outro diretor, Mario Pinzauti, na Itália[84].

Jane Rambo Daughter of Jungle (Nigéria, 2018), de Augustus Omojowo Thomas. SOV da Nigéria produzido sem orçamento algum, mas com atores empenhados nesta produção amadora cheia de lutas e correrias. Os filmes de Nollywood, nome pelo qual é conhecida a intensa produção cinematográfica da Nigéria, geralmente são assim – nos anos pós 2015 eles estão investindo bem mais dinheiro e dando um padrão de qualidade aos seus produtos. O boom na indústria cinematográfica nigeriana foi após os anos 1980, com o advento do vídeo. Em 2010 eles eram o segundo país que mais produzia filmes – lançando mais de 200 títulos mensais –, com movimentação acima de 3 bilhões de dólares por ano com seu cinema caseiro. Os produtores brasileiros aprenderiam muito se estudassem a indústria da Nigéria em vez da indústria de *blockbusters* americanos. No *YouTube* é possível encontrar inúmeros filmes nigerianos, como a série "The Snake Girl" (2006), de Emeka Hill Umeasor.

Jèromê: Um Conto de Natal (Brasil, 2020), de Beatriz Saldanha. Curta de horror estrelado pelos 4 gatos da diretora, que conseguiu – com muita paciência e trabalho – extrair interpretações fantásticas dos bichanos. Exemplo de como realizar um empolgante filme de animais sem a necessidade de ser infantil ou tolo.

Jûshin densetsu (Japão, 1987), de Takuro Fukuda. Também conhecido como "Conton". Média-metragem *gore* com muitas soluções sangrentas ótimas. Tudo aqui é mera desculpa para apresentar efeitos *gore*. Seu diretor se tornou roteirista de TV após essa experiência.

L'urlo (Itália, 1970), de Tinto Brass. Antes de se tornar um dos cineastas do cinema erótico referência no mundo inteiro por produções como

---

84 Acho essa produção um bom exemplo de como um projeto frustrado pode se tornar inúmeros outros filmes. Jesús Franco também se utilizava de outro expediente interessante: usava o dinheiro que produtores disponibilizavam para um filme, filmava-o na metade do tempo pela metade do valor e embolsava o restante do dinheiro. O tempo livre que os atores e equipe teriam por filmar rápido o projeto para o qual foram contratados, ele usava para rodar um filme inteiramente seu. Aqui no Brasil o produtor/diretor Gurcius Gewdner costuma fazer algo parecido. Em 2015 foi contratado para fazer um curta de 15 minutos chamado "Bom Dia, Carlos", que filmou rapidamente e usou a estrutura toda para fazer, em paralelo, seu longa "Pazúcus – A Ilha do Desarrego" (2017).

"Caligola"[85] (1979), Tinto Brass era realizador de experimentos cinematográficos, como o interessante "Spatiodynamisme" (1958) e este longa-metragem, "L'urlo", sobre casamento e a liberação feminina. Foi filmado na penitenciária da ilha de Santo Stefano, em Sermoneta.

Les paumées du petit matin (França, 1981), de Jean Rollin. Drama social com uma pegada de realismo fantástico. Inteiramente filmado em locações públicas, é um exemplo muito eficiente de como realizar um filme barato eletrizante em cenários podres. O diretor, Rollin, foi um artista independente que transitou com maestria por todos os gêneros cinematográficos, incluindo a pornografia. Conhecido também pelo título inglês "The Escapees".

Lot in Sodom (USA, 1933), de James Sibley Watson e Melville Webber. Conto bíblico experimental gay baseado em Sodoma e Gomorra. Um exemplo genial de como fazer um filme livre e duradouro. Watson, um dos codiretores, era o multimilionário herdeiro da empresa de comunicações *Western Union*.

Malandro de Ouro (Brasil, 2019), de Flávio C. Von Sperling. Curta muito bem realizado plasticamente, lembrando uma poesia visual. Flávio, junto de seu parceiro Leo Pyrata, faz parte da produtora independente *El Reno Fitas*, sediada em Minas Gerais, responsável por outros filmaços, como "Subybaya" (2017).

[85] "Calígula", no Brasil.

Mamilos em Chamas (Brasil, 2008), de Gurcius Gewdner. Com as vozes de: Gurcius Gewdner, Liege Bastos, Alejandro Gutierrez, Elaine Bublitz, Hans Honesky, PC, Zé Colmeia e Marcius Gewdner. Comédia romântica bizarra única na história do cinema. Seus atores são coelhos mortos que foram se decompondo conforme as gravações do filme avançavam[86]. Apesar de ter sido filmado rapidamente[87] – 3 dias de filmagens –, Gurcius levou cerca de 6 anos para concluir as dublagens, trilha sonora[88] e edição final. Por conta dessa pós-produção demorada, os filmes "O Triunvirato" (2004) e "Dia de Ano" (2005), ambos escritos/dirigidos por Gurcius, foram filmados posteriormente, mas lançados antes, assim como "Tudo Começou Quando Mamãe Conheceu Papai" (2007), uma parte animada de "Mamilos em Chamas" que se tornou um curta. Cinema é orgânico, decompõe-se naquilo que seu tempo pede. Em 2007 existiu uma versão mais curta do filme que rodou alguns festivais, como a *Trash*[89] de Goiânia/GO, *Splatter Night Fest* de Joinville/SC e a exposição multimídia *Erotolalia*. Após seu lançamento oficial – quando muitas vezes foi exibido em programa duplo com o meu "Arrombada – Vou Mijar na Porra do Seu Túmulo!!!" em salas de cinema alugadas da região Sul do Brasil –, "Mamilos em Chamas" se tornou um clássico exem-

---

86 Na entrevista que realizei com Gurcius para o blog Canibuk, em 26 de novembro de 2011, ele conta que a equipe de "Mamilos em Chamas" não queria retornar para as gravações da orgia final, porque não aguentava o cheiro podre que os coelhos exalavam: "Ninguém queria voltar e tive que passar a manhã do terceiro dia fazendo todo tipo de promessas e implorando, subornando as pessoas com bebida e fama futura pra que viessem me ajudar. Pra deixar a situação mais esquisita, minha mãe encontrou os coelhos no freezer e por alguns momentos achou que era o gato dela. No fim, pro terceiro e último dia de filmagens, depois de implorar e telefonar muito, consegui juntar um verdadeiro batalhão de ajudantes, e fizemos sequências ultra-complicadas/absurdas, como a cena da explosão, o tiroteio no corredor e a orgia grupal entre bandidos e mocinhos. O inseticida não aguentava mais conter o cheiro, que ultrapassava o poder químico do veneno, e a barriga dos coelhos estavam inchadas a um ponto que pareciam que iam se abrir a qualquer momento. No fim, eu filmava com a equipe inteira histérica, me pedindo pra encerrar logo".

87 O roteiro, coescrito por J.W. Kielwagen, ficou pronto no final de 2002 e as filmagens foram no início de 2003.

88 A trilha foi composta pelo grupo musical *Spindove* e é um clássico da música experimental underground.

89 Em 2017 a *Trash* mudou seu nome para *CRASH – Mostra Internacional de Cinema Fantástico.*

plo de como trabalhar a divulgação de seu SOV. Além das exibições pelo país em festivais, mostras, salas de cinema e shows de bandas, foi lançado em DVD quádruplo, abarrotado de material extra que incluía até CD com a trilha sonora. Seu diretor, Gurcius Gewdner, se tornou editor profissional – montou inúmeros filmes da *Canibal Filmes*, Ivan Cardoso, Lígia Marina, Mario Abbade e Élida Braz – e realizou o genial "Pazúcus – A Ilha do Desarrego" (2017), que também ganhou um lançamento exemplar em DVD/Blu-ray duplos, com direito a livreto de 56 páginas e toneladas de extras.

Mnasidika (USA, 1969), de Roberta Findlay e Michael Findlay. Com: Linda Boyce, Uta Erickson, Michael Findlay e Maria Lease. Essa tentativa de tornar a pornografia em arte de vanguarda ilustra bem o que fazer quando você não tem dinheiro para a produção: vá pro meio do mato e recrie um gênero popular enchendo-o de ações estranhas. "Mnasidika" é uma espécie de "Dance of the Seven Veils"[90] underground, com *strippers* no lugar de dançarinas e ideias boladas na hora em vez de um roteiro. E é um filmaço que, acredito, ainda será descoberto algum dia. O casal Findlay foi responsável por uma série de filmes classe Z imperdíveis, como sua trilogia da carne[91], o belíssimo/tosco "Shriek of the Mutilated" (1974) e o emblemático/famoso "Snuff" (1976), admirável peça que nos ensina como vender/divulgar nossos filmes vagabundos[92]. Michael Findlay também era metido a inventar equipamentos e, quando estava demonstrando sua nova câmera 3D para investidores franceses no aeroporto John F. Kennedy, as hélices do

[90] Dance of the Seven Veils (Inglaterra, 1970), de Ken Russell.

[91] A trilogia da carne é composta pelos filmes "The Touch of Her Flesh" (1967), "The Curse of Her Flesh" (1968) e "The Kiss of Her Flesh" (1968), todos dirigidos por Michael sob pseudônimo de Julian Marsh e fotografados por Roberta sob pseudônimo de Anna Riva, e escritos por ambos.

[92] O distribuidor Allan Shackleton, depois de ouvir falar de filmes com mortes reais feitos na América do Sul, pegou uma produção dos Findlays chamada "Slaughter" e, após adicionar novo final, renomeou com o título "Snuff", criando uma divulgação calcada nas "mortes reais" que o filme apresentaria e a frase "O filme que só poderia ser feito na América do Sul… Onde a vida é barata!". O distribuidor também contratou atores desconhecidos para que encenassem piquetes contra o filme nas portas do cinema, fazendo com que aumentasse o interesse do público na produção.

helicóptero que usava se soltaram, decapitando-o. Roberta seguiu carreira no cinema após a trágica morte do companheiro, se tornando diretora/diretora de fotografia de inúmeras produções adultas de destaque no mercado do pornô – geralmente usando os pseudônimos de Robert W. Norman, Robert R. Walters ou Robert W. Brinar. Na década de 1980, voltou a produzir filmes de horror/*exploitation* de baixíssimo orçamento, como "The Oracle" (1985), "Tenement" (1985), "Blood Sisters" (1987) e "Prime Evil" (1988).

Mondo Trasho (USA, 1969), de John Waters. Com: Divine, Mary Vivian Pearce, David Lochary, Mink Stole, Susan Lowe e Pat Moran. Divertida sátira à sociedade produzida por Waters e seus amigos em clima de festa. Diz a lenda que o grupo de cineastas arruaceiros foi preso durante as gravações, sem autorização, de uma cena no campus da Johns Hopkins University. "Mondo Trasho" possui poucos diálogos e muita música famosa deliciosa retirada dos discos da coleção pessoal de John Waters, sem o pagamento dos direitos autorais, lógico! – fazendo com que o filme nunca tivesse uma distribuição em *home video*. De John Waters, veja também: "Multiple Maniacs" (1970), "Pink Flamingos" (1972), "Female Trouble" (1974) e o demente clássico genial "Desperate Living" (1977)[93].

My Best Friend's Birthday (USA, 1987), de Quentin Tarantino. O primeiro trabalho de Tarantino é bem amador – a fotografia, edição, figurinos, locações e cenários não funcionam direito –, o próprio roteiro também é meio ruinzinho. A câmera de 16mm usada para produzir este filme lhe foi emprestada pelo diretor Fred Olen Ray. Mas acho importante assisti-lo para aprender o que um mestre do cinema contemporâneo pode fazer com um micro orçamento de 5 mil dólares.

Nekromantik (Alemanha, 1987), de Jörg Buttgereit. Este era o filme sensação no meio underground cinematográfico e da cena musical no início da década de 1990, o filme obrigatório que todos os jovens mais descolados tinham a obrigação de procurar em VHSs desbotados. Clássico do cinema *exploitation* que mescla um assunto explosivo e tabu (necrofilia) com efeitos nojentos explícitos; está mais para cinema experimental do que cinema de horror tedi-

[93] "Desperate Living" tem os melhores cenários já construídos com lixo que vi numa produção. Recomendo que os diretores de arte vejam.

osamente normal. Ou seja, é um exemplo de como se destacar! Jörg Buttgereit e Manfred O. Jelinski, a dupla responsável pelo filme, seguiu com a produção de obras únicas em sua estranheza e força narrativa, das quais destaco também "Der Todesking" (1990), "Nekromantik 2" (1991) e "Schramm" (1993).

Nightbeast (USA, 1982), de Don Dohler. Obra-prima do diretor *cult* Dohler, responsável por uma cinematografia única em soluções caseiras e filmagens com amigos e residentes de Baltimore – mesma cidade de John Waters e sua trupe de pervertidos. Ele iniciou sua carreira editando o fanzine "Wild", de quadrinhos undergrounds na linha de "MAD" e com colaboradores como Jay Lynch, Art Spiegelman e Skip Williamson. Logo após lançou a revista "Cinemagic"[94], que dava dicas passo a passo de como se tornar produtor de cinema independente e fazia reportagens sobre filmes de baixo orçamento. Tente ver todos os filmes de Don Dohler[95]; obras como "The Alien Factor" (1978) e "The Galaxy Invader" (1985) são de uma beleza tosca apaixonante.

Niku daruma (Japão, 1998), de Tamakichi Anaru. Não listei a série "Guinea Pig"[96] aqui por conta dessa produção que é um passo além no radicalismo, unindo *gore* extremo com pornografia explícita. Os efeitos *gore* são simples – mais simples do que na série "Guinea Pig" –, mas é um filme muito mais poderoso por sua abordagem realista. Se você realmente gosta de cinema extremo, este é seu filme. Também conhecido pelos títulos em inglês de "Tumbling Doll of Flesh" e "Psycho: The Snuff Reels".

O Abismo (Brasil, 1977), de Rogério Sganzerla. Um perfeito exemplo de cinema ruim divertido, gravado sem

---

94 A "Cinemagic", como publicação independente, durou até 1979, quando foi comprada pela "Starlog".

95 Veja também o documentário "Blood, Boobs and Beast" (2007), de John Kinhart, sobre as produções de Don.

96 A série "Ginî Piggu" é formada de seis episódios, a partir do conceito original do artista de mangá Hideshi Hino. Recomendo que você assista o *making of* "Meikingu obu Za Ginipiggu", que traz todas as informações e cenas de bastidores que você quer ver. Os filmes originais chegaram a ser retirados do mercado de vídeo americano após o panaca Charlie Sheen ter denunciado a série pro FBI como se fosse composta de assassinatos reais. Hollywood: terra de boçais em forma de pessoas!

roteiro e se aproveitando de um monte de amigos conhecidos das massas – como Zé Bonitinho, Zé do Caixão, Norma Bengell e Wilson Grey. É um lixo, mas um adorável lixo![97]

O Mito do Silva (Brasil, 2018), de Fabiano Soares. Curta premonitório dos efeitos do bolsonarismo no Brasil. Um ótimo exemplo de como fazer uma produção eficiente com o mínimo de recursos, com cuidados com fotografia/iluminação e um roteiro que explora muito bem o tempo sociopolítico contemporâneo. Fabiano também é o responsável pela obra-prima "O Terno do Zé" (2012), estrelado por Antonio Pitanga e pelo astro decadente Carlo Mossy, com trilha sonora original da *Gangrena Gasosa*.

Octaman (USA, 1971), de Harry Essex. Um homem-polvo ataca alguns cientistas que querem estudá-lo. Harry Essex escreveu os roteiros de dois clássicos da *sci-fi*, "It Came from Outer Space" (1953) e "Creature from the Black Lagoon" (1954), ambos de Jack Arnold, e isso deve ter sido o suficiente para convencer os produtores de que ele tinha os requisitos básicos para ser um bom diretor. Ledo engano. Harry não tinha a mínima ideia do que fazer e legou ao público um autêntico *trash movie* exemplar; boa parte do charme é cortesia da roupa do monstro, criado pelo lendário maquiador Rick Baker em início de carreira.

Orgia ou O Homem que deu Cria (Brasil, 1970), de João Silvério Trevisan. Clássico do cinema de invenção brasileiro, filmado com muita liberdade e improviso – todas as cenas foram gravadas de *take* único, pois a produção não disponibilizava de filme virgem para cobrir erros de gravações. Foi censurado na época de seu lançamento original, sendo liberado apenas em 1995. A produção do filme foi resultado de uma espécie de cooperativa entre pessoas que acreditavam no potencial transgressor do filme. O diretor de fotografia foi Carlos Reichenbach; Jairo Ferreira, autor do livro "Cinema de Invenção", foi assistente de direção, e o editor foi João Batista de Andrade.

Over-Sexed Rugsuckers from Mars! (USA, 1989), de Michael Paul Girard. Tudo neste filme é *over*. Das interpretações, passando pelo roteiro e suas situações mirabolantes – não é sempre que você tem a oportunidade de ver alguém transando com um

[97] Rogério Sganzerla ensinou como se escreve, se filma e se monta um filme com a obra-prima "O Bandido da Luz Vermelha" (1968). Obra seminal do cinema nacional, obrigatória na bagagem cinematográfica de qualquer cinéfilo!

aspirador de pó –, até sua pobreza de produção cheia de sacadas de improviso geniais. O ponto de partida também é ótimo: aliens voltam ao planeta Terra após 10 milhões de anos para ver o que aconteceu com seu experimento: os humanos. Como não gostam do que encontram, iniciam outra experimentação muito mais bizarra. O filme seguinte do diretor Girard foi a comédia adolescente de mau gosto "Getting Lucky" (1990)[98], que entre várias cenas absurdas trazia o herói do filme dentro das calcinhas de sua amada, antecipando em anos o que Pedro Almodóvar repetiria em "Hable con ella" (2002).

Ovoce stromu rajských jíme (Checoslováquia/Bélgica, 1970), de Vera Chytilová. Conhecido pelo título inglês de "Fruit of Paradise", é a recriação da mitologia de Adão & Eva sob as lentes do surrealismo experimental de Vera, a maior diretora existente no mundo. Gravado durante a invasão da Checoslováquia pelos "exércitos amigáveis" do Pacto de Varsóvia, é incrível como este filme sobre a desigualdade entre homens e mulheres foi liberado sem cortes. Vera, sobre isso, comentou: "Eles não proibiram porque ninguém o entendeu!"[99]. Veja todos os filmes de Vera.

Pass Thru (USA, 2016), de Neil Breen. Outra produção que ensina como não se fazer um filme. Em tom existencialista místico do tipo "olha, mamãe, olha como sou evoluído", ou algo meio isso, Neil Breen realizou um dramalhão impagável sobre um ser messiânico que viaja para nossos dias para exterminar 300 milhões de pessoas "más". O diretor/produtor/roteirista é, para ganhar dinheiro, arquiteto e agente imobiliário na vida real, mas se coloca a produzir dramas em vídeo sérios. Melhor do que qualquer superprodução de Hollywood.

Peepshow (Inglaterra, 1956), de Ken Russell. Primeiro curta de Ken, bem amador e cheio de inventivas soluções cinematográficas. Se possível, veja toda a filmografia deste diretor, que é um dos mais interessantes realizadores já surgidos na sétima arte.

Perturbado (Espanha, 1993), de Santiago Segura. O primeiro papel de Segura em um filme mais profissional é um dos melhores exemplos de como um ator deve se dedicar na

98 Lançado em VHS no Brasil com o título de "Um Bruxinho Atrapalhado".

99 Jusova, Iveta e Reyes, Dan. In: Monteiro, Rosa (Org.). Vera Chytilová – A grande dama do cinema tcheco. Firula. 2019.

elaboração de uma personagem, dando um *up* no baixo orçamento de seu filme. Anos depois, Santiago Segura dirigiu e estrelou "Torrente, el brazo tonto de la ley" (1997), obra-prima do cinema cafajeste espanhol que bateu "Titanic"[100] nas bilheterias espanholas daquele ano. Segura é mais conhecido por seu papel como José Maria, o metaleiro de "El día de la bestia" (1995), de Álex de la Iglesia.

Pink Narcissus (USA, 1971), de James Bidgood. Com: Don Brooks, Bobby Kendall e Charles Ludlam. Clássico do cinema gay experimental[101] e provocativo/poético, filmado entre os anos de 1963 e 1970 – incríveis 7 anos de produção –, de modo clandestino – era proibido ser gay na Nova Iorque dos anos 1960 –, com todos os cenários construídos/criados dentro do apartamento de seu diretor. Na época do lançamento, Bidgood não quis ser creditado como realizador da obra porque seus investidores tiraram o filme de suas mãos na edição para apressarem o lançamento. Originalmente produzido em Super 8, com partes em 16mm, e transcrito para 35mm para seu lançamento em 1971.

Planet of Dinosaurs (USA, 1977), de James K. Shea. Produção independente que empregou quase todo o dinheiro do orçamento na produção dos efeitos de *stop motion* dos dinossauros, criando uma experiência diferente para o público: você assiste uma produção onde tudo parece amador, mas que tem ótimos ataques e designs das criaturas. Por suas cenas de *stop motion* extremamente bem feitas, o filme ganhou o *Saturn Award* de 1980, da *Academy of Science Fiction, Fantasy & Horror Films*, na categoria melhor filme produzido com menos de 1 milhão de dólares.

Ritual in Transfigured Time (USA, 1946), de Maya Deren. Tente ver todos os filmes de Maya, ela é uma das mais interessantes realizadoras de cinema underground experimental. Sobre este filme, Maya escreveu: "Um ritual é uma ação distinta de todas as outras por buscar a realização de seu propósito por meio do exercício da forma. Nesse sentido, o ritual é arte; e mesmo historicamente, toda arte deriva do ritual. No ritual, a forma é o significado. Mais especificamente, a qualidade do movimento não é apenas um fator decorativo; é o

100 "Titanic" (1997), de James Cameron.

101 Outro grande clássico do cinema gay que recomendo uma espiadinha é "Taxi zum Klo" (1980), de Frank Ripploh. Várias das cenas explícitas do filme foram gravadas em locações reais, como banheiros e praças públicas, sem autorizações.

próprio significado do movimento. Nesse sentido, este filme é dança".

Roar (USA, 1981), de Noel Marshall. Durante 11 anos, Noel e sua família – que inclui Tippi Hedren e Melanie Griffith – ficaram gravando este que, talvez, seja o mais perigoso filme já realizado na história do cinema. Mais de 70 pessoas da equipe técnica foram feridas durante as filmagens, incluindo o diretor de fotografia Jan De Bont[102], que foi escalpelado pelos leões e levou 220 pontos na cabeça, e Noel, o diretor, mordido pelos felinos em 11 ocasiões, inclusive com um dos ferimentos gangrenando. São tantas histórias macabras/divertidas envolvendo essa produção que é impossível listar tudo aqui. Assista ao filme e procure por mais histórias dessa produção única – é uma produção com bom orçamento[103] e com equipe técnica do primeiro escalão de Hollywood, mas o modo como foi filmado o fazem necessário entre essas dicas.

Rodson ou (Onde o Sol Não Tem Dó) (Brasil, 2020), de Clara Chroma, Orlok Sombra e Cleyton Xavier. *Sci-fi* experimental produzida por um grupo de artistas de vanguarda de Fortaleza que é uma das mais vigorosas e refrescantes obras do underground brasileiro do século XXI. Usando todas as deficiências do baixíssimo orçamento de modo inteligente e ao seu favor, é uma bela síntese do que o Kanibaru Sinema propõe. Do mesmo grupo, veja também "Tsunami Guanabara" (2018).

Roseland (USA, 1971), de Fredric Hobbs. Musical *trash* bastante animado e inacreditavelmente sem pé nem cabeça, provando que até quando você não tem ideia do que quer fazer, coisas boas podem surgir. Hobbs foi o pioneiro na Art Eco[104] e, em seguida, realizou um punhado de filmes amadores completamente sem noção, como os filmes "Alabama's Ghost" (1973) e "Godmonster of Indian Flats" (1973).

Rubão – O Canibal (Brasil, 2002), de Fernando Rick. O primeiro filme de Rick é um exemplo de como fazer um filmaço sem dinheiro algum. Se

---

[102] O holandês começou sua carreira como diretor de fotografia dos filmes de Paul Verhoeven. Tornou-se diretor de sucessos *blockbusters* com "Speed/Velocidade Máxima" (1994) e "Twister" (1996).

[103] 17 milhões de dólares em 1981.

[104] Um estilo de arte que combina arquitetura solar, tecnologia ambiental e comunicação interativa com um estilo de vida ecologicamente equilibrado.

utilizando da ajuda de amigos, realizou uma produção coesa e que serviu para lhe abrir portas para projetos mais ambiciosos, totalmente diferentes deste pequeno clássico, provando que um diretor independente não precisa ficar preso aos mesmos temas e orçamentos. Dele, veja também "Feto Morto" (2003).

Saliva (Brasil, 2020), de Maria Trika. Produção experimental barata, simples e linda feita em vídeo pela artista multimídia Maria durante a pandemia de Covid-19 que assolou o Brasil em 2020–2022. Recomendo as produções dessa realizadora, são exemplos práticos de como fazer poesia cinematográfica.

Santa and the Ice Cream Bunny (USA, 1972), de Richard Winer. Com: Shay Garner, Jay Ripley e Bob O'Connell. Possivelmente um dos piores filmes já realizados na história do cinema – mas que você não consegue parar de assistir. Relacionei-o nessa lista por ser um perfeito exemplo de como relançar um filme como "peça publicitária" – sim, é incrível, mas este filme só existiu porque era parte de uma série de filmes produzidos para promover o inacreditável *Pirates World*, um parque de diversões vagabundo que ficava em Dania Beach, no extremo sul da Flórida, e que foi montado com brinquedos antigos comprados de parques de diversões que os descartavam para substituí-los por brinquedos novos e mais seguros. O desconhecido diretor Richard Winer esbanja falta de talento filmando a introdução/conclusão de uma história envolvendo o Papai Noel com seu trenó encalhado numa praia, um coelho sorveteiro e muitas crianças visivelmente entediadas. As partes filmadas por Winer totalizam menos de meia hora, então o restante da metragem foi completada com a inclusão na íntegra do – igualmente ruim – "Thumbelina" (1970), do diretor *sexploitation* Barry Mahon, aqui tentando ganhar uns trocados com um musical infantil –, produzido 2 anos antes, também com a missão de levar o nome *Pirates World* para o mundo. Veja também: "Jack and the Beanstalk" (1970) e "Musical Mutiny" (1970), ambos de Mahon, também criados como "peças publicitárias" do parque de diversões mais doido que já existiu.

Secret Weapons (Canadá, 1972), de David Cronenberg. Com uma linda abertura, este curta já dava apontamentos do rumo que a carreira de Cronenberg iria seguir. Os cenários são bem bacanas, remetendo a escombros, fábricas velhas com decorações feitas de fios elétricos e adereços industriais. É um episódio da série de TV *Programme X*.

Sins of the Fleshapoids (USA, 1966), de Mike Kuchar. Um dos

melhores e mais deliciosos exemplos de como fazer uma *sci-fi* com vizinhos, atores amadores e praticamente nada de dinheiro. Uma das maiores influências de John Waters.

Six She's and a He (USA, 1963), de Richard S. Flink. Originalmente filmado sob o título de "Love Goddesses of Blood Island", o filme é uma espécie de mistura entre os filmes *gore splatter* de H.G. Lewis e os *nudies* dançantes que surgiram no final da década de 1950. O filme foi a primeira produção/direção de Richard S. Flink, um empreiteiro de Miami, que assinou o filme com o pseudônimo de Gordon H. Heaver. Construindo casas durante o dia e administrando um *drive-in* de sucesso durante a noite, Flink se sentiu seguro para entrar na produção de cinema independente. Embora "Six She's and a He" tenha sido visto por poucas pessoas e tenha passado despercebido, foi o suficiente para que ele produzisse ainda, pela sua recém-formada produtora Thunderbird International, o *trashão* "Sting of Death" (1965).

Sodoma (Áustria, 1970), de Kurt Kren e Otto Muehl. Sujeira, mutilações, fetiches diversos, depravação e outros desvios sexuais que ilustram bem a sociedade de sua época. O cinema praticado pelos *Vienna Actionists* era completamente livre – em forma e moralismos – e um exemplo bastante prático de como chamar atenção sendo extremo. "Sodoma" foi exibido no Festival de Cannes de 1970, junto de outros 6 curtas de Kren. Assista e estude todos os filmes deste grupo. Assista também "Manopsychotisches Ballett" (1970), de Otto Muehl e Jörg Siegert, com inúmeros atos de escatologia e sexo do grupo de terapia dos *Vienna Actionists,* a maioria dos números criados por Otto Muehl[105] e Günter Brus.

Space Is the Place (USA, 1974), de John Coney. Genial *sci-fi* afrofuturista escrito[106] e estrelado por Sun Ra, onde apresenta sua *Arkestra*[107]. Na história, Sun Ra descobre um planeta

[105] Otto foi o principal membro dos *Vienna Actionists*, mas era meio pancada da cabeça. Após a dissolução do grupo, criou a *Comuna Friedrichshof*, uma espécie de seita autoritária na qual, lógico, ele era o guru magnânimo, e acabou preso por crimes sexuais com menores de idade e posse de drogas. Então, ao fazer cinema extremamente radical, cuidado pra não se perder em seus objetivos artísticos.

[106] Foi baseado no curso que Sun Ra ministrou na Universidade da Califórnia chamado "The Black Man In the Cosmos", 1971.

[107] *Sun Ra and His Arkestra* foi fundada na década de 1950 e foi a pioneira do afrofuturismo.

no Cosmos para onde quer levar a comunidade afro-americana, transportando-os por meio da música. É cinema experimental unido à música experimental. Um dos meus filmes preferidos de todos os tempos!

Squirmfest (Japão, 1989), de Susumu Saegusa. Um show escatológico sem limites gravado em vídeo, com direito a um lago de vômito sobre as lentes da câmera. É cinema provocativo gratuito, como toda obra vagabunda que se preze.

Sting of Death (USA, 1966), de William Grefé. A década de 1960 foi terreno fértil para que produtores de cinema independente fizessem todo tipo de picaretagem para suprir os *drive-ins* de novidades diárias – plataformas como *YouTube* e similares pedem novidades diárias, são os *drive-ins* do presente, então sejamos picaretas e alimentemos estes canais de distribuição com muito lixo ultradivertido – e Willian Grefé era um destes artesãos. Todos os filmes dele são ótimos estudos de como fazer uma obra curiosa sem ter muitos recursos. Em tempo: as cenas aquáticas de "Sting of Death" foram filmadas em Rainbow Springs, mesmo local onde o clássico "Creature from the Black Lagoon" (1954), de Jack Arnold, foi gravado.

Street Trash (USA, 1987), de Jim Muro. Todo filmado nas ruas de uma Nova Iorque decadente e em ferros-velhos sujos cheios de mendigos maltrapilhos, é um clássico *gore* de baixo orçamento, com ótimas sacadas de como realizar efeitos e maquiagens sangrentas. Assista também o curta "Street Trash", que deu origem ao longa.

SuperOutro (Brasil, 1989), de Edgard Navarro. "Acorda humanidade!!!" – possivelmente o mais genial média-metragem já produzido no Brasil. Imperdível! Todos os filmes do Edgard são ótimos, mas destaco ainda "O Rei do Cagaço" (1977), que mostra todo o esplendor de um cu cagando em close. Também ensina que você deve cagar num jornal, embrulhar e atirar dentro dos carros de ricos.

Sweet Movie (França/Alemanha/Canadá, 1974), de Dusan Makavejev. Com: Carole Laure, Pierre Clémenti, Anna Prucnal, Sami Frey e John Vernon. Para o padrão financeiro do Kanibaru Sinema, essa produção conta com um superorçamento, mas fiz questão de listá-lo por tudo o que representa em termos de liberdade criativa. Makavejev inicia o filme com uma poderosa crítica ao capitalismo e aos valores da sociedade judaico-cristã do Ocidente, representados na figura do milionário do petróleo e seu concurso para encontrar a noiva virgem perfeita – também

faz críticas ao comunismo e ao anarquismo –, até provocar todo mundo em sua meia hora final, quando a história se concentra numa comunidade onde seus membros mostram o quão natural deveriam ser os processos fisiológicos, em um banquete de comida, sexo, urina e fezes. Tudo explícito e sem rodeios, afinal, nada mais normal do que uma humanidade que ama, come e caga. Em tempo: contextualize o filme, por favor. Na produção também há cenas reais do massacre de Katyn e foi proibido em muitos países. "Sweet Movie" está repleto de participações especiais de artistas conhecidos do cinema underground e/ou horror: Marpessa Dawn[108], Don Arioli[109], Otto Muehl, Roland Topor[110], Barry Baldaro[111] e Sonny Forbes[112], dão as caras no filme. Dusan Makavejev foi um dos principais cineastas sérvios do *Yugoslav Black Wave*, que teve início no final da década de 1960, e acabou se autoexilando após seu filme "W.R. – Misterije organizma" (1971) ter sido banido em seu país natal. Dele, veja também: "Covek nije tica" (1965), "Wet Dreams" (filme em episódio de direção coletiva, 1974) e "Montenegro" (1981).

Sweet Sweetback's Baadasssss Song (USA, 1971), de Melvin Van Peebles. Filme de resistência por excelência. Melvin o produziu após tomar um empréstimo de 50 mil dólares do comediante Bill Cosby. Após o lançamento, o filme encantou Huey P. Newton[113] e se tornou filme obrigatório dos integrantes dos *Black Panthers*. Tecnicamente a produção de Van Peebles foi extremamente experimental, como quando misturou luzes com tons diferentes para conseguir uma fotografia única. Como o filme foi gravado sem o apoio do sindicato dos trabalhadores da indústria de cinema, a maioria dos técnicos

[108] Atriz mais conhecida por sua personagem Eurydice no clássico "Black Orpheus/Orfeu Negro" (1959), de Marcel Camus.

[109] Escritor/roteirista conhecido por suas obras infantis ao lado de Chuck Jones. Também colaborou por algum tempo no programa "Vila Sésamo".

[110] Topor, junto de Jodorowsky e Arrabal, foi criador do *Panic Movement*.

[111] Ator em filmes como "The Apprenticeship of Duddy Kravitz/O Grande Vigarista" (1974), de Ted Kotcheff, e "Shivers/Calafrios" (1975), de David Cronenberg.

[112] Ator, está no elenco de alguns filmes de David Cronenberg, como "Shivers/Calafrios" (1975), "Rabid/Enraivecida – Na Fúria do Sexo" (1977) e "Scanners" (1981).

[113] Cofundador, líder e principal inspirador da organização política dos *Panteras Negras*.

e atores principais trabalhou com revólveres em suas cinturas para, em caso de problemas com polícia ou racistas, estarem preparados para um diálogo que branco estúpido entende: a bala! O cinema precisa ser político sempre.

Swiss Made (Suiça, 1968), de H.R. Giger, Fritz E. Maeder, Fredi M. Murer e Yves Yersin. Antes de ser o desenhista de produção do "Alien"[114], Giger já dava alguns passos como cineasta. O visual do alienígena deste média-metragem é Giger puro. Dele, também recomendo os curtas "High" e "Heimkiller", ambos de 1967.

Tampon Tango (Japão, 1984), de Masashi Yamamoto. Uma câmera na mão e um bando de atores e técnicos de cinema radicais. É cinema underground japonês, fino e elegante. Se você assistiu "Ai-naki mori de sakebe"[115] (2019), de Sion Sono, imagine aqui aquele filme que os cineastas fictícios estão fazendo.

Tetsuo (Japão, 1989), de Shin'ya Tsukamoto. Depois de passar alguns anos testando/criando suas técnicas cinematográficas em curtas como "Futsû saizu no kaijin" (1986) e "Denchû kozô no bôken" (1987), Tsukamoto conseguiu o dinheiro necessário – economizando de seu trabalho regular – para a produção de sua obra-prima *cyberpunk*. Ele e sua pequena equipe – a maioria dos técnicos abandonou o filme por considerarem um trabalho muito difícil – passaram um ano e meio filmando o *stop motion* com atores dentro de um pequeno apartamento transformado no set principal. Antes de montar o filme, o diretor, deprimido, chegou a considerar se não deveria queimar todos os negativos e esquecer aquela experiência horrível. "Tetsuo" se tornou a produção responsável pelo renascimento do cinema independente japonês.

The Alien Dead (USA, 1980), de Fred Olen Ray. Filme de terceira categoria que ensina como contratar astros do passado para estrelar sua produção bagaceira. É um dos últimos trabalhos de Buster Crabbe, que nas décadas de 1930/1950 estava nas séries cinematográficas do momento, como "Tarzan", "Flash Gordon" e "Buck Rogers" – a título de curiosidade, seu cachê em "The Alien Dead" foi de 2 mil dólares, metade do que recebia em 1940. Explore seus ídolos sempre que tiver a oportunidade.

[114] "Alien" (1979), de Ridley Scott.

[115] Também conhecido pelo título inglês de "The Forest of Love".

The Amazing Adventure of Marchello, The Cat (USA, 2008/2017), de Susan Helen Emerson. *Shot On Video* gravado na vizinhança da diretora com seu gatinho como astro principal. Um exemplo de como realizar um filme sem ajuda humana e sendo persistente em suas ideias de cinema amador. Acho-o um dos melhores filmes produzidos no século XXI.

The Astro-Zombies (USA, 1968), de Ted V. Mikels. Tura Satana e John Carradine estrelam essa *sci-fi* realizada sem nenhum tostão. Aqui tudo é amador, mas funciona muito bem, tanto que você não consegue desgrudar os olhos da tela. Ted V. Mikels iniciou na indústria de cinema como dublê, mas logo em seguida passou a escrever/produzir/dirigir seus próprios filmes.

The Big Shave (USA, 1967), de Martin Scorsese. Todo filmado num banheiro, é um ótimo exemplo de como decupar e ser dinâmico num cenário extremamente limitado.

The Body Shop (USA, 1972), de J.G. Patterson Jr. Filmaço *gore* feito por um dos técnicos de H.G. Lewis. E, de fato, "The Body Shop", que depois foi relançado com o título "Doctor Gore", poderia tranquilamente estar inserido no mundo dos filmes de Lewis/Friedman, dado suas semelhanças. William Girdler, diretor de clássicos como "Abby" (1974) e "The Manitou" (1978), é o responsável pela trilha sonora.

The Creeping Terror (USA, 1964), de Vic Savage. Produzido, dirigido e editado pelo ator Vic Savage com um micro-orçamento nas mãos. Para driblar o problema financeiro, contratou Allan Silliphant, irmão mais novo do famoso escritor Robert Silliphant, para escrever o roteiro, sabendo que seu sobrenome atraía investidores. Savage rapidamente espalhou a notícia de que Silliphant era o roteirista e vendeu inúmeras cotas do filme a pequenos investidores – em troca de uma parte dos lucros – e foi processado várias vezes antes mesmo do lançamento do filme por fraude. Duas histórias tragicômicas acompanham a produção de "The Creeping Terror". A primeira delas sobre o som do filme que, diz a lenda, foi perdido no lago Tahoe – o que justificaria o narrador do filme que explica sempre para o espectador o que os atores estariam falando –, história que seria facilmente desmentida pelo baixo orçamento do filme, já que Savage não teria dinheiro suficiente para gravar o som de maneira adequada. A segunda história diz que a primeira criatura desenvolvida para "The Creeping Terror" teria sido projetada por Silliphant e Jon Lackey e perdida pela produção – possivel-

mente foi roubada – e o diretor teve que recriar a criatura sem ajuda profissional e, assim, criou um dos monstros mais ridículos de toda a história do cinema[116].

The Cube (Canadá/USA, 1969), de Jim Henson. "The Cube" é um média-metragem produzido e dirigido por Jim Henson – antes de se dedicar exclusivamente ao "The Muppets" – que foi ao ar pela NBC TV num programa chamado "NBC Experiment in Television", com roteiro do próprio Henson, em parceria com Jerry Juhl, possivelmente baseado no conto "The Squirrel Cage" de Thomas M. Disch, publicado em 1967. É engraçado ver como alguns cineastas reciclam ideias e as filmam como se fossem suas sem o menor constrangimento. E o público, por falta de conhecimento das obras antigas, acha que está vendo algo original. Em 1997, Vincenzo Natali pegou o visual do filme de Henson e recriou "The Cube" com uma história que excluía o humor surrealista do original e incluía umas mortezinhas. Virou puro aborrecimento endeusado por uma geração que não estuda!

The Flicker (USA, 1965), de Tony Conrad. Veja no escuro completo e, talvez, você consiga ganhar um belo ataque epilético. O filme inicia com uma cartela, na qual se lê *"Aviso: o produtor, o distribuidor e os expositores renunciam a qualquer responsabilidade por danos físicos ou mentais possivelmente causados pelo filme 'The Flicker'. Como este filme pode induzir ataques epiléticos ou produzir sintomas leves de tratamento de choque em certas pessoas, você deve permanecer no cinema por sua própria conta e risco. Um médico deve estar presente"*. Jack Smith e Mario Montez foram os inspiradores do filme, após terem encontrado padrões alucinatórios na oscilação do projetor. A trilha sonora do filme foi composta num sintetizador que o diretor do filme construiu especialmente para o trabalho.

The Girl Who Returned (USA, 1969), de Lloyd Kaufman. Não é *trash*, não é cinema de arte, não é experimental: fica a sensação de que Lloyd ainda não sabia o que queria contar com seus filmes. Há um uso bastante interessante do som neste

[116] A cinebiografia "The Creep Behind the Camera" (2014), de Pete Schuermann, é sobre a tumultuada produção de "The Creeping Terror", mostrando o quanto Vic Savage era desequilibrado. A equipe do filme também não era santa; o assistente de direção Randy Starr, por exemplo, atingiu fama mundial alguns anos depois por ter sido o cara que conseguiu, para a Manson Family, a arma usada nos assassinatos envolvendo Sharon Tate.

filme. Apesar de possuir ótimos momentos de monguices, este não é um filme pros fãs do Lloyd Kaufman da *Troma*. É ruim, mas é bom!

The Heisters (USA, 1964), de Tobe Hooper. *"Este cinema anuncia que a próxima atração é ridícula!"*. É assim que inicia este curta fantástico. Tobe Hooper sempre teve um senso de humor ótimo. Visualmente apurado, edição dinâmica e ritmo frenético, "The Heisters" é muito, mas muito idiota – embora já revelasse um cineasta com grande domínio narrativo. "The Heisters" é uma espécie de cruza entre a Família Addams e os desenhos animados do Chuck Jones. Em tempo: "The Texas Chainsaw Massacre", também de Hooper, é um ótimo exemplo de como realizar uma abertura de filme genial sem grande orçamento.

The Homesteader (USA, 1919), de Oscar Micheaux. Foi o primeiro longa-metragem da história do cinema americano a ser escrito, produzido e dirigido por um afrodescendente, Oscar Micheaux[117]. Para produzir seu filme, Oscar fundou a *Micheaux Book and Film Company*, já com o intuito de se destacar produzindo somente filmes de longa-metragem – nos anos 1920 as sessões de curtas eram extremamente populares nos cinemas – e se utilizando de suas habilidades de empresário e vendedor, conseguiu negociar muitas cotas de sua primeira produção, levantando o orçamento necessário para produzi-lo de maneira independente. Cinema é resistência. Construa seu filme, independente das dificuldades.

The Horror of Party Beach (USA, 1964), de Del Tenney. Lixo atômico cria um pequeno exército de criaturas marinhas mutantes que atacam jovens nas festas de praia. Clássico do cinema de *drive-in*. No seu lançamento, Del Tenney recorreu a um *gimmick* que já havia sido utilizado por William Castle, quando mandou colocar anúncios em alguns jornais, nos quais afirmava: *"Para sua proteção, não vamos deixá-lo assistir a este chocante filme, a menos que você concorde em assinar um contrato que libera a responsabilidade deste cinema em caso de morte por medo!"*. Assim como Ray Dennis Steckler havia feito alguns meses antes ao lançar seu "The Incredibly Strange Creatures Who Stopped Living and Became Mixed-Up Zombies!!?", os produtores de "The Horror of Party Beach" também o divulgaram como o primeiro musical de horror já lançado, mas o fato é que nenhum dos dois

[117] Coleman, Robin R. Means. "Horror Noire". Darkside Editora. 2019.

filmes chega a ser um filme verdadeiramente musical, ambos possuem ótimas trilhas sonoras, e só! [118].

The Invasion of Thunderbolt Pagoda (USA, 1968), de Ira Cohen. Filme experimental todo filmado na lama e sujeiras diversas, com figurinos elaborados com restos de roupas jogadas fora. O diretor, Ira, também foi editor da revista literária "GNAOUA", que contava com colaborações de artistas como Jack Smith, Burroughs, Irving Rosenthal e muitos escritores *beatniks*.

The Lemon Grove Kids Meet the Monsters (USA, 1968), de Ray Dennis Steckler, Ted Roter e Ed McWatters. Com: Carolyn Brandt, Cash Flagg (Ray Dennis Steckler), Herb Robins, Bob Burns e Coleman Francis. Steckler é dono de um estilo bastante afetuoso de filmar; praticamente todos seus filmes parecem uma deliciosa peça de despretensão, onde a única preocupação era se divertir com os amigos do bairro. "The Lemon Grove Kids…", disfarçado de homenagem aos filmes dos The Bowery Boys [119], é um exemplo de como utilizar a falta de dinheiro a seu favor. Você percebe que quase nada foi modificado pela produção do filme na vizinhança onde gravaram, ficando um registro histórico maravilhoso do local, assim como a inventividade/agilidade da edição, que torna este pequeno filme em uma experiência de prazer. Há várias participações de figurinhas do submundo cinematográfico de Hollywood: Coleman Francis, diretor de "The Beast of Yucca Flats" (1961), interpreta as personagens de Big Ed e Mr. Miller; Herb Robins, diretor do inacreditável "The Worm Eaters" (1977), filme onde os atores comiam minhocas verdadeiras, interpreta Killer Krump; e Bob Burns, o lendário historiador do cinema de *sci-fi*/horror, está dentro das fantasias do gorila Kogar e da múmia maluca. É cinema caseiro da melhor espécie. Da obra de Ray Dennis Steckler, veja também: "Goof on the Loose" (1964), "Rat Pfink a Boo Boo" (1966) e "One More Time" (2009), este último uma extensão/continuação tardia de seu filme mais famoso, o *cult* "The Incredibly Strange Creatures Who Stopped

[118] O ator pornô Zebedy Colt – usando seu nome real, Edward Earle Marsh – compôs três músicas da trilha sonora, "Joy Ride", "The Zombie Stomp" e "You are not a Summer Love", todas executadas pela banda *The Del-Aires* (que é a banda que aparece no filme).

[119] The Bowery Boys foram personagens criados pelo ator Leo Gorcey para uma série de comédias distribuídas pela Monogram Pictures entre os anos de 1946 a 1958.

Living and Became Mixed-Up Zombies!!?" (1964).

The Lift (USA, 1972), de Robert Zemeckis. Primeiro curta de Zemeckis. É muito bem decupado, tem boas doses de humor negro e não utiliza efeitos digitais.

The Loch Ness Horror (USA, 1982), de Larry Buchanan. Com ajuda de seus familiares não familiarizados com técnicas cinematográficas, Buchanan – um especialista na arte de fazer filmes vagabundos – realizou uma das adaptações mais inacreditáveis do Monstro do Lago Ness. Inacreditável no sentido de "cara, não acredito que tô vendo essa joça!". Sem orçamento, ele filmou tudo no Lake Tahoe, que fica na região da Califórnia e em nada lembra as paisagens escocesas, onde fica o lago real. O Monstro foi criado com uma longa vareta que tinha uma cabecinha na ponta e é hilário, tanto que foi parodiado no filme episódico "As Amazonas da Lua"[120]. Veja todos os filmes que você conseguir de Larry Buchanan, que se autoproclamou um *schlockmeister*[121].

The Long Island Cannibal Massacre (USA, 1980), de Nathan Schiff. Essa produção é amadora, mas tudo nela funciona maravilhosamente bem, como se o espectador adentrasse num turbilhão do *gore* festivo na dimensão do Oz da serra elétrica estridente. Schiff começou a fazer filmes com seus vizinhos e colegas de escola aos 11 anos de idade. Aos 16 filmou seu primeiro longa, uma adorável *sci-fi* de horror, "Weasels Rip My Flesh"[122] (lançado em 1979), sobre uma doninha gigante, tão divertido quanto este.

The Raspberry Reich (Alemanha/Canadá, 2004), de Bruce La Bruce. Um grupo terrorista gay de esquerda, com uma líder feminista, sequestra o filho de um rico industrial. Insana amostra de como fazer um

[120] "Amazon Women on the Moon" (1987), de Joe Dante, John Landis, Carl Gottlieb, Peter Horton e Robert K. Weiss.

[121] O termo vem do inglês *schlock* – usado no cinema e TV para se referir a filmes e peças de muito má qualidade – combinado com o alemão *meister* – que significa mestre. *Schlockmeister* seria um *fornecedor de coisas baratas e inúteis*.

[122] O filme é cheio de ótimas soluções caseiras, consegue a façanha de fazer uma cena deliciosa de exploração de outro planeta com prendedores de cabelo virando escavadeiras e outros truques ótimos. Também apresenta um ataque de tubarão muito mais legal do que em qualquer produção da *Asylum*, *SyFy* ou Spielberg.

bom filme barato. Toda filmografia de La Bruce é extremamente interessante àqueles que queiram aprender como se faz um filme provocativo ultrabarato.

The Undertaker and His Pals (USA, 1966), de T.L.P. Swicegood. Comédia de humor demente. Seu corte original trazia cenas de operações reais, mas foram retiradas quando Ted V. Mikels comprou o filme para distribuí-lo.

The Wizard of Mars (USA, 1965), de David L. Hewitt. Hilária versão de "O Mágico de Oz" em ritmo de festa *sci-fi no budget*. Seu orçamento foi 30 mil dólares e, após a produção, a maioria de suas maquiagens foram usadas em outros filmes, como "Space Probe Taurus" (1965), de Leonard Katzman, dando uma amostra de como compartilhar suas misérias com mais sonhadores. O diretor, Hewitt, realizou um punhado de filmes vagabundos, mas acabou trabalhando para grandes estúdios como técnico de efeitos especiais, em filmes como "Superman 4: The Quest for Peace" (1987), de Sidney J. Furie, e "Willow" (1988), de Ron Howard. "The Wizard of Mars" também é conhecido pelo título alternativo "Horrors of the Red Planet".

The Wizard of Speed and Time (USA, 1979), de Mike Jittlov. Talvez o maior clássico de animação em *stop motion* já feito e responsável por apresentar seu diretor à comunidade cinematográfica americana. Em 1988 Jittlov transformou a ideia original do curta num longa-metragem igualmente genial. Recomendo que veja e estude ambos.

The Worm Eaters (USA, 1977), de Herb Robins. Espaguete, sorvete, hambúrgueres, cachorro-quente, tudo delicioso e feito de minhocas vivas. Essa experiência cinematográfica única irá fazê-lo repensar o sentido da vida. O próprio diretor interpreta a personagem que se comunica com as minhocas e, depois que é expulso da cidade, começa a colocar os vermes em tudo que é guloseima para se vingar da população do lugar.

Three Examples of Myself as Queen (USA, 1993), de Anna Biller. Meu filme preferido da cineasta feminista Anna Biller. São 3 episódios ótimos, mas a parte da rainha abelha é imperdível! De Anna, veja todos seus filmes.

Thundercrack! (USA, 1975), de Curt McDowell. Com: Marion Eaton, George Kuchar, Mark Ellinger, Melinda McDowell, Bernie Boyle e Curt McDowell (creditado como Pamela Primate). Ao seu modo único,

este filme é o "Cidadão Kane"[123] do cinema underground. Com roteiro do genial George Kuchar, baseado numa história do diretor McDowell e do ator Mark Ellinger, "Thundercrack!" é uma sátira extrema ao cinema clássico de Hollywood – em lindíssima fotografia em preto & branco, assinada pelo diretor do filme –, zoando sem dó com estrelas decadentes, melodramas baratos e até clássicos como "The Old Dark House" (1932), de James Whale. Também é o "passo além de Jack Smith e John Waters" do cinema underground, incluindo cenas de sexo explícito entre casais homo/heterossexuais. Em seu elenco, participação de Bernie Boyle, diretor de curtas como "The Assassination of Anita Bryant" (1976). George Kuchar faz o papel de Bing, trabalhador de um circo que transa bêbado com a gorila Medusa (interpretada pelo diretor do filme), que agora é uma gorila que odeia todos os homens porque não teve seu amor correspondido por Bing após a noite mágica de amor. Sobre George Kuchar, assista ao documentário "It Came from Kuchar" (2009), de Jennifer M. Kroot. George também era o guru de McDowell, um pintor/desenhista que encontrou no cinema independente sua forma máxima de expressão criativa/sexual.

Tohjiro – Lost Anal Virgin (Japão, 2002), de Tohjiro. Listei este filme porque ele dá novas perspectivas para o uso de câmeras, como incríveis *takes* feitos de dentro de um cu. A prova definitiva de que não há limites para o posicionamento de suas câmeras.

Torro. Torro. Torro! (USA, 1981), de Scott Spiegel e Josh Becker. Com produção de Bruce Campbell, este curta tem um ritmo narrativo ótimo, com uma decupagem de cenas muito bem feita. Ted Raimi, John Cameron e Robert Tapert estão no elenco.

Totally F*ed Up** (USA, 1993), de Gregg Araki. Primeira parte da trilogia do apocalipse adolescente de Araki, gravado sem equipe – Araki mesmo operava a câmera, acompanhado apenas do produtor e do operador de som. Exemplo perfeito de cinema de guerrilha.

Traité de bave et d'éternité (França, 1951), de Isidore Isou. Também conhecido pelo título em inglês, "Venom and Eternity", é um filme-provocação do Movimento Letrista. Montado com cenas de arquivo, imagens "encontradas" e imagens descartadas pelo Ministério da Defesa francês e por laboratórios de cinema. Tendo perdido o prazo de inscri-

[123] "Citizen Kane" (USA, 1941), de Orson Welles.

ção para o *Festival de Cinema de Cannes* daquele ano, Isou passou a perseguir incessantemente os organizadores do festival até que lhe permitissem exibir o filme. Veja também "Hurlements em faveur de Sade" (França, 1952), de Guy Debord, outra produção Letrista que antecipa ideias vistas no clássico "Blue" (Inglaterra/Japão, 1993), de Derek Jarman[124].

Un gatto nel cervello (Itália, 1990), de Lucio Fulci. Um exemplo genial de como pegar seus filmes do passado que foram fracassos de público e remontar tudo para parecer um novo filme. Fulci é dono de uma peculiar cinematografia cheia de clássicos do *gore* mundial. Se você gosta de *gore/splatter*, é o diretor que deve estudar.

United Trash (Alemanha, 1996), de Christoph Schlingensief. Com: Udo Kier, Kitten Natividad, Joachim Tomaschewsky, Peter Kern, Thomas Chibwe, Jonny Pfeifer e Jones Muguse. Talvez um dos filmes mais estranhos e poderosos já feito na história do cinema – daqueles que nunca vão ganhar a devida atenção dos críticos de cinema. A história envolve um general alemão que trabalha pra ONU (Udo Kier), casado com Martha Brenner (Kitten Natividad, musa do cineasta Russ Meyer), uma mulher que não ama, e seu amante fisiculturista (Jonny Pfeifer). Assim como a virgem Maria, Martha simplesmente aparece grávida e dá à luz ao novo messias (Thomas Chibwe), um anão com uma vagina na testa que ejacula amor. Um padre local (Joachim Tomaschewsky) vê na situação uma forma de lucrar e destruir o Vaticano, assim como um ditador africano (Jones Muguse), que quer destruir a Casa Branca. "United Trash" é polêmico e ofensivo, mas não é a bagunça que parece ser. Schlingensief amarra todo o caos narrativo num filme histérico com muitas sacadas geniais para contornar os problemas financeiros, aliado a uma edição inspirada em Russ Meyer. É um filme cheio de referências e críticas políticas, e é um filmaço com uma unidade artística que alça seu diretor ao patamar de antimestre cinematográfico. Christoph Schlingensief, além de cineasta, também foi diretor de teatro e artista performático, tendo encenado diversas óperas no Teatro Amazonas, em Manaus, e construído o Opera Village Africa, em Burkina Faso. Dele, veja

[124] Derek Jarman é outro diretor que você precisa conhecer toda a obra. "Jubilee" (1978), considerado por muitos o primeiro filme punk da história, é um perfeito exemplo de como gravar em terrenos baldios, casas abandonadas e periferias das grandes cidades.

também: “Tunguska – Die Kisten sind da” (1984), “100 Jahre Adolf Hitler – Die letzte Stunde im Führerbunker” (1989), “Das Deutsche Kettensägen Massaker” (1990) e “Die 120 Tage von Bottrop” (1997).

Vase de noces (Bélgica, 1974), de Thierry Zéno. Com: Dominique Garny. Uma das produções mais malditas da história do cinema, filmado na pocilga de uma fazenda decrépita, conta a história de um fazendeiro perturbado que se apaixona por sua porca e tem filhotinhos com ela. Assim que os porquinhos nascem, o fazendeiro tenta se aproximar deles para ser um bom pai, mas ao perceber que suas tentativas de dar amor falham, se enfurece e mata seus entes queridos com requintes de crueldade paternal. Como num bom drama familiar de Hollywood às avessas, a porca descobre seus filhotinhos assassinados e, desesperada, se suicida num lamaçal de fezes. Não se deixe enganar por este argumento, “Vase de noces” é uma produção séria e filmada com muitos cuidados técnicos, aproximando-o do cinema de arte. Aliás, o filme sobreviveu graças às sessões organizadas em museus, já que nunca chegou a ser lançado nos cinemas – na Austrália, por exemplo, continua proibido até hoje. Após essa produção, seu diretor partiu para a realização de documentários, como “Des Morts” (1979), filmado nos locais mais perigosos do mundo, e “¡Ya Basta! Le cri des sans-visage” (1997), sobre os zapatistas de Chiapas, México.

Video Violence (USA, 1987), de Gary P. Cohen. Um clássico do SOV americano. É estranho, é violento, é debochado, é visualmente excitante e incrivelmente bem-humorado, e, de seu modo torto, extremamente positivo. Foi distribuído pela *Camp Video* em VHS em todas as regiões dos USA e, até hoje, continua sendo o SOV americano mais bem-sucedido. Qualquer pretenso cineasta independente deve estudar este filme. “Video Violence 2” também é muito bom!

Violent Shit (Alemanha, 1989), de Andreas Schnaas. Um clássico do cinema *splatter*; ensina que, quando você não tem muito dinheiro, é melhor investir num roteiro mirabolante, exagerado em suas situações de extremo *gore*, e, assim, vai se destacar diante da mesmice dos comportados, tornando-se peça obrigatória. Este foi o primeiro filme de Schnaas, mas pode ir atrás de todas as obras dele porque é um filme mais divertido do que o outro. É o cinema *gore-fest* por definição.

Who Killed Captain Alex? (Uganda, 2010), de Nabwana I.G.G. Essa produção caseira se tornou um viral

de internet quando foi lançado, principalmente graças aos comentários hilários do VJ Emmie, que narra as desventuras dos atores na tela. O diretor, Nabwana, que foi homenageado no Brasil durante o *XVI Fantas-Poa*, é fundador da *Ramon Film Productions*, também conhecida como *Wakaliwood*, e responsável por intensa produção de SOVs em Uganda. Seus orçamentos são de cerca de 200 dólares por produção. "Bad Black" (2016), também de Nabwana, é ainda melhor e muito mais divertido!

Wild Gals of the Naked West (USA, 1962), de Russ Meyer. Com: Sammy Gilbert, Rusty Taylor, Jackie Moran e Julie Williams. Apesar de ser conhecido como cineasta erótico, Russ Meyer sempre teve um pé no cinema experimental – a edição alucinada da MTV dos anos 1990 deve, e muito, às edições de Russ. Aqui, na falta de um orçamento decente – ele gastou 26 mil dólares na produção –, suas personagens são engraçadas/zoadas e alguns cenários são pintados nas paredes – como as cenas que se passam no *saloon* –, dando ótimos exemplos de como contornar a falta de dinheiro. "Wild Gals..." é um *western* e conta a história da cidade sem nome onde todos os cidadãos são péssimos atiradores. Russ Meyer foi um mestre no quesito filmar clássicos de modo barato e inventivo. Dele, veja também: "The Immoral Mr. Teas" (1959), "Eve and the Handyman" (1961) e "Mondo Topless" (1966). Em tempo: se você curte *westerns*, não deixe de ver ainda "Lonesome Cowboys" (1968), da dupla Morrissey/Warhol.

Within the Woods (USA, 1978), de Sam Raimi. É o curta que botou a turma do Raimi em evidência, quando provaram que seus vários anos dedicados a fazer filmes caseiros na vizinhança com os amigos deram resultado. É o embrião do clássico "The Evil Dead" (1981), filmaço que precisa ser estudado por todo pretenso cineasta.

Woton's Wake (USA, 1963), de Brian De Palma. Produção bastante crua, mas eficiente. É o embrião de "Phantom of Paradise" (1974), estrelado por William Finley no papel de Woton – que depois também interpretou o fantasma do paraíso. É bem amador, mas cheio daquela energia fantástica que os cineastas iniciantes possuem.

Xenogenesis (USA, 1978), de James Cameron. *Sci-fi* de baixíssimo orçamento que funciona como um estudo de efeitos especiais para Cameron, que anos depois mudaria os rumos da indústria cinematográfica mundial. Há cenas que remetem ao "Aliens" (1986). Estude este curta.

You gui zi (Hong Kong/Malásia, 1976), de Meng-Hua Ho. Essa produção foi feita com um bom orçamento pela *Shaw Brothers*, mas listo aqui como exemplo de tipos de monstros bacanas que você pode criar no seu filme, sem estar preso aos monstros de sempre. Também conhecido pelo título inglês de "The Oily Maniac". "Monsturd"[125] e "The Greasy Strangler"[126] também são ótimas produções que mostram como criar assassinos diferentes.

Yuke Yuke nidome no shojo (Japão, 1969), de Kôji Wakamatsu. O diretor começou sua carreira nos estúdios da *Nikkatsu*, realizando "Pinku eiga". Discordâncias entre ele e a *Nikkatsu*, por conta do lançamento discreto de seu filme "Kabe no naka no himegoto"[127], o levaram a montar seu próprio sistema de produção de filmes completamente independente, quando passou a fazer cinema erótico político, geralmente com provocações gratuitas ao governo japonês, com o intuito de gerar propaganda às suas obras. "Yuke Yuke nidome no shojo" é uma de suas melhores produções e foi escrito por outros dois diretores de cinema extremo: Masao Adachi e Kazuo "Gaira" Komizu, ambos sob o pseudônimo de Izuru Deguchi.

Zaat (USA, 1971), de Don Barton e Arnold Stevens. Exemplar de filme barato que ganhou status de *cult* com o mercado de *home video* e TV. Zaat é todo ruim e errado, mas muito divertido! Jack McGowan, responsável pela fotografia, poucos anos depois seria o diretor de fotografia do clássico "Deranged" (1974), da dupla Jeff Gillen e Alan Ormsby. "Zaat" também é encontrado pelos títulos alternativos de "Blood Waters of Dr. Z", "Hydra" e "Attack of the Swamp Creatures".

Zombie Rampage (USA, 1989), de Todd Sheets. SOV curto e grosso de um dos diretores de cinema caseiro americano que você deve conhecer e estudar, principalmente para aprender como não fazer algumas coisas básicas de modo errado. Ou para aprender como se faz errado e se consegue um resultado fantástico de cada problema. Sheets realiza filmes amadores há quase 40 anos e é horrivelmente bom no que faz.

---

[125] "Monsturd" (2003), de Rick Popko e Dan West.

[126] "The Greasy Strangler" (2016), de Jim Hosking.

[127] No Ocidente, este filme é conhecido pelos títulos "Affairs Within Walls" e "Skeleton in the Closet".

THE FANTASTIC SPACE-AGE SHOCK SHOW
ULTRA-DEPTH
HOLD ME WHILE I'M NAKED
"THIS FILM DEFINITELY DOESN'T SUCK!"
OVERSEXED RUGSUCKERS FROM MARS!
THUNDER CRACK!
BADI
DECODER
JEROME
GAYRACULA
SWEET SWEETBACK
UNITED TRASH
NIGHT BEAST
BLACK DEVIL DOLL FROM HELL
STREET TRASH
JACK SMITH'S Flaming Creatures
DEATH CURSE OF TARTU
SPACE IS THE PLACE
THE RASPBERRY REICH
OUTLAW
SINS OF THE FLESHAPOIDS
EQUINOX
SUPERNATURAL
CHESTY MORGAN
73-32-36
"DEADLY WEAPONS"
BASKET CASE
STING OF DEATH
BLUE OMEGA
ROAR
Hard Rock ZOMBIES
ATTACK OF THE BEAST CREATURES
JAMES WHITWORTH
PAMELA BOTTARO
HARVEY SHAIN
CHARLOTTE SPEER
CHUCK PENNINGTON
MARY APPLESETH
MICHAEL THAYER
LORAE LAWLESS
DEANA WILDE
EL PLANETA DE LOS DINOSAUROS
SUPERCOUTRO
COULD THIS HAPPEN AT YOUR VIDEO STORE?
Video Violence
...When renting is not enough!!
DADDY
DADISMO
DOROTHEAS-RACHE
SWEET MOVIE
MONDO TRASHO
DIVINE
VASE DE NOCES

CANIBAL
FILMES
RIP
POMBA

SUBSTÂNCIAS DO UNDERGROUND

PETTER BAIESTORF

Kanibaru Sinema não é só feito de trabalhos! Prezamos muito a diversão e celebrações da amizade. Nossos combustíveis geralmente são cervejas produzidas por amigos – não dê dinheiro à grande indústria, dê aos seus amigos –, caipirinhas e deliciosas pizzas.

Como cozinhar para os amigos é a maior demonstração de amor que você pode dar para as pessoas que admira, segue nossa receita de pizza para espalhar alegria:

Massa de Pizza

Ingredientes:

2 xícaras de farinha de trigo;

1 colher de sopa de azeite de oliva;

1 xícara de água morna;

1 colher de sopa de fermento biológico;

1 colher de chá de cachaça.

Modo de Preparo:

Misture em uma tigela a farinha e o azeite. Coloque o fermento, misture bem; coloque a cachaça, misture. Coloque a água aos poucos (talvez não precise de toda a água) e misture bem. Trabalhe com as mãos até obter uma massa homogênea e que desgrude das mãos. Faça uma bola, cubra com um pano de prato e deixe repousar por 30 minutos. Abra a massa com um rolo ou com as mãos em uma forma. Pode ser pré-assada por 5 minutos ou já recheada e assada ao ponto.

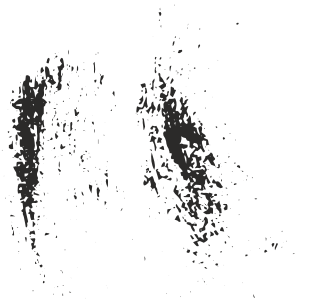
Recheio:

Faça com ingredientes de sua preferência. Eu faço-as vegetarianas, hoje em dia excluindo até o queijo. Meu molho de tomate é feito de tomates frescos e algum azeite bacana, muito alho, manjericão e orégano. Um toque mais violento de pimenta.

Se você usa queijos ainda, após espalhar o molho coloque o queijo, seguido de shitake refogado em azeite, azeitonas, cebola e orégano. Leve para assar.

Para beber enquanto faz a pizza e conta histórias engraçadas para os amigos, sugiro caipirinha.

Receita da Caipirinha Kanibaru:



Ingredientes:

2 limões;

Pinga artesanal de algum agricultor;

Açúcar;

Gelo.

Modo de preparo:

Esprema os limões num copo. Coloque gelo em cubinhos até encher o copo. Acrescente 5 colheres (de chá) de açúcar. Encha o copo de cachaça artesanal. Misture ao seu gosto. Enfeite com rodelinhas de limão. Beba sem moderação.

E na hora de comer a pizza, aconselho harmonizar com uma boa cerveja artesanal IPA ou um vinho bacana – mas se quiserem ficar bêbados, qualquer cerveja ou vinho serve.

Boa confraternização com alegria, risos, transas[128] e uma linda sessão de Kanibaru Sinema!

[128] Fazer sexo por amor ou amizade é a melhor forma de enganar o capitalismo. Diversão sem pagamento de impostos e utilizando-se de um tempo que você não está consumindo nada além da celebração da vida e o "amar o próximo" que os cristãos tanto esquecem.

LEYLA BUK

O MAIOR ERRO DE UM VELHO É ACHAR QUE AS GERAÇÕES MAIS JOVENS SÃO INÚTEIS;

O MAIOR ERRO DE UM JOVEM É ACHAR QUE TODOS OS VELHOS SÃO AUTORITÁRIOS COMO SEUS PAIS!

UNAMO-NOS!!!

PETTER BAIESTORF

CANIBAL FILMES

apresenta

O MONSTRO LEGUME DO ESPAÇO

GORE

TERROR

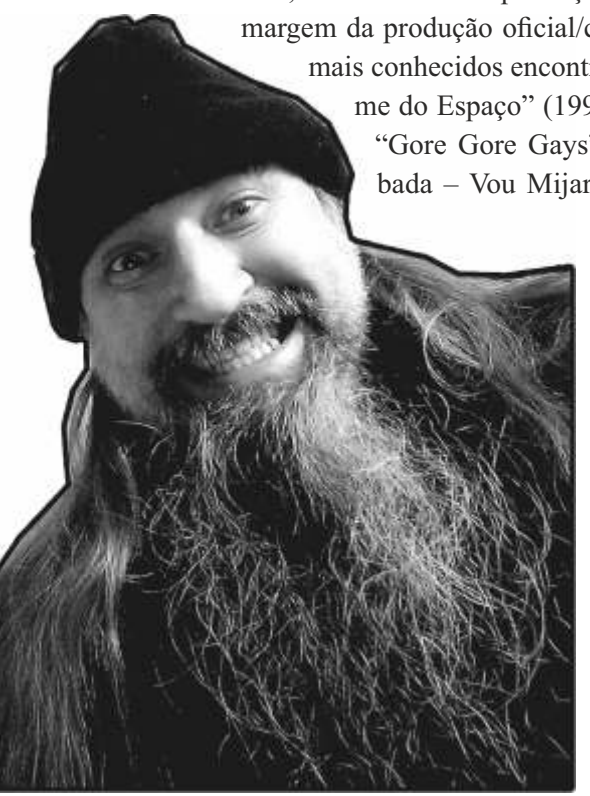
MONSTROS

Clássico do Shot-On-Video brasileiro!

CANIBAL PRODUÇÕES APRESENTA: "O MONSTRO LEGUME DO ESPAÇO" Com: LOURES JARNEK*ONÉSIA LIUTTO*LEOMAR WAZLAWICK*E.B.TONIOLLI* MARCOS BRAUN*IVAM POHL*JORGE HIPPLER Participação Especial: CESAR SOUZA*MARCELO SEVERO*ALFREDO DE BORTOLLI Edição Final: FREDERICO ZINGLER Figurinos: SUZANA MANICA Música-Tema: LÚCIA ALVES Cenário: JORGE TIMM*CLAUDIO BAIESTORF Efeitos Especiais: LEOMAR WAZLAWICK (CORE C.G.EFEITOS) Produção Executiva: PETTER BAIESTORF*LEOMAR WAZLAWICK*CLAUDIO BAIESTORF*JORGE TIMM Produção: PETTER BAIESTORF*LEOMAR WAZLAWICK Música-Fotografia-Roteiro-Direção: PETTER BAIESTORF Canibal 1995

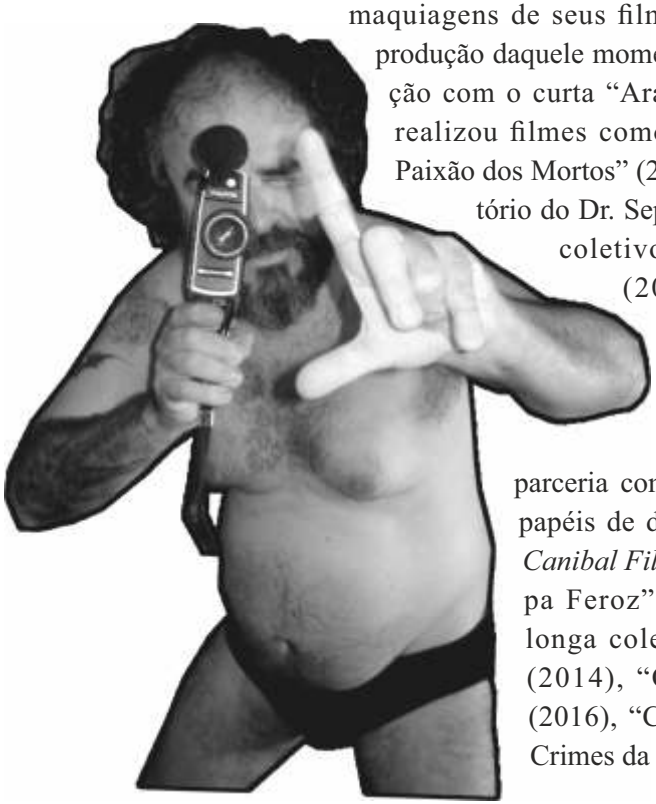
R RESTRICTED

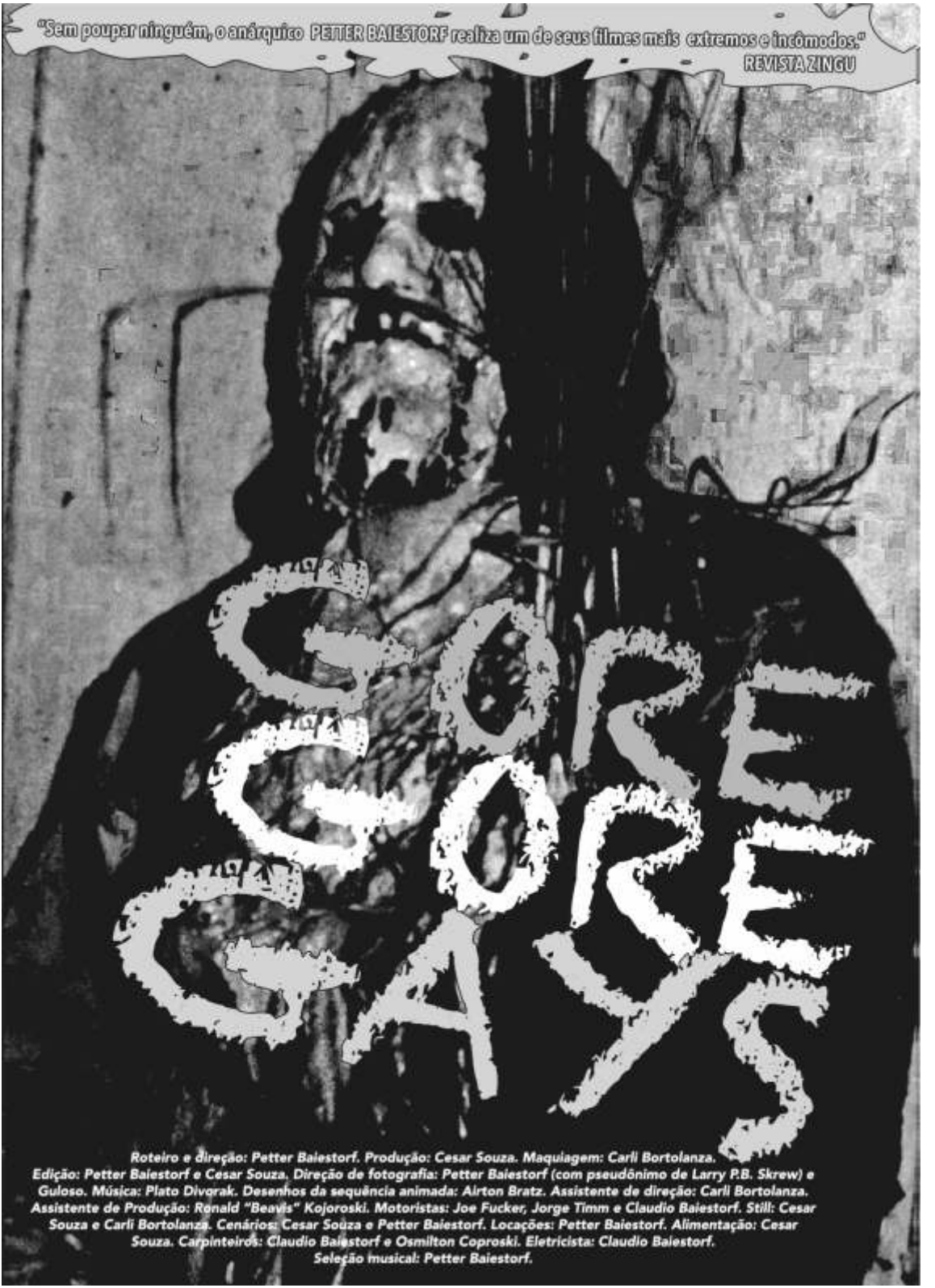
AUTORES



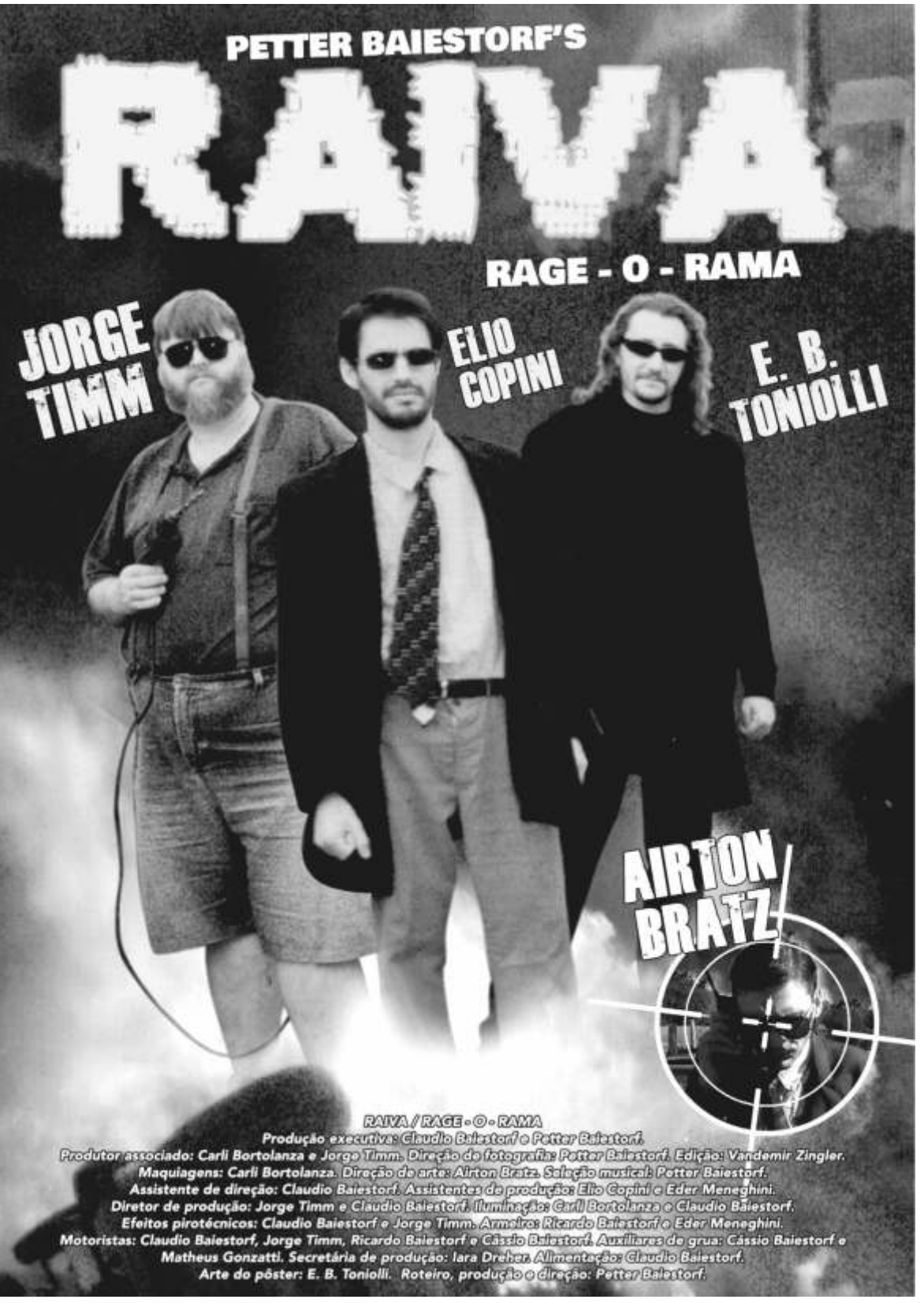
Petter Baiestorf – criou a Canibal Filmes em 1991 e, desde então, realiza cinema underground sem leis de incentivo fiscal ou qualquer tipo de editais culturais, mantendo suas produções *Shot On Video* completamente à margem da produção oficial/comercial brasileira. Entre seus filmes mais conhecidos encontram-se títulos como "O Monstro Legume do Espaço" (1995), "Eles Comem Sua Carne" (1996), "Gore Gore Gays" (1998), "Zombio" (1999), "Arrombada – Vou Mijar na Porra do seu Túmulo!!!" (2007), "Vadias do Sexo Sangrento" (2008) e "Zombio 2 – Chimarrão Zombies" (2013). Paralelo à produção cinematográfica, é editor de fanzines – "Arghhh" foi seu zine mais conhecido –, experimentador sonoro – seu principal projeto se chama *U* –, e escritor de livros, como "Manifesto Canibal" (2004) e "Canibal Filmes – Os Bastidores da Gorechanchada" (2020). Também foi ator em filmes como "Nocturnu" (1998), "O Sonho Segue Sua Boca" (2008), "A Noite do Chupacabras" (2011) e "Você, Morto" (2018).

Coffin Souza (ou Cesar Souza) – Começou a produzir curtas-metragens em Super 8 no início da década de 1980, com destaque para "Edgar e o Corvo" (1983). Com a extinção da bitola, se afastou das produções até 1995, quando conheceu Petter Baiestorf e se tornou produtor/ator/técnico de maquiagens de seus filmes, mantendo uma intensa produção daquele momento em diante. Voltou à direção com o curta "Arachnoterror" (1996) e ainda realizou filmes como "Quadrantes" (2004), "A Paixão dos Mortos" (2011) e o episódio "O Laboratório do Dr. Sepúlveda", que integra o longa coletivo "13 Histórias Estranhas" (2015). Na década de 1990, editou os fanzines "Suspiria" e "She Demons", assim como o "Brazilian Trash Cinema", este último em parceria com Baiestorf. Como ator, teve papéis de destaque em muitas obras da *Canibal Filmes* e produções como "Pampa Feroz", episódio de Baiestorf no longa coletivo "As Fábulas Negras" (2014), "O Colecionador de Sacis" (2016), "Cinco Cálices" (2017) e "Os Crimes da Rua do Arvoredo" (2020).





Roteiro e direção: Petter Baiestorf. Produção: Cesar Souza. Maquiagem: Carli Bortolanza. Edição: Petter Baiestorf e Cesar Souza. Direção de fotografia: Petter Baiestorf (com pseudônimo de Larry P.B. Skrew) e Guloso. Música: Plato Divgrak. Desenhos da sequência animada: Airton Bratz. Assistente de direção: Carli Bortolanza. Assistente de Produção: Ronald "Beavis" Kojoroski. Motoristas: Joe Fucker, Jorge Timm e Claudio Baiestorf. Still: Cesar Souza e Carli Bortolanza. Cenários: Cesar Souza e Petter Baiestorf. Locações: Petter Baiestorf. Alimentação: Cesar Souza. Carpinteiros: Claudio Baiestorf e Osmilton Coproski. Eletricista: Claudio Baiestorf. Seleção musical: Petter Baiestorf.



RAIVA / RAGE - O - RAMA

Produção executiva: Claudio Baiestorf e Petter Baiestorf.
Produtor associado: Carli Bortolanza e Jorge Timm. Direção de fotografia: Petter Baiestorf. Edição: Vandemir Zingler.
Maquiagens: Carli Bortolanza. Direção de arte: Airton Bratz. Seleção musical: Petter Baiestorf.
Assistente de direção: Claudio Baiestorf. Assistentes de produção: Elio Copini e Eder Meneghini.
Diretor de produção: Jorge Timm e Claudio Baiestorf. Iluminação: Carli Bortolanza e Claudio Baiestorf.
Efeitos pirotécnicos: Claudio Baiestorf e Jorge Timm. Armeiros: Ricardo Baiestorf e Eder Meneghini.
Motoristas: Claudio Baiestorf, Jorge Timm, Ricardo Baiestorf e Cássio Baiestorf. Auxiliares de grua: Cássio Baiestorf e Matheus Gonzatti. Secretária de produção: Iara Dreher. Alimentação: Claudio Baiestorf.
Arte do pôster: E. B. Toniolli. Roteiro, produção e direção: Petter Baiestorf.

NOSSOS APOIADORES NO CATARSE

A realização desse livro só se tornou possível com o fabuloso apoio das seguintes pessoas abaixo:

Adilson Engel, Adriano Charlison, Adriano Ladeira Vannucchi, Adriano Sabino, Affonso Henriques, Alan Barros Nogueira, Alan Cassol, Alemão Izneique, Ales de Lara, Alex L.C., Alex Santos de Queiroz, Alexander Vasquez, Alexandre Galvão, Alexandre Prochnow, Alice Maria Marinho Rodrigues Lima, Ana, Carolina Ballan Sebe, Anderson Luiz Silva, André Bozzetto Jr., André Gorium, André LDC, André Meiches Reichhardt, Andrea Firmino, Andrei Mamede, Angela JP, Aristides Rudnick Jr, Armando Fonseca, Artie Oliveira, Augusto Zeiser, Barbi Cauzzi, Beatriz da Silva Fraga Nunes, Beck Maurício, Binho Miranda, Bruno Rieder Cholak, Cæsar Charone, Calebe Lopes, Camilo Rangel, Camilo Skrok, Caresia Rm, Carli Roger Bortolanza, Carlos André Krakhecke, Carlos Augusto Pitombeira, Carlos Primati, Carlos Thomaz do Prado Lima Albornoz, Cássio F. Lemos, Célia Harumi, Cesar Lopes Aguiar, Cid Vale Ferreira, Cíntia Dutra, Cristiano dos Passos, Daniel Abrantes, Daniel Caetano, Daniel Corrêa Selao, Daniel Nitzsche Starling, Daniel Simoes, Daniel T. Hassegawa, Danielle Borges, Danilo Gonçalves, Denis Quartim De Blasiis, Deódico Pasini, Diego Scariot, Diogo Hayashi, Ed O, Edgar Franco, Edgar Soares, Editora Monstro dos Mares, Editora Via Sestra, Edivaldo Ap. de Paula Almeida, Edmar “Totem” Alves, Edu Baphomet, Eldon Xavier, Elias C.J., Eliete Borges Lopes, Eliseu Demari, Elson Bruno Toniolli, Eric Ricardo Bianchini Freitas, Everton Luis dos Santos (Corvo), Fabio Eduardo Gestas Chadad, Fabio Ferreira, Fabio Pereira Soares, Fábio Vellozo,

Fabrício Pereira Lourenço Soares, Fátima Lourenço Soares, Fernanda de Miranda, Fernando Antonio Saldanha Pires, Fernando de Oliveira Leão, Fernando Theodosio Costa, Filipe Marcus, Flávio Campos von Sperling, Flávio do Vale Ferreira, Flávio Karras, Frederico Silva de Souza, Frieda Walker, Gabriel Assis Fonseca, Gio Mendes, Glauber Kiss de Souza, Guilherme Borges (A Privada Cult), Guilherme Freiberger, Guilherme Furutani, Guilherme Malo Maschke, Guinski Rodrigo, Gurcius Gewdner, Gustavo Sala, Henrique Marcondes Nuzzi, Heraclito Maia, Hügo Mendigo, Iara Dreher, Ismael Godoy, Itamar Alves de Araujo Junior, Jean de Santana, Jean Dorgan, Jean Luca Vedovato dos Santos, Jefferson Assunção, Jéssica Concon, João Eduardo Herzog, João Pinheiro, João Ricardo Cararo Lazaro, Jonathan Rodrigues Carvalho, Jorge Castro, Jorge Tibilletti de Lara, José Antônio de Castro Cavalcanti, José Pignat, Jota Bosco, Juan Carlos Leite Cardoso, Juan Oliveira, Juares Chagas Filho, Julia de Sousa Dias, Julia Menezes, Juliano Luz de Lima, Julio Bona, Junior Saldanha, Karol Lohmann, Kurtulus, L.A. Tecau, Laiane Lopes, Lauri Eduardo dos Santos, Leonardo Marques, Leonardo Miranda, Leopoldo Tauffenbach, Letícia P Carvalho, Leyla Buk, Lilian Cristina Silveira da Cruz, Lobo Ramirez, Lucas Borges Rossetti Souza, Lucas Cartaxo, Luciana Kani, Luciano de Miranda,Luciano Marzocca, Lucio De Franciscis dos Reis Piedade, Lucio Medeiros, Luis Sobral, Luis Xavier, Luiz Gustavo “Insekto” Vargas, Lyz Padula, Maíra Coraci, MandelaBoy Mandela, Marcelo Barra, Marcelo Crasso, Marcelo Engster, Marcelo Miranda, Marcelo Severo, Marcia Cristina de Oliveira, Márcio Jota Coelho, Márcio Mário da Paixão Júnior, Marcio Pandolfi, Marcos Tupinambá, Marcus Franca, Maria Eduarda Mesquita, Mariana Tzaschel Cardozo, Marko Panayotis, Mateus Felipe Socha, Mateus Silva Camargo, Matheus Fortuna, Matheus Marchetti, Menos Playstation, Morgana Jahnke, Mundo Bzzarro Distro, Oscar Nestarez, Oswaldo Marchi, Otavio Pereira, Patty Fang, Paulo Abraão de Almeida Pinto, Paulo Andre Reiners Terron, Paulo Henrique Cavagnari, Paulo Oliveira, Paulo Roberto, Pedro Alexandre Dobbin, Pedro Alves, Pedro Junior da Luz Teixeira, Pedro Luis Bello Daldegan, Pedro Schmitt, Pery Lemke, Putr-essence Filmes & Vídeos, Queops Negronski, Rafael João Scharf, Rafael Mariano Gonçalves, Ramiro Giroldo (Astaroth Produções), Rangel Orsatto Spagnol, Ranulpho, Raphael Fernandes, Renato

Augusto Aguiar de Oliveira, Renato José Galavoti Filho, Ricardo Machado, Roberto Henrique dos Santos Teva, Roberto Panarotto, Roberto Ridley, Rodolfo Stancki, Rodrigo Adriano Leonardi, Rodrigo Noé de Souza, Rodrigo Pallú Martins, Rodrigo Romanin, Rogerio Paes Garcia, Rogerio Saladino, Ronald Perrone, Rubens Mello, Sean Leonard, Tales de Azevedo e Vasconcellos, Talita Abreu, Ted Rafael Araujo Nogueira, Telmo Rodrigues de Castro, Thiago Augusto Faria da Silva, Thiago Borne, Thiago Lagarto, Thiago Splatter, Tiago Miranda, Tiago Santos, Tiago Silveira, Valter Junior, Vander Colombo, Vinícius Batista, Vinicius José dos Santos, Vitor Diniz Kneipp, Weaver Ferreira Lima, Wender Zanon, Yúri Koch.

DESDE 2012 FAZENDO
O RAIV* NO BRASIL!

RAIS ÓDIO

menos playstation

BOICOTE AS MEGACORPORAÇÕES
DO ENTRETENIMENTO! JOGUE
VIDEOGAME INDEPENDENTE!

VISITE NOSSOS LINKS:
apoia.se/menosplaystation
patreon.com/menosplaystation
menosplaystation.itch.io
twitter.com/menosplay
instagram.com/menosplaystation
facebook.com/menosplaystation

*Red & Anarchist Independent Videogame